

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICA



O MARCADOR DE NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA
AGORA
NOS DIALECTOS DO PORTUGUÊS EUROPEU

Sílvia Afonso Pereira

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Ana Maria Martins

2010

*Houve, por exemplo, uma mulher que, durante alguns meses,
conseguiu assenhorear-se dos pensamentos do nosso herói
pela maneira individualíssima e inimitável
com que sabia dizer aquele gracioso àgora minhoto,
tão levemente criticado pela gente da capital.*

Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*

Abstract

This dissertation has as its object of analysis the metalinguistic negation marker *agora*, studying its syntactic behaviour under a dialectal perspective. Starting from the concept of metalinguistic negation proposed by Horn (1985, 1989) and from further research on that topic developed by Martins (2010a, forthcoming) for the European Portuguese (EP) language, with this project we intend to achieve the following goals: (i) to prove that the word *agora* must be considered a metalinguistic negation marker (according to Horn 1985, 1989); (ii) to prove that, following Martins (2010a, forthcoming), *agora* is a peripheral metalinguistic negation marker; (iii) to present empirical evidence that proves the existence of dialectal variation relatively to the metalinguistic negation marker *agora*; (iv) to expose the properties that clearly distinguish the syntactic behaviour of the marker *agora* in the Minho dialect from other dialectal areas, and to present a detailed description of constructions with *agora* in that dialect.

The data from this research shows - widely - the existence of phenomena indicating the dialectal variation concerning the marker *agora*, as is the case of the different position in which, depending on the dialect, the marker occurs in the sentence, and the possibilities of co-occurrence with different types of constituents. It is suggested that those differences derive from different syntactic representations. More specifically, it is stated that even though *agora* is associated, in any dialect, with the area of CP, in the Minho dialect *agora* shows the particularity of being a first position element occurring in Spec, ForceP (according to Rizzi's, 1997, terminology).

The empirical basis for this dissertation is grounded essentially on the author's intuitions (a native speaker of the Minho dialect), having resorted to data and contributions from other speakers.

By putting into evidence the clear relation between *agora* and the left periphery of the sentence, this dissertation consolidates the conclusions that have been reached by works such as the ones by Drozd (2001) and Martins (2010a, forthcoming) on the syntax of metalinguistic negation markers of the peripheral kind, contributing to the still scarce research on metalinguistic negation syntax. On a parallel level, it allows for a growth in knowledge concerning syntactic variation in Portuguese dialects.

Keywords: metalinguistic negation, peripheral/internal metalinguistic negation markers, left periphery, dialectal variation

Resumo

Esta dissertação tem como objecto de estudo o marcador de negação metalinguística *agora*, analisando o seu comportamento sintáctico sob uma perspectiva dialectal. Partindo do conceito de negação metalinguística proposto por Horn (1985, 1989) e dos trabalhos sobre esse tema realizados por Martins (2010a, no prelo) para o Português Europeu (PE), pretendemos com este trabalho atingir os seguintes objectivos: (i) provar que a palavra *agora* deve ser considerada um marcador de negação metalinguística (segundo Horn 1985, 1989); (ii) provar, na linha de Martins (2010a, no prelo), que *agora* é um marcador de negação metalinguística do tipo periférico; (iii) apresentar evidência empírica que comprova a existência de variação dialectal relativamente ao marcador de negação metalinguística *agora*; (iv) apontar as propriedades que nitidamente distinguem o comportamento sintáctico do marcador *agora* no dialecto do Minho de outras áreas dialectais, e apresentar uma descrição detalhada das construções com *agora* naquele dialecto.

Os dados desta investigação mostram, amplamente, a existência de fenómenos indicadores de variação dialectal relativamente ao marcador *agora*, como é o caso da diferente posição que, consoante o dialecto, o marcador ocupa na frase, e das possibilidades de co-ocorrência com diferentes tipos de constituintes. Propõe-se que essas diferenças decorrem de diferentes representações sintácticas. Mais concretamente, defende-se que embora *agora* esteja associado, em qualquer dialecto, ao domínio de CP, no dialecto minhoto *agora* apresenta a particularidade de ser um elemento de primeira posição que ocorre em Spec, ForceP (de acordo com a terminologia de Rizzi 1997).

A base empírica desta dissertação assenta essencialmente nos juízos da autora do trabalho (que é falante nativa do dialecto minhoto), tendo-se recorrido adicionalmente a outros dados e a juízos de outros falantes.

Ao evidenciar a nítida relação entre *agora* e a periferia esquerda da frase, esta dissertação consolida as conclusões a que trabalhos como os de Drozd (2001) e Martins (2010a, no prelo) têm chegado sobre a sintaxe dos marcadores de negação metalinguística do tipo periférico, contribuindo para as ainda escassas investigações sobre a sintaxe da negação metalinguística. Paralelamente, permite alargar os conhecimentos sobre variação sintáctica nos dialectos do português.

Palavras-chave: negação metalinguística; marcadores de negação metalinguística periféricos/internos; periferia esquerda; variação dialectal

Agradecimentos

Quero agradecer, profundamente, à minha orientadora, por todo o rigor e profissionalismo com que seguiu este trabalho. Sem a sabedoria dos seus conselhos e sem a sua incansável disponibilidade para desfazer as minhas dúvidas, o resultado desta dissertação não seria, certamente, este.

Agradeço, também, a todos os professores com quem pude contactar no decorrer do mestrado, por me terem permitido reunir condições de chegar até aqui. Aos professores e investigadores que me acompanharam no CLUL devo, também, um agradecimento, por todas as partilhas e pelas reflexões que, mesmo inconscientemente, me proporcionaram. À Amália Mendes agradeço, sobretudo, a sua interminável generosidade. Merece também uma palavra especial de agradecimento a professora Fernanda Pratas, pelo interesse e entusiasmo com que olhou para este projecto e pela sua preocupação.

Obrigada às colegas de mestrado, por todas as cumplicidades: Ana, Raquel, Raïssa, Clara, Catarina e, naturalmente, Noemi. Agradeço em especial a ajuda da Catarina. À Clara, estar-lhe-ei eternamente grata: pela paciência e por todo o apoio, que tem sido constante e inestimável.

Como não podia deixar de ser, agradeço a todos os colegas e amigos do NLX. As horas alegres e descontraídas foram e são impagáveis. Agradeço, sobretudo, os conselhos e a ajuda do João, da Sara, do Francisco (e, de novo, da Catarina e da Clara!).

Não esqueço cada uma das amigas e companheiras de dança. Foram as experiências trocadas todos os dias, as imensas conversas, as amizades sinceras e as danças conjuntas que me fizeram sentir em casa e chegar até aqui.

Agradeço, genuinamente, à minha família, sobretudo aos meus pais. Não tenho como agradecer aos dois a ajuda incondicional que até hoje me deram (e que seguramente vão continuar a dar), e a confiança que sempre depositaram em mim. Muito obrigada particularmente à Rosa, não só pelo carinho mas também pela contribuição essencial que deu a este trabalho. Obrigada também à Nó, ao Felas e ao Ivo, por terem sido, também eles, uma família.

E obrigada ao Tiago. Por tantas vezes ter lidado com o meu (mau) humor e por me ter ajudado a encontrar este caminho.

Aos meus pais

Índice

0. Introdução	1
1. A Negação Metalinguística	
1.1 Introdução	5
1.2 Negação metalinguística	5
1.2.1 Horn e a definição do conceito	6
1.2.2 A análise de Martins e os contributos para o PE	13
1.2.2.1 A existência de marcadores exclusivos de negação metalinguística (ex.: <i>cá/lá</i>)	13
1.2.2.2 Marcadores de negação metalinguística periféricos (<i>uma ova</i>) e internos (<i>lá/cá</i>)	16
1.2.3 Outras abordagens	20
1.3 Conclusão	22
2. O Marcador de Negação Metalinguística <i>Agora</i> e a Variação Dialectal	
2.1 Introdução	25
2.2 Negação regular e negação metalinguística: <i>agora</i> como marcador de negação metalinguística	25
2.3 Marcadores de negação metalinguística periféricos e internos: <i>agora</i> como marcador periférico	29
2.4 Variação dialectal relativamente ao marcador <i>agora</i> : propriedades diferenciadoras	36
2.4.1 Contexto legitimador	36
2.4.2 Ordem de palavras: a oposição pré-verbal/pós-verbal	40
2.4.3 Formação de <i>clusters</i>	41
2.5 O marcador <i>àgora</i> do dialecto do NO de Portugal	42
2.5.1 Ordem de palavras	42

2.5.2 Elipse, polaridade, foco contrastivo e proeminência discursiva	46
2.5.2.1 Elipse	49
2.5.2.2 Polaridade	56
2.5.2.3 Foco contrastivo e proeminência discursiva	62
2.5.2.3.1 As estruturas do tipo [<i>àgora</i> +V+X]	63
2.5.2.3.2 As estruturas do tipo [<i>àgora</i> +X+V]	68
2.5.3 Outras propriedades do marcador <i>àgora</i> : verbo principal e a cópula <i>ser</i> na negação metalinguística com <i>àgora</i>	78
2.6 Conclusão	80
3. A Estrutura Sintáctica do Marcador de Negação Metalinguística <i>Agora</i>	
3.1 Introdução	83
3.2 Análise estrutural de marcadores de negação metalinguística: propostas existentes	83
3.2.1 Martins (2010a)	84
3.2.2 Drozd (2001)	86
3.3 A posição estrutural de <i>àgora</i>	89
3.3.1 A periferia esquerda	89
3.3.2 As codificações discursivas de <i>àgora</i> : a relação com Force	93
3.3.3 <i>Àgora</i> e Spec, ForceP	100
3.3.4 O traço [+exclamativo] de <i>àgora</i>	106
3.4 <i>Àgora/agora</i> : a diferenciação estrutural e a derivação dos contrastes existentes	111
3.5 Conclusão	112
4. Conclusão	115
5. Referências Bibliográficas	119

0. Introdução

O trabalho que aqui se inicia inscreve-se no tema da negação metalinguística, conceito posto em evidência na literatura como resultado dos trabalhos de Laurence Horn (1985, 1989): “metalinguistic negation [is] a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever (...), a speaker’s use of negation to signal his or her unwillingness to assert, or accept another’s assertion of, a given proposition in a given way; metalinguistic negation focuses not on the truth or falsity of a proposition, but on the assertability of an utterance” (Horn, 1989:363).

Partindo desse conceito, apresentamos, nesta dissertação, um estudo sobre o marcador de negação metalinguística *agora* nos dialectos do português europeu (PE). Na linha dos trabalhos realizados por Martins (2010a, no prelo) sobre os marcadores de negação metalinguística *cá/lá* e *agora*, pretende-se levar a cabo uma investigação sintáctica centrada neste último marcador, de forma a evidenciar os contrastes dialectais existentes relativamente a esse elemento enquanto marcador de negação metalinguística. O nosso objectivo central é estudar as particularidades do marcador de negação metalinguística *agora* no dialecto da região Noroeste (NO) de Portugal,¹ para o qual não há, ainda, nenhum trabalho realizado. As frases em (1) ilustram o tipo de construções de que nos vamos ocupar. Trata-se de ocorrências em que a palavra *agora*

¹ Relativamente aos dialectos estudados neste trabalho importa deixar claro que consideramos apenas duas áreas: a área dialectal do NO de Portugal, concretamente a região do Alto Minho (o que na classificação dialectal de Cintra (1971) corresponde, aproximadamente, à variedade do Baixo Minho e Douro Litoral) e uma área correspondente aos dialectos centro-meridionais. Note-se, contudo, que utilizamos o termo “centro-meridionais” de uma forma genérica, por oposição a dialecto do NO, tendo optado pela designação “centro-meridionais” pelo facto de nos termos apoiado essencialmente nos juízos de uma falante do centro-sul para descrever as estruturas desse dialecto que contrastam com as construções produtivas no Minho. Parece-nos que essa designação faz sentido porque os dados encontrados para o marcador *agora* mostram que o NO de Portugal se isola relativamente ao resto do país, e que as construções produtivas no dialecto centro-meridional parecem estender-se também aos restantes dialectos (não há, porém, fronteiras definidas a esse nível, mas esse não é o objectivo deste trabalho). Repare-se, por exemplo, que os dialectos transmontanos e beirões foram excluídos da análise, mas alguns dados encontrados no *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) mostram que estes dialectos se aproximam da descrição que obtivemos para o centro-sul, reforçando-se a ideia de que o dialecto minhoto se isola, nesta matéria, das restantes áreas dialectais.

surge despojada do valor de advérbio temporal, codificando uma interpretação de negação metalingüística (no sentido proposto por Horn 1985, 1989):

(1) A: Está a chover.

B: a. Está *agora*. [resposta produtiva nos dialectos centro-meridionais]

b. *Àgora*² está. [resposta produtiva no dialecto do Minho³]

Veja-se como o exemplo apresentado mostra, já, alguns contrastes dialectais. Nesse sentido deve esclarecer-se, antes de mais, que no dialecto do Minho a palavra *agora* é produzida, quando usada para expressar negação metalingüística, sem elevação da vogal átona inicial – ([a'gɔrɐ]), por oposição ao advérbio temporal no mesmo dialecto ([ɐ'gɔrɐ]) – sendo por essa razão que aparece grafada com acento (i.e. *àgora*) neste trabalho. Aliás, repare-se que essa era, efectivamente, a grafia da palavra em textos literários do século XIX, conforme atesta o *Corpus do Português* de Mark Davis e Michael Ferreira (nesses exemplos constata-se que a palavra *agora* ocorre não com o valor de advérbio temporal mas, precisamente, com interpretação metalingüística):

(2) a. Pois sim; mas escuta. – *Àgora* escuto, que tenho mais que fazer. (Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa*)

b. Foi para te fazer o feitiço no jaqué. – *Àgora* foi, coitada da pobre rapariga que é tão boa! (Camilo Castelo Branco, *Maria Moisés*)

c. Mas, se inda agora vim das presas, onde fui lavar a roupa? – Pobre pequena – disse o Zé P'reira – também não te há-de faltar lazeira, também! – A mim? *Àgora!* Não que eu não saí de casa com as algibeiras vazias. (Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*)

Além desta diferença prosódica básica, o exemplo exposto em (1) torna visível outro contraste: a existência de uma posição pré-verbal (cf. (1-B-b)) e outra pós-verbal (cf. (1-B-a)), típicas do dialecto minhoto e dos dialectos centro-meridionais,

² Sempre que, neste trabalho, nos referirmos ao uso metalingüístico da palavra *agora* no dialecto do Minho ela será grafada desta forma, por ser produzida sem elevação da vogal átona inicial, por oposição ao advérbio temporal do mesmo dialecto e por oposição às variantes centro-meridionais (nestes dialectos a palavra *agora* é sempre produzida com elevação da vogal átona inicial).

³ Não desconsideramos a hipótese de as construções do tipo de (1-B-a) ocorrerem muito marginalmente no dialecto do Minho. Contudo, a opção produtiva nesse dialecto é a opção (1-B-b), pelo que é essa a construção que aqui iremos analisar.

respectivamente. Discutiremos, ao longo deste trabalho, este e outros contrastes sintácticos observados entre o dialecto minhoto e os dialectos centro-meridionais. Uma parte do trabalho será, pois, descritiva, na medida em que se apresentam detalhadamente os factos linguísticos identificados, mas o objectivo passa, também, por encontrar uma explicação teórica para os factos descritos, pelo que faremos uma proposta de representação estrutural para o marcador *agora* que derive os contrastes apontados.

Esta dissertação estrutura-se em três partes essenciais. No primeiro capítulo, que serve de enquadramento teórico, introduz-se o conceito de negação metalinguística, ao mesmo tempo que se apresenta uma síntese dos trabalhos relevantes sobre esse tema (sobretudo Horn 1985, 1989 e Martins 2010a, no prelo) e se apontam as diferenças entre este tipo de negação e a negação regular (de acordo com Horn 1985, 1989).

No capítulo 2 mostra-se de que forma a palavra *agora* pode, na linha de Horn (1985, 1989), ser considerada um marcador de negação metalinguística e evidencia-se, na senda de Martins (2010a, no prelo), que *agora* é considerado um marcador de negação metalinguística periférico. Ainda nesse capítulo, pomos a tónica nas propriedades que diferenciam o marcador *agora* característico do dialecto minhoto do marcador *agora* dos dialectos centro-meridionais.

Por fim, no capítulo 3, apresentamos uma proposta de análise estrutural para o marcador *agora*, argumentando que embora nos dois dialectos o marcador seja directamente gerado na periferia esquerda da frase (i.e., no domínio de CP), há diferentes posições estruturais para cada um deles: diferentemente do que ocorre nos dialectos centro-meridionais, *àgora* é, no dialecto minhoto, um elemento de primeira posição que ocorre em Spec, ForceP (na terminologia de Rizzi 1997).

De forma a perseguir os objectivos apontados, esta investigação apoiou-se, essencialmente, nos juízos da autora do trabalho (falante nativa do dialecto minhoto), tendo-se recorrido, adicionalmente, a juízos de outros falantes.⁴ O recurso a dados de *corpora* foi também considerado. Começámos por recolher informação de *corpora* disponíveis online, como o *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN), o *Corpus do Português* de Mark Davies e Michael J. Ferreira e o *Corp-oral*. Realizaram-se, ainda, pesquisas (vãs) no *CetemPúblico*, no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, no corpus *Coral*, no corpus *Redip* e no corpus do *Projecto*

⁴ Para a descrição do dialecto minhoto recorreu-se, ocasionalmente, a uma falante nativa desse dialecto. Quanto ao que designamos por dialectos centro-meridionais, a descrição apoia-se essencialmente numa falante do centro-sul (tendo sido também considerados, adicionalmente, juízos de uma falante da região centro e de um falante do dialecto algarvio).

Floresta Sintáctica. Porém, a escassez de dados em *corpora* relativamente ao marcador produtivo no dialecto do Minho levou a que considerássemos como principal base de sustentação do trabalho uma análise introspectiva, legitimada pela eliciação de juízos de outros falantes. Nalguns casos, servimo-nos ainda de ocorrências registadas em fontes da internet, que identificaremos devidamente à medida que forem apresentadas.

Sintetizando, este estudo representa uma abordagem sintáctica do tema da negação metalinguística, sob uma perspectiva dialectal. Dessa forma, além de ser uma investigação que se crê necessária num contexto apenas incipiente de estudos sintácticos sobre negação metalinguística,⁵ é um trabalho que pode, igualmente, trazer contributos positivos à também relativamente jovem área da sintaxe dialectal.

⁵ A literatura existente mostra que os trabalhos realizados sobre este tema o abordam, quase exclusivamente, sob uma perspectiva semântica e pragmática. Além dos trabalhos de Martins (2010a, no prelo) sobre negação metalinguística para o PE, apenas o trabalho de Drozd (2001) apresenta, entre os trabalhos disponíveis, uma abordagem também sintáctica da negação metalinguística.

1. A Negação Metalinguística

1.1 Introdução

O primeiro objectivo deste capítulo é apresentar o tema com o qual se relaciona esta investigação: a negação metalinguística, tal como foi definida por Horn (1985, 1989). Nesse sentido, numa primeira parte expõe-se o trabalho que, em termos teóricos, mais contribuiu para a definição do conceito de negação metalinguística (cf. Horn 1985, 1989) e evidencia-se de que forma este tipo de negação se distingue, segundo Horn, da negação regular (cf. 1.2.1.). Uma vez esclarecido o conceito com o qual vamos trabalhar, importa, essencialmente, apresentar o trabalho desenvolvido por Martins (2010a, no prelo) para o PE (cf. 1.2.2.). Neste ponto, mostra-se que a autora dá conta da existência, nesta língua, de marcadores de negação metalinguística não ambíguos (como é o caso de *cállá*) e da possibilidade de se classificar os marcadores de negação metalinguística enquanto internos (*cállá*) e periféricos (*uma ova*).⁶

Tendo explicitado estas questões, poderemos, no capítulo que se segue, mostrar de que forma elas se relacionam com *agora* e explorar as particularidades desse marcador no dialecto do NO de Portugal.

1.2 Negação metalinguística

De forma a apresentar convenientemente o tema da negação metalinguística, dividimos esta subsecção em três pontos centrais. Num primeiro momento introduz-se, essencialmente, o trabalho de Horn, seguindo-se o trabalho de Martins (2010a, no prelo). Na parte final faz-se uma síntese da contribuição de outros autores para o estudo da negação metalinguística (nomeadamente, Drozd 2001 e Carston 1999).

⁶ Também *agora* é, segundo Martins (2010a, no prelo), um marcador de negação metalinguística (sendo que este deve ser considerado periférico, ao passo que *cállá* são internos). Contudo, nesta fase do trabalho deixaremos de parte esse marcador. Tendo em conta que *agora* é o nosso objecto de estudo, e de forma a expor com clareza o que pretendemos evidenciar relativamente a esse elemento, reservam-se para o segundo capítulo as tarefas de descrever, detalhadamente, o marcador *agora* e de demonstrar a sua relação com a negação metalinguística.

1.2.1 Horn e a definição do conceito

Na literatura disponível, é essencialmente sob o ponto de vista semântico e pragmático que o tema da negação metalinguística tem merecido interesse. É obrigatório referir, a esse nível, o trabalho de Horn (1985, 1989), já que foi com ele que a negação metalinguística ganhou destaque na literatura. Em *A Natural History of Negation*, o autor chama a atenção para este tipo particular de negação e define-a da seguinte forma: “Metalinguistic negation [is] a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever (...), a speaker’s use of negation to signal his or her unwillingness to assert, or accept another’s assertion of, a given proposition in a given way; metalinguistic negation focuses not on the truth or falsity of a proposition, but on the assertability of an utterance”. (Horn, 1989:363)

Na verdade, apesar de ter sido Horn que tornou visível este tema, deve dizer-se que o autor retoma, adapta e desenvolve, no seu trabalho, o conceito de negação metalinguística que já havia sido introduzido por Ducrot (1972, 1973). Este autor tinha já definido a negação metalinguística por oposição à negação descritiva. Tal como refere Horn, “for Ducrot (1972:33ff), descriptive negation constitutes a comment on facts and preserves presuppositions. Metalinguistic (aka. polemic) negation comments on utterances and challenges or rejects presuppositions” (cf. Horn 1989:425). Distinguindo-a da negação regular, Ducrot definia, assim, negação metalinguística enquanto “un rejet d'une affirmation préalable (implicite ou explicite)⁷” (cf. Ducrot 1973:240).

Por outro lado, há memória de outras referências, na literatura, a formas de negação distintas da negação regular que Horn assume serem próximas da negação metalinguística por ele descrita. Vejam-se, por exemplo, as referências de Horn a Jespersen: “As Jespersen observes (...), there is an 'exceptional' or marked reading available for scalar negation, (...) Jespersen's exceptional reading can be considered, along with at least some instance of so-called semantic external negation (...), as a metalinguistic use of the negative operator” (cf. Horn 1989:632). Horn cita, igualmente, Karttunen e Peters (1979), salientando a observação dos autores relativamente à

⁷ De acordo com Horn (cf. Horn 1989:427), também Gross (1977) menciona a existência de uma “negação contrastiva”, que, segundo Horn, corresponde directamente à negação metalinguística de Ducrot (1972, 1973).

existência de uma negação contraditória (*contradiction negation*), por oposição à negação regular (*ordinary negation*) (cf. Horn 1989:367-369).

Voltemos, então, à definição de Horn que expusemos acima. Para o autor – que preserva a ideia de “rejeição” apontada por Ducrot – a negação metalinguística representa um uso especial da negação, que reflecte, invariavelmente, uma objecção relativamente a determinado aspecto de uma asserção anterior (sem implicar, obrigatoriamente, a sua falsidade). Esse facto comprova-se se observarmos alguns exemplos de negação metalinguística apresentados em Horn (1989):

- (3) A: Some men are chauvinists.
B: Some men aren't chauvinists – all men are chauvinists.
- (4) A: He is meeting a woman this evening.
B: No, he is not (meeting a woman this evening) – he's meeting his wife!
- (5) A: They had a baby and got married.
B: They didn't have a baby and get married, they got married and had a baby.

Falsidade e assertibilidade

Um dos aspectos centrais da definição de Horn diz respeito à distinção entre falsidade e assertibilidade.⁸ Convém esclarecer desde já que, segundo Horn, ao contrário da negação regular, a negação metalinguística não implica, necessariamente, a falsidade da proposição sobre a qual se estabelece um comentário. Mesmo assumindo-se que essa situação pode acontecer, a negação metalinguística regista, sobretudo, uma objecção relativamente à assertibilidade de uma asserção. Vejamos, pois, o que isso quer dizer.

O autor explica que utiliza a noção de *assertável* no sentido proposto por Grice (1967) e Dummett (1973). Na linha de Grice (1967), que distingue as noções “truth” e “assertability”, Dummett refere: “we have no negation of the conditional of natural language, that is, no negation of its sense: we have only a form for expressing refusal to assent to its assertion” (cf. Dummett 1973:330). Horn sublinha que é precisamente este

⁸ *Truth vs. Assertability*, nas palavras de Horn (cf. Horn 1989:377-379).

o sentido que atribui à negação metalinguística. Tendo em conta este contraste, o autor acrescenta: “the notion ASSERTABLE, as employed by Grice, Dummet and me, must be taken as elliptical for something like 'feliculously assertable' or 'appropriately assertable', where the adverbial hedge is broad enough to cover the wide range of examples under consideration here (...). But the distinction drawn by Grice and Dummet between rejecting a claim as false and rejecting it as (perhaps true, but) unassertable suggests the proper approach for characterizing the two uses of negation” (cf. Horn 1989:379).

Sintetizando, Horn assume seguir o raciocínio exposto em Dummet (1973), de forma a tornar evidente a não obrigatoriedade de se negar (no sentido lógico do termo) a proposição: «Dummett (1973:28-30) is on the right track in characterizing this use of negation as 'means of expressing an unwillingness to assert “A”’, without necessarily constituting a willingness to deny 'A'» (cf. Horn 1989:421).

Se observarmos os exemplos em (3)-(5), constatamos, efectivamente, que nas opções B se expressa, segundo Horn, não uma negação da verdade da proposição afirmativa correspondente, mas uma recusa relativamente à aceitação dessa proposição na forma em que foi formulada; há, pois, uma rejeição relativamente à sua assertibilidade, já que a objecção tem a ver com a recusa do falante em integrar no *common ground* discursivo determinado aspecto da asserção.

Tomando como exemplo a frase (6-B), a intenção do falante não é negar que o sujeito ao qual a frase se refere tenha três filhos (pelo que não se trata de uma negação descritiva); pretende-se, antes, manifestar uma objecção quanto à forma da proposição antecedente (i.e., (6-A): considera-se que (6-A) não é *assertável* porque a pessoa tem quatro filhos e a negação regular acarretaria a implicação de um número de filhos inferior a três, pois só nesse caso a correspondente proposição afirmativa – ‘ele tem três filhos’ – seria falsa.

(6) A: He has three children.

B: He doesn't have three children, he has four.

Note-se que, de acordo com o autor, este tipo de objecção inerente à negação metalinguística pode incidir sobre os mais variados aspectos: “[metalinguistic negation is] a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever, including the

conventional or conversational implicata it potentially induces, its morphology, its style or register, or its phonetic realization” (cf. Horn 1989:363).

Assim, quer o exemplo em (7) abaixo (típico caso de negação metalingüística, que mantém sob reserva um aspecto particular da proposição que se contesta), quer o exemplo em (8) (que denota uma objecção especificamente quanto à forma morfológica/fonética de uma palavra) são considerados exemplos deste tipo de negação.⁹

- (7) Chlamydia is not “sometimes” misdiagnosed, it is frequently misdiagnosed.
- (8) It's not your 'pronunciation' you need to work on – it's your pronunciation. (adapted from L. Carlson 1983:196)

A ambiguidade da negação

Atentemos, agora, noutro ponto essencial da descrição de Horn. De acordo com o autor, uma das particularidades da negação metalingüística é ser pragmaticamente ambígua, já que, segundo defende, não existe, nas línguas em geral, um marcador exclusivo para expressar este tipo de negação:¹⁰ “No language contains two operators corresponding exactly to descriptive and marked negation, whether the later is to be characterized as an external semantic operator or (as urged here) a metalingüistic use of basic negation. At the same time, every language contains at least one negative morpheme which can be used either descriptively (to form a negative proposition) or metalingüistically (to reject a previous utterance) [...]” (cf. Horn 1989:442).

Ainda que para o inglês seja, de facto, o operador *not* que veicula a negação regular (cf. (9)) ou qualquer outro tipo de negação, como a metalingüística (cf. (10)), deve referir-se desde já que, conforme mostra o trabalho de Martins (cf. Martins 2010a, no prelo), este não é o caso do PE, que dispõe de marcadores exclusivos para expressar negação metalingüística (ainda que *não*, no português, possa manifestar o mesmo tipo de ambiguidade que *not*, no inglês).¹¹

⁹ Exemplos de Horn (1989).

¹⁰ Horn faz apenas uma breve referência à possibilidade de as línguas expressarem negação metalingüística através de expressões idiomáticas não ambíguas como *like hell*, *like fudge*, *yo' mama*, etc. (cf. Horn 1989:566).

¹¹ Veja-se a secção 1.2.2.1.

- (9) The girl is not happy.
 (10) Some men aren't chauvinists – all men are chauvinists.

O facto de no inglês a negação metalinguística se expressar, tal como a negação regular, através do marcador *not* leva, pois, o autor a chamar a atenção para a ambiguidade da negação e a salientar estratégias que normalmente se usam na expressão da negação metalinguística, de forma a desfazer a ambiguidade: “[...] a felicitous utterance involves contrastive intonation with a final rise within the negative clause (...), followed by a continuation in which the offending item is replaced by the correct item in the appropriate lexical, morphological, and phonetic garb – a RECTIFICATION,¹² to borrow the label of Anscombe and Ducrot (1977)” (cf. Horn 1989:374).

Conforme referimos, Horn nota, inclusivamente, que esta ambiguidade que decorre da inexistência de marcadores exclusivos de negação metalinguística é visível, à semelhança do inglês, em várias outras línguas. Os exemplos apontados pelo autor dão conta de estratégias utilizadas pelas línguas para codificar a negação metalinguística, contornando a ambiguidade. Vejamos alguns casos.

A propósito do Hindi e do Punjabi, o autor refere: “the basic negative markers in Hindi and Punjabi (...) take on a special contrastive function when they appear in postverbal position” (cf. Horn 1989:437)).

Mas o autor refere ainda o caso russo, explicando que a expressão de negação metalinguística exige, necessariamente, uma frase rectificativa: “in Russian, metalinguistic negation typically involves the combination of a postverbal negative marker (the regular negation *ne*) combined with an obligatory rectification clause introduced by the SN connective *a* (cf. Horn 1989:437).

Já no caso da língua francesa, verifica-se a existência de uma posição específica do marcador *non (pas)* de modo a expressar negação metalinguística: “French *non (pas)*, positioned immediately before the item in the focus of negation, must be

¹² Na verdade, como o próprio Horn refere, há nas construções de negação metalinguística uma natureza contrastiva (que leva, frequentemente, a uma rectificação): “We have seen that metalinguistic uses of negation tend to occur in contrastive environments” (cf. Horn 1989: 402); “The cleft form [...] is another characterizing device for realizing a metalinguistic negation, an unsurprising fact given the focusing nature of both operations.” (cf. Horn 1989:435). Conforme poderemos comprovar no segundo capítulo desta dissertação, uma das particularidades das construções com *agora* é, precisamente, a presença de uma leitura contrastiva. Ainda sobre a rectificação mencionada por Horn, ver a secção 1.2.3, onde se apresenta a análise de Carston (1998, 1999) e se comenta a relação da continuação rectificativa com as construções de negação metalinguística.

interpreted metalinguistically, while *ne ... pas* allows both descriptive and metalinguistic functions” (cf. Horn 1989:440).

Ainda que Horn refira o caso do japonês como parecendo exibir uma construção específica para este tipo de negação (segundo Horn, essa construção será *wake de wa nai*, conforme descrita por Kato 1985), o autor mantém a ideia de que nenhuma língua apresenta marcadores exclusivos para negação metalinguística.¹³

Partindo desta ideia de ambiguidade associada à negação, Horn aponta um conjunto de testes que servem para identificar a negação metalinguística, testes esses que apresentamos a seguir.

Testes para distinguir a negação metalinguística da negação regular¹⁴

(i) Obrigatoriedade de legitimação discursiva

Tendo em conta que a negação metalinguística é, tipicamente, a rejeição da assertibilidade de uma asserção prévia, uma das formas de distinguir a negação metalinguística da negação regular é a presença de um contexto anterior: esse contexto é exigido pela negação metalinguística mas não pela negação regular. Os exemplos abaixo mostram que advérbios do tipo de *pretty/somewhat/rather* apenas podem ocorrer numa frase negativa com um contexto prévio que legitime uma interpretação metalinguística: “The members of this category [*pretty/somewhat/rather*, etc.] (...) do not ordinarily take well to negation. (...) The negations (...) become more plausible when the context permits a metalinguistic interpretation” (cf. Horn 1989:401).

- (11) a. ??He isn't {*pretty/somewhat/rather*} tall. [sem contexto prévio]
 b. A: He is {*pretty/somewhat/rather*} tall.
 B: He isn't {*pretty/somewhat/rather*} tall – he's humongous.

¹³ Apesar do caso japonês e de, como faz notar Martins (2010a), as línguas disporem, em geral, de “expressões idiomáticas capazes de codificar de forma não ambígua a negação metalinguística”, não parece comum, de facto, existirem marcadores não ambíguos. Sobre a excepção do caso português, veja-se, neste capítulo, a secção 1.2.2.1.

¹⁴ Os exemplos apresentados são todos de Horn (cf. Horn 1989:368ff), também reproduzidos em Martins (2010a, no prelo).

Os restantes testes apresentados mostram, eficazmente, que a negação regular e a negação metalinguística evidenciam comportamentos distintos relativamente à presença de itens de polaridade. Assim, o segundo teste mostra a compatibilidade da negação metalinguística com IPPs (por oposição à negação regular) e o terceiro revela a sua incapacidade de legitimar IPNs (também em contraste com a negação regular) – “metalinguistic negation is neither an active trigger of NPIs nor a passive countertrigger or inhibitor of PPIs” (cf. Horn 1989:397).

(ii) Compatibilidade com Itens de Polaridade Positiva (IPPs) fortes

A compatibilidade de IPPs fortes apenas com a negação metalinguística evidencia-se nos exemplos (12)-(13). O IPP *already* provoca a agramaticalidade da frase (12), onde *not* exprime negação regular. Em (13), no entanto, o contexto discursivo torna possível interpretar a negação presente em (13-B) como metalinguística e, assim sendo, a presença do IPP *already* passa a ser possível.¹⁵

(12) *The Sox haven't already clinched the pennant. [sem contexto prévio]

(13) A: The Sox have already clinched the pennant.

B: The Sox haven't already clinched the pennant. [rejeição enfática da asserção prévia]

(iii) Incapacidade de legitimar Itens de Polaridade Negativa (IPNs)

Por outro lado, a negação metalinguística não é capaz de legitimar IPNs, diferentemente do que acontece com a negação regular. No exemplo (14), enquanto a negação regular da frase (B-a) legitima o IPN *any*, a negação metalinguística de (B-b) não permite a ocorrência do IPN (mantendo antes o IPP *some*, retomado da asserção prévia, (14-A)). Note-se que em (14-B-b) é a continuação rectificativa que desfaz a ambiguidade, forçando a interpretação metalinguística da negação.

¹⁵ «As Baker (1970:169) puts it, affirmative polarity items (*already, would rather, could just as well, ADV pretty, far – er*) are acceptable when ‘they represent, word by word, an emphatic denial of a preceding speaker’s assertion’» (Horn 1989:397).

(14) A: Chris managed to solve some problems.

B: a. Chris didn't manage to solve *any* problems,

b. Chris didn't manage to solve {*some/*any* problems} – he solved them easily.

Vimos então, até aqui, a definição do conceito de negação metalinguística segundo Horn (1985, 1989) e os testes que, segundo o mesmo autor, identificam este tipo de negação. Na secção que se segue, estes mesmos testes serão aplicados a frases do PE com *cá/lá* de forma a provar a existência, nesta língua, de marcadores não ambíguos de negação metalinguística (cf. Martins 2010a, no prelo). Acrescentar-se-á, ainda, a contribuição desta autora para o estudo da negação metalinguística ao evidenciar a distinção entre marcadores de negação metalinguística periféricos e internos (cf. 1.2.2.2).

1.2.2 A análise de Martins e os contributos para o PE

Avancemos, então, com os trabalhos de Martins (2010a, no prelo) sobre negação metalinguística, mostrando a existência, em português europeu, de marcadores exclusivos de negação metalinguística (como *lá/cá*) e evidenciando a distinção entre marcadores periféricos (*uma ova*) e internos (*cá/lá*).

1.2.2.1 A existência de marcadores exclusivos de negação metalinguística (ex.: *cá/lá*)

Conforme vimos na secção anterior, Horn destaca o facto de não existirem, nas línguas, marcadores que expressem, exclusivamente, negação metalinguística. O trabalho de Martins (2010a, no prelo) – o estudo de referência para o PE sobre este tema e, provavelmente, a principal referência em termos de abordagem sintáctica da negação metalinguística – vem, contudo, colocar em evidência que as palavras *lá/cá*,¹⁶ que em português podem exprimir negação, exprimem não a negação regular mas sim, e exclusivamente, negação metalinguística tal como foi definida por Horn (1985, 1989).

A descrição de Horn torna evidente que o marcador *not* funciona, para o inglês, quer como marcador de negação regular, quer como marcador de negação metalinguística. De facto, Martins salienta que, tal como no caso do inglês, também em

¹⁶ E *agora* também. Contudo, conforme já foi mencionado, deixaremos a análise desse marcador para o segundo capítulo.

PE e, de resto, em todas as línguas “o marcador de negação proposicional pode, num contexto apropriado, ter interpretação metalingüística”. A autora sublinha, por outro lado, que “as línguas dispõem, em geral, de expressões idiomáticas capazes de codificar de forma não ambígua a negação metalingüística”,¹⁷ que ocorrem geralmente na periferia da frase (seja na posição final ou na inicial). Eis os exemplos de Martins (2010a) para inglês, espanhol e português, respectivamente:

- (15) a. *Like hell* Al and Hilary are married.
 b. Al and Hilary are married *my eye*. (cf. Drozd 2001:55)
- (16) a. Canta bien *tu tia*.
 b. *Tu tía* si que canta bien. (León Acosta, c. p.)
- (17) a. Ela canta bem *uma ova*.
 b. *Uma ova* é que canta bem.

Ora, o trabalho da autora mostra que as palavras *cá/lá* funcionam, tal como essas expressões idiomáticas, como marcadores não ambíguos de negação metalingüística, sendo que *cá/lá* exibem ainda a particularidade, aparentemente não comum na generalidade das línguas, de ocorrerem em posição interna à frase. Apresentamos, abaixo, os testes de Horn que Martins adapta e aplica a *cá/lá* no sentido de comprovar a natureza metalingüística desses marcadores.

(i) Obrigatoriedade de legitimação discursiva

Segundo a autora, as frases (18) e (19), sendo “produzidas numa situação de fala que inicia uma conversa (ou estabelece uma mudança de tópico) descrevem um estado de coisas e a negação que as integra pode apenas ser interpretada como negação proposicional”. Por essa razão, “*cá/lá* não podem substituir nestas frases o marcador de negação *não*” (cf. Martins 2010a). Sendo marcadores não ambíguos e exclusivos de negação metalingüística requerem, portanto, um contexto legitimador.

¹⁷ Cf. Martins (2010a).

- (18) a. Ah, *não* trouxe a carteira. Pagas-me o café?
 b. *Ah, trouxe *lá/cá* a carteira. Pagas-me o café?
- (19) a. Hoje *não* estás com boa cara. O que se passa?
 b. *Hoje estás *lá/cá* com boa cara. O que se passa?

(ii) Compatibilidade com IPPs fortes

Os seguintes exemplos de Martins mostram que os IPPs fortes, como as expressões idiomáticas *e pêras* e *do diabo*, não podem ocorrer em frases negativas mas são compatíveis com a negação metalinguística. O facto de essas expressões ocorrerem apenas em frases declarativas afirmativas e não em frases negativas ou interrogativas mostram a sua natureza de IPPs fortes. Por outro lado, o facto de *e pêras* e *do diabo* poderem co-ocorrer com os marcadores *cá/lá* mostra que *cá/lá* são, efectivamente, marcadores de negação metalinguística.

- (20) a. Ele é um nadador *e pêras*.
 b. *Ele *não* é um nadador *e pêras*. [Sem antecedente discursivo]
 c. *Ele é um nadador *e pêras*?
 d. Ele é *lá/cá* um nadador *e pêras*. [Como resposta a (20a)]
- (21) a. Tiveste uma sorte *do diabo*.
 b. **Não* tiveste uma sorte *do diabo*.
 c. *Tiveste uma sorte *do diabo*?
 d. Tive *lá/cá* uma sorte *do diabo*! [Como resposta a (21a)]

(iii) Incapacidade de legitimar IPNs

A autora mostra, por outro lado, que os IPNs *ninguém*, *nem morta* e *de todo* são legitimados pelo marcador de negação proposicional *não* mas não pelas palavras *lá/cá*. Este contraste é mais uma prova de que *lá/cá* devem ser considerados marcadores de negação metalinguística.

- (22) A: Tu é que conheces uma pessoa que sabe arranjar isto.
 B: a. Eu *não* conheço *ninguém* que saiba arranjar isso.
 b. Eu conheço *lá/cá* alguém/**ninguém* que saiba arranjar isso.
- (23) A: Hoje vais sair comigo.
 B: a. Eu *não* saio contigo *nem morta*.
 b. **Eu saio lá/cá* contigo *nem morta*.
- (24) A: Eu sei que tu gostas de marisco.
 B: a. Eu *não* gosto de marisco *de todo*.
 b. **Eu gosto lá/cá* de marisco *de todo*.

Martins apresenta, ainda, um teste adicional para distinguir a negação metalinguística da negação regular. Segundo a autora, apenas esta última pode ocorrer em frases subordinadas:¹⁸

- (25) A: O Pedro disse que vendeu o carro.
 B: a. O Pedro disse *lá/cá* que vendeu o carro.
 b. O Pedro *não* disse que vendeu o carro.
 c. **O Pedro disse que vendeu lá/cá* o carro.
 d. O Pedro disse que *não* vendeu o carro.

1.2.2.2 Marcadores de negação metalinguística periféricos (*uma ova*) e internos (*lá/cá*)

Nesta subsecção apresentamos outro contributo de Martins para o estudo da negação metalinguística. Veremos como, segundo a autora, os marcadores de negação metalinguística podem ser divididos entre periféricos (como é o caso da expressão idiomática *uma ova* e de *agora*)¹⁹ e internos (como *cá/lá*). Apresentamos, a partir daqui, os testes identificados pela autora e os respectivos resultados. Note-se que os exemplos que reproduzimos (de Martins 2010a) foram adaptados para mostrar apenas, nesta fase,

¹⁸ Segundo a autora, a negação enfática também não pode ocorrer em contextos subordinados, mas, ao contrário da negação metalinguística, legitima IPNs (cf. Martins 2010a).

¹⁹ Lembramos que a análise do marcador *agora* é remetida para o segundo capítulo.

a natureza de *cá/lá* enquanto marcadores internos por oposição ao típico marcador periférico *uma ova*.²⁰

(i) Ordem de palavras

Com este primeiro teste Martins pretende mostrar que os marcadores *cá/lá* ocorrem, invariavelmente, em posição pós-verbal e em estrita adjacência ao verbo (cf. (26)), ao passo que os típicos marcadores periféricos como *uma ova* ocorrem, invariavelmente, em posição inicial ou final de frase (cf. (27)):

- (26) A: Ele viveu sempre em Paris.
 B: a. Ele viveu *lá/cá* sempre em Paris.
 b. *Ele viveu sempre *lá/cá* em Paris.
 c. *(*Lá/cá*) ele viveu sempre em Paris.
- (27) A: Ele viveu sempre em Paris.
 B: a. Ele viveu sempre em Paris *uma ova*.
 b. *Uma ova* é que ele viveu sempre em Paris.
 c. *Ele viveu (*uma ova*) sempre (*uma ova*) em Paris.

(ii) Possibilidade de ocorrência isolada e com fragmentos nominais

Mostra-se agora que o marcador periférico *uma ova* pode ocorrer isolado ou em fragmentos nominais (cf. (28-B-a) e (29-B-a)), mas já *lá/cá* ocorrem necessariamente associados ao verbo (cf. (28-B-b) e (29-B-b)):

- (28) A: Ele pagou o jantar, não pagou?
 B: a. *Uma ova!*
 b. **Lá/cá!*

²⁰ Pelo que foi dito na nota anterior, os exemplos dados pela autora relativamente a *agora* não foram incluídos.

- (29) A: Vamos comprar um carro vermelho/ o vermelho.
 B: a. (O) vermelho *uma ova!*
 b. *(*Lá/cá*) (o) vermelho (*lá/cá*).

(iii) Interação com a negação

Foi dito anteriormente que os marcadores de negação metalingüística não legitimam IPNs, o que acontece pelo facto de esses elementos não estabelecerem relações de concordância negativa. A autora sublinha, contudo, que o comportamento dos marcadores de negação metalingüística em PE relativamente à negação não é uniforme: “Enquanto *lá/cá* são incompatíveis com a negação proposicional e excluídos das frases negativas, *uma ova* e *agora* podem expressar discordância relativamente a uma proposição negativa (co-ocorrendo nesse caso com *não* e conduzindo a uma interpretação de aparente dupla negação)”.

- (30) A: Ele não pode estar bêbado. Ele não bebe.
 B: a. *Não* bebe *uma ova*.
 b. **Não* bebe *lá/cá*.

- (31) A: Eu não conheço ninguém.
 B: a. *Não* conheces (*ninguém*) *uma ova*.
 b. **Não* conheces *lá/cá* (*ninguém*).

(iv) Compatibilidade com advérbios enfáticos pré-verbais e foco contrastivo

Na linha de Martins (1994), os advérbios *sempre* e *logo* podem ser considerados enfáticos quando ocorrem em posição pré-verbal e despojados do seu valor semântico básico, como nos exemplos abaixo. Neste tipo de contexto, estes advérbios são compatíveis com *uma ova* mas não com *lá/cá*:

- (32) A: O tubarão *sempre* sobreviveu.
 B: a. *Sempre* sobreviveu *uma ova*.
 b. **Sempre* sobreviveu *lá/cá*.

- (33) A: Ele *logo* nos paga, não te preocupes.
B: a. *Logo* nos paga *uma ova*.
b. **Logo* nos paga *cá/lá*.

(v) Compatibilidade com estruturas de coordenação que denotam uma sequência de eventos

Este teste de Martins revela que estruturas de coordenação do tipo de (34) mostram resultados agramaticais com *lá/cá* mas não com o marcador periférico *uma ova*. Isto acontece, segundo a autora, pelo facto de *lá/cá*, sendo internos, não terem capacidade de negar sequências de eventos expressas por estruturas coordenadas. Por outro lado, *uma ova*, enquanto periférico, pode negar este tipo de frase complexa.

- (34) A: Eles casaram e tiveram um filho.
B: a. Eles casaram e tiveram um filho *uma ova*, eles casaram porque tiveram um filho.
b. Eles casaram (*cá/lá*) e tiveram um filho, eles casaram porque tiveram um filho.

(vi) Compatibilidade com elipse do VP

Mostra-se, com este último teste, que as frases com *lá/cá* apenas são gramaticais se não ocorrer elipse do VP. Por outro lado, este fenómeno é permitido com o marcador periférico *uma ova*:

- (35) A: O João ofereceu um cão à filha.
B: a. *Ofereceu *lá/cá*.
b. Ofereceu *uma ova*.
c. O João ofereceu *lá/cá* um cão à filha.
- (36) A: O João tem lido todos os livros.
B: a. *Tem *lá/cá*.
b. Tem *uma ova*.
c. O João tem *lá/cá* lido todos os livros.

Provou-se, assim, que o PE dispõe de marcadores não ambíguos de negação metalinguística (por exemplo, *cá/lá*). Mostrou-se também que segundo Martins (2010a), os dados do PE apresentam ainda evidência no sentido de considerar dois grupos distintos de marcadores de negação metalinguística: marcadores periféricos (*uma ova e*, como veremos adiante, *agora*) e internos (*cá/lá*).

1.2.3 Outras abordagens

Convém sublinhar, na sequência do que dizíamos no início do capítulo, que não é, na realidade, muito extensa a literatura sobre negação metalinguística, e os trabalhos realizados focam-se, sobretudo, numa perspectiva semântica e pragmática. As apresentações que fizemos atrás expõem o que de mais significativo existe em termos teóricos (cf. Horn 1985, 1989) e em termos de trabalhos realizados particularmente sobre o PE (cf. Martins 2010a, no prelo). Mas vale a pena, contudo, reservar este espaço para algumas referências adicionais a outros trabalhos que, de alguma forma, têm abordado o tema da negação metalinguística.

O que aqui queremos referir passa, em primeiro lugar, por mencionar o trabalho de Drozd (2001), que merece destaque, antes de mais, por focar o tema da negação metalinguística sob um ponto de vista sintáctico, e também por se mostrar, como adiante veremos, pertinente para a nossa própria análise.²¹ Nesse trabalho, em que se estuda a aquisição da negação em inglês, o autor investiga construções que têm em comum a ocorrência do marcador de negação frásica *no* em posição inicial de frase, do tipo *No the Sun shinning/No Mommy doing*, concluindo que essas estruturas correspondem a exemplos de negação metalinguística, com uma sintaxe idêntica à das expressões idiomáticas da gramática dos adultos do tipo de *No way I love you!/Like hell Al and Hilary are married*. Veremos, posteriormente nesta dissertação, que aspectos destas construções merecem ser observados por se relacionarem com o nosso objecto de estudo.

²¹ O trabalho de Drozd (2001), mencionado com alguma frequência no decorrer desta dissertação, será, na altura devida, apresentado com algum detalhe. Nesta fase interessa-nos apenas registar o seu nome como uma referência necessária no âmbito do estudo da negação metalinguística dentro de uma perspectiva sintáctica.

Queremos ainda mencionar o trabalho de Carston (1998, 1999) – que constitui, em larga medida, uma reflexão (já fora do domínio da sintaxe) sobre o trabalho de Horn (1985, 1989) capaz de acrescentar alguns dados relevantes à análise do autor.

Segundo Carston, há algumas questões que se colocam relativamente à definição de negação metalinguística proposta por Horn (1985, 1989), mas a abordagem essencialmente semântica da autora faz com que a pertinência dos seus reparos se desvie dos propósitos deste trabalho, cuja natureza é, sobretudo, sintáctica. Seja como for, são de destacar alguns pontos mencionados pela autora.

Carston considera, por exemplo, que a rectificação que Horn associa à negação metalinguística (rectificação que, no texto de Horn, se presume ser necessária ou muito preferencial) é um fenómeno comum mas não essencial à criação de uma leitura metalinguística (cf. Carston 1998, 1999). Além de este ser um ponto importante por poder contribuir para uma reformulação do conceito, é interessante notar que, conforme se verá no decorrer desta dissertação, o que se verifica para as frases do PE com o marcador de negação metalinguística *agora*²² é que essa estratégia discursiva (ou seja, a presença de uma rectificação) é, efectivamente, comum mas não indispensável. Contudo, será bom estarmos cientes de que em PE essa estratégia será compreensivelmente menos necessária, já que esta língua dispõe de marcadores de negação metalinguística não ambíguos e não depende, portanto, de uma rectificação para desfazer a ambiguidade.²³

Mas o trabalho da autora assume particular interesse pelo facto de Carston defender que a única propriedade verdadeiramente comum a todos os casos de negação metalinguística é um uso ecóico (*echoic use*) implícito. Ou seja, segundo a autora, todos os casos que expressam negação metalinguística caracterizam-se por repetir, implicitamente, o material que anteriormente terá sido proferido por alguém. Carston utiliza o termo *echoic use* no sentido de Sperber & Wilson (1986) e Wilson & Sperber (1988, 1992) e exemplifica com as frases em (37). Os casos apresentados devem ser

²² O capítulo 2 desta dissertação servirá para mostrar, entre outros aspectos, que *agora* deve ser considerado um marcador de negação metalinguística na linha de Horn (1985, 1989).

²³ Carston recusa a noção de ambiguidade pragmática apontada por Horn (1985, 1989). Segundo a autora, o marcador de negação *not* pode ser usado com objectivos diferentes mas não deve ser considerado ambíguo: “there is no reason to suppose the negation operator is either semantically ambiguous or, if the term makes sense at all, pragmatically ambiguous. There IS a 'duality of use' involved in the metalinguistic examples, though it is not an ambiguity in the lexical item 'not'. It lies rather with the two ways in which material falling within the scope of 'not' can be use: either as representing a state of affairs in the world (i.e. Descriptively) or as representing another representation (i.e. Interpretively or echoicly).” (cf. Carston 1999:339).

entendidos como exemplos de situações em que há eco/retoma de expressões já referidas. Nas frases em (37), o material implicitamente usado como eco seriam as expressões sublinhadas.

- (37) The obnoxious beady-eyed woman is my wife.
It's a lovely day for a picnic, indeed.

Assim, o exemplo que se apresenta em (38) – segundo a autora, um dos casos típicos de negação metalinguística – em que se repetem, propositadamente, determinados constituintes da proposição anterior relativamente aos quais há uma objecção, ilustra, de acordo com Carston, esse uso ecóico inerente à negação metalinguística:

- (38) Around here we don't eat tom[eɪD{uz}] and we don't get stressed out.
 (We eat tom[a:t{uz}] and we get a little tense now and then.)

Sem querermos entrar numa discussão profunda do trabalho de Carston (1998, 1999) – não passa por aí o objectivo deste trabalho – é importante referir o seu nome entre os trabalhos sobre negação metalinguística pela pertinência de algumas das suas observações. Repare-se que também este último aspecto apontado pela autora parece estar, de facto, intimamente ligado à negação metalinguística, aplicando-se, inclusivamente, ao marcador *agora*, que analisaremos detalhadamente nos próximos capítulos desta dissertação.

1.3 Conclusão

Ao apresentar o conceito de negação metalinguística (cf. Horn 1985, 1989) e ao fazer uma síntese dos trabalhos já existentes sobre esse tema (destacando-se os de Martins 2010a, no prelo para o PE), cumprimos os objectivos centrais deste capítulo e permitimo-nos avançar para o tópico que queremos directamente tratar. Assim, no capítulo que se segue vamos centrar-nos no tema específico deste trabalho e evidenciar, por um lado, as relações entre a palavra *agora* e a negação metalinguística (seguindo os trabalhos de Horn (1985, 1989) e Martins (2010, no prelo)) e apontaremos, por outro

lado, os contrastes de comportamento observados entre o dialecto minhoto e os dialectos centro-meridionais relativamente ao marcador *agora*.

2. O Marcador de Negação Metalinguística *Agora* e a Variação Dialectal

2.1 Introdução

O capítulo que se segue serve, essencialmente, três propósitos:

(i) Pretende-se evidenciar, na linha do que já foi dito no capítulo anterior, que o marcador *agora* se encaixa na definição de negação metalinguística proposta por Horn (1985, 1989) (cf.2.2);

(ii) Debruçando-nos sobre a distinção entre marcadores de negação metalinguística periféricos e internos (segundo Martins 2010a), queremos provar que *agora* é um marcador periférico (cf. 2.3);

(iii) Apresentamos, ainda, evidência empírica e argumentos que comprovam a existência de variação dialectal relativamente ao marcador em estudo. Expõem-se as propriedades que nitidamente distinguem o comportamento sintáctico do marcador *agora* nos dialectos centro-meridionais e no dialecto do NO de Portugal e faz-se uma descrição detalhada das construções com *àgora* no dialecto minhoto (cf. 2.4 e 2.5).

A conclusão necessária da descrição aqui apresentada será exposta no último capítulo deste trabalho.

2.2 Negação regular e negação metalinguística: *agora* como marcador de negação metalinguística

No capítulo 1, expusemos os testes que, segundo Horn, distinguem a negação regular da negação metalinguística (cf. 1.2.1). Mostrámos, também, que a aplicação desses testes a frases do português com *lá/cá* comprova a existência de marcadores de

negação metalingüística internos à frase mas não ambíguos²⁴. Queremos, nesta secção, mostrar de que forma o marcador *agora* dos dialectos em estudo pode, na senda de Horn, ser considerado um marcador de negação metalingüística.

Para tal, aplicaremos, a *agora*, os três testes identificados por Horn e já aplicados por Martins (2010a, no prelo) aos marcadores *cá/lá* e *agora*:²⁵ (i) obrigatoriedade de legitimação discursiva; (ii) compatibilidade com IPPs fortes; (iii) incapacidade de legitimar IPNs.

Na aplicação dos testes, reproduzimos os resultados já obtidos por Martins (2010a, no prelo) para os dialectos centro-meridionais (*agora*) e acrescentamos novos dados para o dialecto do NO de Portugal (*àgora*). Por essa razão, expomos, nos resultados, duas opções: a ocorrência pós-verbal produtiva nos dialectos do centro-sul e a ocorrência pré-verbal típica do dialecto do NO.²⁶

(i) Obrigatoriedade de legitimação discursiva

Como observámos no capítulo anterior, este teste de Horn mostra que só um contexto discursivo prévio legitima a ocorrência de negação metalingüística. Veremos, através dos exemplos abaixo,²⁷ que, à semelhança de *not* para o inglês e de *lá/cá* para o português (cf. (11) e (18)-(19) do capítulo anterior), esta obrigatoriedade é também exigida pelo marcador *agora*:

- (39) a. Ah, *não* trouxe a carteira, pagas-me o café?
 b. *Ah, trouxe *agora* a carteira, pagas-me o café?
 c. *Ah, *àgora* trouxe a carteira, pagas-me o café?²⁸

²⁴ Conforme referimos no capítulo 1, Martins (2010a, no prelo) nota que, em geral, as línguas não apresentam marcadores de negação metalingüística internos à frase e não ambíguos. Contudo, em PE, *lá/cá* e *agora* podem ocorrer internos à frase e expressar, de forma não ambígua, negação metalingüística.

²⁵ Cf. Martins (2010a). Relativamente ao marcador *agora*, a autora descreve, apenas, a variante dos dialectos centro-meridionais.

²⁶ Sobre a diferente posição frásica do marcador nos dois dialectos veja-se 2.4.2.

²⁷ Exemplos retirados de (Martins 2010a).

²⁸ Apesar de, como se verá adiante (cf. 2.5.1), *àgora* produzir resultados agramaticais se não ocorrer em posição inicial de frase, é notório que a agramaticalidade deste caso resulta da inexistência de um contexto legitimador. A agramaticalidade manter-se-ia mesmo que *àgora* ocupasse a primeira posição: “**Àgora* trouxe a carteira, pagas-me o café?”.

- (40) a. (Hoje) *não* estás com boa cara. O que se passa?
 b. *(Hoje) estás *agora* com boa cara. O que se passa?
 c. *(Hoje) *àgora* estás com boa cara. O que se passa?²⁹

As frases (39) e (40) são “produzidas numa situação em que iniciam uma conversa (ou estabelecem uma mudança de tópico)”, sendo que, por isso, “descrevem um estado de coisas e a negação que as integra pode apenas ser interpretada como negação proposicional” (cf. Martins 2010a). Por essa razão, apenas a negação regular é gramatical, como mostra o contraste entre (39a) e (40a), por um lado, e (39b-c) e (40b-c), por outro lado.

(ii) Compatibilidade com IPPs fortes

Vimos também, no capítulo 1, que os IPPs fortes, como as expressões idiomáticas *e pêras* e *do diabo*, não são compatíveis com a negação regular mas são compatíveis com a negação metalinguística (cf. (12)-(13) e (20)-(21)). Esses marcadores poderão portanto ocorrer em frases com o marcador de negação metalinguística *agora*:

- (41) a. Ele é um nadador e *pêras*.
 b. *Ele *não* é um nadador *e pêras*. [Sem antecedente discursivo³⁰]
 c. Ele é *agora* um nadador *e pêras*.
 d. ³¹*Àgora* é um nadador *e pêras*.
- (42) a. Tiveste uma sorte do diabo.
 b. **Não* tiveste uma sorte *do diabo*. [Sem antecedente discursivo]

²⁹ Ver a nota anterior. A agramaticalidade desta frase manter-se-ia mesmo que *àgora* ocorresse em primeira posição, pelo que se conclui que a agramaticalidade decorre da falta de uma legitimação discursiva: “**Àgora* hoje estás com boa cara. O que se passa?”.

³⁰ Note-se que caso (41b) surgisse em consequência de um contexto discursivo, ficaria disponível uma leitura de negação metalinguística (já que o marcador de negação regular pode, em contextos apropriados, ter interpretação metalinguística), e aí já não haveria contraste de gramaticalidade. Mas sem contexto legitimador, (41b) expressa negação regular e, como tal, a frase não é compatível com IPPs, ao passo que os mesmos IPPs já poderão ocorrer em frases com leitura metalinguística (cf. (41c) e (41d)).

³¹ O facto de elidirmos o sujeito tem a ver com a pouca aceitabilidade que as frases com *àgora* revelam, no dialecto do NO de Portugal, quando o sujeito está expresso (cf. secção 2.5.2).

- c. Tiveste *agora* uma sorte *do diabo*.
- d. *Àgora* tiveste uma sorte *do diabo*.

(iii) Incapacidade de legitimar IPNs

Por outro lado, os IPNs *ninguém*, *nem morta* e *de todo* são legitimados pelo marcador de negação proposicional *não*, mas não pelos marcadores de negação metalinguística, pelo que, conseqüentemente, na ausência de *não*, não co-ocorrem com *agora*, como mostram os exemplos (43) a (45). A incapacidade de legitimar IPNs mostra que os marcadores de negação metalinguística não estabelecem relações de concordância negativa.

- (43) A: Tu é que conheces uma pessoa que sabe arranjar isto.
 B: a. Eu *não* conheço *ninguém* que saiba arranjar isto.
 b. Eu conheço *agora* alguém/**ninguém* que saiba arranjar isto.
 c. ³²*Àgora* conheço alguém/**ninguém* que saiba arranjar isto.
- (44) A: Hoje vais sair comigo.
 B: a. Eu *não* saio contigo *nem morta*.
 b. *Eu saio *agora* contigo *nem morta*.
 c. **Àgora* saio contigo *nem morta*.
- (45) A: Eu sei que tu gostas de marisco.
 B: a. Eu *não* gosto de marisco *de todo*.
 b. *Eu gosto *agora* de marisco *de todo*.
 c. **Àgora* gosto de marisco *de todo*.

Aplicamos ainda, ao marcador *agora*, o teste adicional apresentado por Martins (2010a, no prelo) que mostra que os marcadores de negação metalinguística não ocorrem em frases subordinadas:

³² Ver nota anterior.

- (46) A: O Pedro disse que vendeu o carro.
 B: a. O Pedro disse *agora* que vendeu o carro.
 b. *Ágora* disse que vendeu o carro.
 c. O Pedro *não* disse que vendeu o carro.
 d. *O Pedro disse que vendeu *agora* o carro.
 e. *O Pedro disse que *àgora* vendeu o carro.
 f. O Pedro disse que *não* vendeu o carro.

Após os testes apresentados, conclui-se que as construções com *agora* se distinguem nitidamente da negação regular, devendo o marcador *agora* ser considerado, em ambos os dialectos em estudo, um marcador de negação metalinguística.

2.3 Marcadores de negação metalinguística periféricos e internos: *agora* como marcador periférico

Nesta secção vamos seguir os testes utilizados por Martins (2010a, no prelo) de forma a evidenciar dois aspectos. Em primeiro lugar, queremos lembrar que, de acordo com a autora, os marcadores de negação metalinguística disponíveis em português europeu se dividem, relativamente à sua posição sintáctica básica, em dois grupos: periféricos e internos.³³ Mostraremos, paralelamente, que o marcador de negação metalinguística *agora* é um marcador periférico: o seu comportamento sintáctico aproxima-o do típico marcador periférico *uma ova* e afasta-o, nitidamente, dos marcadores internos *cá/lá*. Os exemplos apresentados são retirados de Martins (2010a).

Passemos, então, à observação e à aplicação de cada um dos testes: (i) ordem de palavras; (ii) possibilidade de ocorrência isolada e com fragmentos nominais; (iii) interacção com a negação; (iv) compatibilidade com advérbios enfáticos pré-verbais e foco contrastivo; (v) compatibilidade com estruturas de coordenação que denotam uma sequência de eventos.³⁴

³³ Note-se que este aspecto foi já mencionado no capítulo 1.

³⁴ Martins (2010a, no prelo) utiliza, ainda, um teste com expressões idiomáticas, para mostrar que essas construções podem ocorrer com *uma ova* e *agora* mas não com *lá/cá*. No entanto, segundo os meus juízos, este teste revela-se inconclusivo com o marcador *àgora*, pelo que não foi incluído na análise.

(i) Ordem de palavras

Vejamos o que acontece, relativamente à ordem de palavras, com o marcador de negação metalinguística *uma ova* (típico marcador periférico que, para facilitar a exposição dos dados, foi inserido na descrição):

- (47) A: Ele viveu sempre em Paris.
 B: a. Ele viveu sempre em Paris *uma ova*.
 b. *Uma ova* é que ele viveu sempre em Paris.

Martins mostra, com estes exemplos, que *uma ova* ocorre sempre em posição inicial ou final de frase. Em contrapartida, os marcadores *cá/lá* ocorrem, invariavelmente, em posição pós-verbal, em estrita adjacência ao verbo:

- (48) A: Ele viveu sempre em Paris.
 B: a. Ele viveu *lá/cá* sempre em Paris.
 b. *Ele viveu sempre *lá/cá* em Paris.
 c. **Lá/cá* ele viveu sempre em Paris.

O marcador *agora*, por outro lado, apresenta um comportamento particular. No dialecto do NO de Portugal, ocorre, sistematicamente, em posição inicial de frase,³⁵ como exemplificado em (49), enquanto nos dialectos centro-meridionais, e de acordo com Martins, ocorre tipicamente depois do verbo, como *cá/lá*, podendo ocorrer em final de frase com a entoação apropriada (cf. (50)).

- (49) A: Ele viveu sempre em Paris.
 B: a. *Àgora* viveu sempre em Paris.
 b. *Viveu *àgora* sempre em Paris.
 c. *Viveu sempre em Paris *àgora*.

³⁵ Sobre a ordem de *àgora* na frase, cf. secções 2.4.2 e 2.5.1.

- (50) A: Ele viveu sempre em Paris.
 B: a. Ele viveu *agora* sempre em Paris.
 b. Ele viveu sempre em Paris *agora*.

Isto quer dizer que, relativamente à ordem de palavras, “*lá/cá* são sistematicamente internos, *uma ova* é sistematicamente periférico e *agora* parece ser de uma tipologia mista” (cf. Martins 2010a). Se observarmos os dialectos minhotos, o facto de *àgora* ser invariavelmente inicial não levanta dúvidas quanto ao seu estatuto de periférico. Nos dialectos centro-meridionais, porém, a possibilidade de ocorrência interna pode levantar algumas questões mas, como nota Martins (2010a, no prelo), e como veremos adiante, “nos restantes aspectos *agora* comporta-se como *uma ova* e diverge de *lá/cá*, o que indica que pertence ao tipo periférico” (cf. Martins 2010a).

(ii) Possibilidade de ocorrência isolada e com fragmentos nominais

Reproduzimos, novamente, os exemplos dados por Martins (2010a), aqui para mostrar que os marcadores *lá/cá*, sendo internos e ocorrendo imediatamente após o verbo, não podem ocorrer isolados, ao contrário dos periféricos *uma ova* e *agora*:

- (51) A: Ele pagou o jantar, não pagou?
 B: a. *Uma ova!*
 b. *Agora!*
 c. *Àgora!*
 d. **Lá/cá!*

Ocorrendo obrigatoriamente em adjacência ao verbo, *lá/cá* também não podem ocorrer em fragmentos nominais, afastando-se, assim, mais uma vez, de *uma ova* e *agora* (cf. (52)).

- (52) A: Vamos comprar um carro vermelho/ o vermelho.
 B: a. (O) vermelho *uma ova!*

- b. *Agora* (o) vermelho!
- c. **(Lá/cá)* (o) vermelho (*lá/cá*).

Note-se, no entanto, que, a opção (52-B-b) apenas é possível nos dialectos centro-meridionais, já que o marcador *àgora* do NO pode ocorrer isolado mas não com fragmentos nominais (cf. (53-B-b)).

- (53) A.: Vamos comprar um carro vermelho/ o vermelho.
 B: a. *Agora* (o) vermelho.
 b. **Àgora* (o) vermelho.

Mas a impossibilidade de ocorrência com fragmentos nominais é uma especificidade do marcador do NO que não coloca em causa o seu estatuto de periférico, pois pode ser explicada por outras razões, como se mostrará na secção 2.5.

(iii) Interação com a negação

Vimos, na secção 2.2, que uma das características da negação metalinguística é o facto de não estabelecer relações de concordância negativa, pelo que não pode legitimar IPNs. Contudo, como faz notar Martins (2010a), o comportamento dos marcadores de negação metalinguística em PE relativamente à negação não é uniforme: “Enquanto *lá/cá* são incompatíveis com a negação proposicional e excluídos das frases negativas, *uma ova* e *agora* podem expressar discordância relativamente a uma proposição negativa (co-ocorrendo nesse caso com *não* e conduzindo a uma interpretação de aparente dupla negação)”³⁶ (cf. (54) e (55)).

- (54) A: Ele não pode estar bêbado. Ele não bebe.
 B: a. *Não* bebe *uma ova*.
 b. *Não* bebe *agora*.
 c. *Àgora* não bebe.
 d. **Não* bebe *lá/cá*.

³⁶ Cf. Martins (2010a).

- (55) A: Eu não conheço ninguém.
 B: a. *Não* conheces (ninguém) *uma ova*.
 b. *Não* conheces *agora* (ninguém).
 c. *Àgora não* conheces.
 d. **Não* conheces *lá/cá* (ninguém).

(iv) Compatibilidade com advérbios enfáticos pré-verbais e foco contrastivo

Em PE, ocorrendo em posição pré-verbal, os advérbios temporais *sempre* e *logo* podem perder a interpretação temporal e veicular um valor enfático:

- (56) *Sempre* comprei o carro.
Logo te digo o que aconteceu.

Tendo em consideração estes dados, torna-se relevante, para a nossa análise, notar que este tipo de advérbios, a que chamaremos enfáticos (na linha de Martins 1994) não pode co-ocorrer com *cá/lá* mas é perfeitamente gramatical co-ocorrendo com *uma ova* e *agora*.³⁷

- (57) A: O tubarão *sempre* sobreviveu.
 B: a. *Sempre* sobreviveu *agora*.
 b. *Àgora sempre* sobreviveu.
 c. *Sempre* sobreviveu *uma ova*.
 d. **Sempre* sobreviveu *lá/cá*.
- (58) A: Ele *logo* nos paga, não te preocupes.
 B: a. *Logo* nos paga *agora*.
 b. *Àgora logo* nos paga.
 c. *Logo* nos paga *uma ova*.
 d. **Logo* nos paga *cá/lá*.

³⁷ Este teste foi identificado por Pinto (a publicar).

Paralelamente, a ocorrência de constituintes focalizados é agramatical com *cá/lá* mas possível com *uma ova* e *agora*:

- (59) A: O João é que pagou (o jantar).
 B: a. O João é que pagou *uma ova*. Quem pagou fui eu.
 b. O João é que pagou *agora*. Quem pagou fui eu.
 c. ?*Àgora* o João é que pagou. Quem pagou fui eu.³⁸
 d. *O João é que pagou *lá/cá*. Quem pagou fui eu.

Tal como refere Martins, o que estes dados indicam é que o marcador *agora*, sendo periférico, tem escopo sobre toda a frase, por oposição a *cá/lá*: “the sentence-peripheral metalinguistic negation markers *uma ova* and *agora* have scope over high constituents that stay outside the scopal reach of the sentence-internal metalinguistic negation markers *lá/cá*” (cf. Martins, no prelo).

(v) Coordenação

Este teste tem como objectivo mostrar que os marcadores *cá/lá*, sendo internos, não têm capacidade de negar sequências de eventos expressas por estruturas coordenadas. Por outro lado, os periféricos *uma ova* e *agora* permitem negar este tipo de frase complexa.

- (60) A: Eles casaram e tiveram um filho.
 B: a. Eles casaram e tiveram um filho *uma ova*, eles casaram porque tiveram um filho.
 b. Eles casaram (*agora*) e tiveram um filho (*agora*), eles casaram porque tiveram um filho.
 c. *Àgora* casaram e tiveram um filho, eles casaram porque tiveram um filho.
 d. *Eles casaram *lá/cá* e tiveram um filho, eles casaram porque tiveram um filho.

³⁸ A pouca aceitabilidade desta frase tem a ver com a presença do sujeito (cf. secção 2.5.2).

(vi) Possibilidade de elipse do VP

Mostra-se, com este último teste, que as frases com *agora* e *uma ova* permitem elipse do VP, ao contrário do que acontece com *cá/lá*:

- (61) A: O João ofereceu um cão à filha.
 B: a. Ofereceu *uma ova*.
 b. Ofereceu *agora*.
 c. *Àgora* ofereceu.
 d. *Ofereceu *lá/cá*.
 e. O João ofereceu *lá/cá* um cão à filha.
- (62) A: O João tem lido todos os livros.
 B: a. Tem *uma ova*.
 b. Tem *agora*.
 c. *Àgora* tem.
 d. *Tem *lá/cá*.
 e. O João tem *lá/cá* lido todos os livros.

Acabámos de ver, então, que o comportamento sintáctico dos marcadores de negação metalingüística existentes em PE os coloca, nitidamente, em dois grupos distintos: periféricos e internos. Relativamente ao marcador *agora*, apesar da especificidade apontada para o dialecto minhoto relativamente à ocorrência com fragmentos nominais e apesar de, nos dialectos centro-meridionais, no que toca à ordem de palavras, poder aparecer em posição medial, o seu comportamento sintáctico coloca-o, inequivocamente, do lado dos marcadores de negação metalingüística periféricos: “Although the word *agora* may somehow unexpectedly surface immediately after the verb (when this is not the sentence-final position), it behaves in all other respects like a peripheral element.” (cf. Martins, no prelo).

2.4 Variação dialectal relativamente ao marcador *agora*: propriedades diferenciadoras

Apontamos, nas próximas secções, as diferenças básicas que distinguem o comportamento do marcador *agora* nos dois dialectos em estudo. Veremos que as características que mais nitidamente afastam os dois dialectos se relacionam com (i) o contexto legitimador, (ii) a ordem de palavras e (iii) a formação de clusters. Deixamos uma descrição mais detalhada sobre as especificidades do marcador *agora* no dialecto do NO de Portugal para o ponto 2.5.

2.4.1 Contexto legitimador

Um dos testes aplicados por Horn para distinguir a negação metalinguística da negação regular diz respeito à necessidade de um contexto discursivo que a legitime (cf. 1.2.1 e 2.2). Isto acontece porque, como já vimos, a negação metalinguística é, sempre, a contestação de uma asserção precedente; ou, nas palavras de Horn, “a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever” (cf. Horn 1989: 363).

Tendo já mostrado que o marcador *agora* exige, em ambos os dialectos estudados, um contexto legitimador (cf. (39) e (40) de 2.2), importa notar, agora, que há divergências relativamente às duas variantes que estão a ser consideradas.

Os contrastes de gramaticalidade entre (39) e (40), que aqui reproduzimos em (63) e (64), provam que ambas exigem, de facto, uma legitimação discursiva:

- (63) a. Ah, *não* trouxe a carteira, pagas-me o café?
 b. *Ah, trouxe *agora* a carteira, pagas-me o café?
 c. *Ah, *àgora* trouxe a carteira, pagas-me o café?³⁹
- (64) a. (Hoje) *não* estás com boa cara. O que se passa?
 b. *(Hoje) estás *agora* com boa cara. O que se passa?
 c. *(Hoje) *àgora* estás com boa cara. O que se passa?

³⁹ Note-se, conforme foi dito antes, que a agramaticalidade de *àgora* não decorre do facto de esse elemento não surgir em posição inicial (cf. nota 31 e nota 38).

Contudo, é possível dizer que o marcador *àgora* apresenta requisitos de legitimação discursiva mais estritos. Senão, vejamos: o contexto prévio que legitima a ocorrência de uma negação metalinguística é, tipicamente, uma frase declarativa (cf. (65)).

- (65) A: O Paulo vive em Paris.
 B: a. Vive *agora*.
 b. *Àgora* vive.
 c. Vive *lá* em Paris. [sob a interpretação relevante]

Apesar disso, o marcador *agora* aceita, nos dialectos centro-meridionais, interrogativas totais como contexto legitimador (cf. (67) e (69)) – ainda que possa assumir-se, para casos como estes, que a interrogativa é uma “sugestão”, não sendo totalmente neutra e esperando-se, por isso, uma resposta positiva. Ainda assim, no dialecto do NO, esta situação não é possível, como comprovam (66) e (68):

- (66) A: Gostas de marisco?
 B: #*Àgora* (gosto de marisco).
- (67) A: Gostas de marisco?
 B: Gosto *agora* de marisco.
- (68) A: Escreveste ao Pai Natal?
 B: #*Àgora* (escrevi ao Pai Natal).
- (69) A: Escreveste ao Pai Natal?
 B: Escrevi *agora* ao Pai Natal.

Em (66) e (68), as respostas com o marcador pré-verbal revelam-se bastante desadequadas à situação discursiva. Faz sentido notar, no entanto, que a aceitabilidade aumenta, consideravelmente, se houver antecipação de resposta (cf. (70) e (71)), da mesma forma que aumenta se houver indícios prosódicos de que a interrogativa não é neutra.

- (70) A: Gostas de marisco, não gostas?
 B: ?*Àgora* (gosto de marisco)!

(71) A: Escreveste ao pai natal, não escreveste?

B: ?*Àgora* (escrevi ao Pai Natal)!

Os dados de (63) a (71) revelam que o marcador *àgora* apenas aceita como contexto legitimador frases declarativas ou, marginalmente, interrogativas-tag. O marcador *agora* aceita, igualmente, frases declarativas e interrogativas-tag, mas aceita, ainda, interrogativas totais “sugestivas”. Verifica-se, pois, que *àgora* é, relativamente ao contexto legitimador, mais restritivo que o marcador dos dialectos centro-meridionais: apenas marginalmente aceita interrogativas-tag e as interrogativas totais “sugestivas”, que podem co-ocorrer com *agora*, revelam-se agramaticais com *àgora*.⁴⁰

Por outro lado, os exemplos acima, ao evidenciarem a maior aceitabilidade/produzibilidade dos marcadores de negação metalinguística com declarativas como antecedente, confirmam que este tipo de negação geralmente ocorre, como tem sido descrito, como reacção a frases assertivas; e mostram, claramente, que a negação metalinguística está fortemente ligada ao conceito de valor de verdade.

Ora veja-se. Retomando ideias de autores como Bäuerle e Egli a propósito do conceito de valor de verdade (*truth value*), Jones (1999:6) refere: “There is a view that *yes-no* questions have no truth value, and that their function is to find out whether the proposition of the equivalent statement is true or false”. Efectivamente, as frases declarativas expressam um valor de verdade: existe uma estrutura de tópico-comentário, na qual há um sujeito sobre o qual se afirma ou nega uma determinada situação. Porém, nas frases interrogativas – e retomando a ideia exposta em Jones (1999) – não se expressa nenhum valor de verdade, já que a verdade/falsidade da proposição em causa vai ser estabelecida na resposta à interrogativa.

⁴⁰ Repare-se, contudo, que alguns excertos de falas de personagens minhotas no romance do século XIX parecem indicar que *àgora* era, nessa altura, menos restritivo relativamente ao contexto de legitimação, assemelhando-se, nesse ponto, ao *agora* dos dialectos centro-meridionais. Vejam-se os seguintes exemplos, atestados no *Corpus do Português* de Mark Davies e Michael J. Ferreira, em que a construção com *àgora* se segue a contextos de interrogativas *sim/não*: “Olha lá, a tua ama Zefa também anda à procura da cabra? – Àgora! A senhora Zefinha está doente há mais de mês e meio na cama.” (*Maria Moisés*, Camilo Castelo Branco); “– Salve-o Deus, irmão... – correspondeu a moça, sem parar. – Vai pra longe assim tão carregada? – Agora vou! Vou pra perto; pra Gondra vender este pão.” (*A Frecha da Misarela*, Abel Botelho). Não desconsideramos a hipótese de haver, actualmente, alguma variação entre os falantes minhotos neste domínio. Porém, não foi possível, no âmbito deste trabalho, aprofundar esta questão, pelo que poderá valer a pena, futuramente, explorar mais apuradamente este tópico.

O facto de os marcadores de negação metalinguística terem como contexto prévio, tipicamente, uma declarativa (onde se expressa valor de verdade), e apenas marginalmente existirem contextos com interrogativas (que, tipicamente, não expressam valores de verdade, embora possam “sugeri-los”) mostra que a negação metalinguística contraria, tipicamente, um valor de verdade, daí serem menos naturais com outros tipos de frase que não as declarativas. A pouca aceitabilidade de *àgora* com interrogativas-tag e a impossibilidade de ocorrer com interrogativas totais “sugestivas” torna essa questão particularmente evidente.

Veja-se ainda, por outro lado, que o contexto legitimador do marcador do NO tem de ser, necessariamente, uma asserção proferida por outro falante, e nunca pela própria pessoa que produz a negação com *àgora*. Ou seja, as frases em que o contexto legitimador é fornecido pela própria pessoa que produz a negação metalinguística são agramaticais no dialecto do NO. Vejam-se os contrastes de gramaticalidade entre os dois dialectos, em (72):⁴¹

- (72) Vejam lá que a aluna veio-me entregar a foto no último dia de aulas. Eu quero *agora* a foto no último dia de aulas!⁴² / **Àgora* quero a foto no último dia de aulas! / *(Eu) *àgora* (eu) quero a foto no último dia de aulas.

Daqui se conclui, então, que o marcador *agora* do dialecto minhoto apresenta restrições mais fortes relativamente ao contexto discursivo legitimador, exigindo uma frase declarativa (ou, marginalmente, uma interrogativa-tag), produzida por um outro falante. Em contrapartida, o *agora* dos dialectos centro-meridionais aceita, além de declarativas e interrogativas-tag, interrogativas totais “sugestivas” e permite que o marcador ocorra em discursos nos quais é o próprio falante que cria o contexto discursivo legitimador.

⁴¹ Além de este exemplo mostrar contrastes relativamente à possibilidade/impossibilidade de *agora* ser produzido pelo mesmo falante que produziu o contexto legitimador, verifica-se aqui uma outra questão. Note-se que este exemplo não corresponde a nenhum dos tipos de contexto identificados anteriormente ((i) asserções; (ii) interrogativas-tag; (iii) interrogativas totais retomadas na frase com *agora*), já que aqui temos presente uma objecção a uma asserção pressuposta mas não enunciada: há uma pressuposição (“a aluna pensa que eu quero a foto no último dia de aulas”), mas que não chegou a ser enunciada. Ainda que pudesse ser interessante porcurar existências de contrastes entre *agora/àgora* perante este tipo particular de contexto, a sua pouca naturalidade/produtividade enquanto contexto legitimador de negação metalinguística tornaria essa tarefa algo irrelevante.

⁴² Frase proferida em discurso espontâneo.

2.4.2 Ordem de palavras: a oposição pré-verbal/pós-verbal

Como já vimos na secção 2.3, o marcador *agora* é, nos dois dialectos, um marcador periférico, mas esse facto não quer dizer, como também já referimos, que em ambos tenha de ocorrer na mesma posição na frase. Veremos agora que, no que respeita à posição que o marcador ocupa em relação ao verbo, há especificidades dialectais muito claras. A dicotomia pré-verbal/pós-verbal é um dos indícios mais evidentes de que estamos perante um marcador com comportamentos sintácticos distintos nas duas áreas dialectais que estamos a considerar:

- (73) A: Está frio.
B: *Àgora* está frio!
- (74) A: Está frio.
B: Está *agora* frio!
- (75) A: A campainha tocou.
B: *Àgora* tocou.
- (76) A: A campainha tocou.
B: Tocou *agora*.

Acrescente-se que o marcador pós-verbal ocorre, obrigatoriamente, em adjacência ao verbo ou, em alternativa, em posição final de frase (cf. Martins 2010a):

- (77) A: O Pedro viveu sempre em Paris.
B: a. O Pedro viveu *agora* sempre em Paris.
b. O Pedro viveu sempre em Paris *agora*.
c. *O Pedro viveu sempre *agora* em Paris.

O marcador pré-verbal, na verdade, além de ocorrer, necessariamente, antes do verbo, ocorre, obrigatoriamente, na posição inicial de frase.⁴³ E, contrariamente ao pós-verbal, permite que alguns constituintes quebrem a adjacência em relação ao verbo (cf., mais adiante, a secção 2.5.2). Contudo, por enquanto, interessa-nos apenas apontar este primeiro contraste (oposição pré-verbal/pós-verbal). O facto de o marcador pré-verbal

⁴³ Sobre o comportamento de *àgora* com outros constituintes periféricos à esquerda, cf. 2.5.1

ser, necessariamente, o constituinte mais à esquerda da frase será explorado com pormenor na secção 2.5, onde explicaremos, também, que constituintes se podem interpor entre *àgora* e o verbo.

2.4.3 Formação de *clusters*

Os exemplos seguintes apontam um novo contraste entre o *àgora* pré-verbal e o *agora* pós-verbal. Pretendemos mostrar, a partir dos dados abaixo, que o marcador pós-verbal pode associar-se a outros marcadores de negação metalinguística (como *cá/lá*), sendo possível a formação de *clusters*, mas tal fenómeno resulta agramatical com o marcador pré-verbal (cf. (80) a (82)).

Começamos por observar contextos de ocorrência isolada. Tanto o marcador *minhoto* como o dos dialectos centro-meridionais podem ocorrer isolados (correspondendo este, aliás, ao uso mais comum do marcador *àgora*):

(78) A: Começou a chover.

B: *Àgora!*

A: Começou a chover.

B: *Agora!*

(79) A: Comeu a sopa toda.

B: *Àgora.*

A: Comeu a sopa toda.

B: *Agora.*

Apesar deste paralelismo, mais uma vez o marcador *agora* do NO revela ser mais restritivo, ao não admitir a associação com outros marcadores de negação metalinguística, contrapondo-se ao marcador *agora* dos dialectos centro-meridionais:

(80) A: Começou a chover.

B: a. *Agora cá/lá!*

b. **Cá/lá agora!*

(81) A: Começou a chover.

B: a. **Àgora cá/lá.*

b. **Cá/lá àgora*.

Este contraste verifica-se, igualmente, em frases não-elípticas:

- (82) A: Começou a chover.
 B: a. Começou *agora cá/lá* a chover.
 b. **Àgora cá/lá* começou a chover.

2.5 O marcador *àgora* do dialecto do NO de Portugal

Em 2.4 foram apresentados alguns dos contrastes mais evidentes entre o marcador *agora* nos dois dialectos em estudo: (i) diferentes restrições relativamente ao contexto legitimador, (ii) diferente posição relativamente ao verbo, (iii) possibilidade/impossibilidade de formação de *clusters*. Iremos agora descrever, detalhadamente, as especificidades do marcador *àgora* nos dialectos do NO de Portugal.

Tal descrição passa por referir que as propriedades diferenciadoras dos dois dialectos não são apenas sintácticas: há uma diferença prosódica básica, relativamente ao marcador do NO, que poderá ser a primeira forma de variação dialectal a apontar. Contudo, como neste capítulo queremos centrar-nos numa descrição dos aspectos sintácticos, deixaremos esse desenvolvimento para uma secção posterior (cf. capítulo 3).

2.5.1 Ordem de palavras

Na secção 2.3 mostrámos a diferença entre marcadores de negação metalinguística periféricos (*agora*) e internos (*cá/lá*). Contudo, apesar de *agora* ser um constituinte periférico, a verdade é que a ordem que o marcador ocupa na frase diverge consoante o dialecto considerado (cf 2.4.2). Mostrámos que apesar de periférico, o marcador produtivo nos dialectos do centro-sul pode ocorrer, superficialmente, interno à frase. Já no dialecto minhoto, pelo contrário, a posição que ocupa na frase é, obrigatoriamente, inicial. Vejamos, pois, como se comporta este constituinte – que, como já vimos, é periférico – relativamente a outros constituintes cuja posição não marcada é à esquerda do verbo, assim como relativamente a constituintes pertencentes à

periferia esquerda da frase, nomeadamente tópicos, constituintes clivados e o expletivo *ele*.⁴⁴

O primeiro teste utilizado pretende, enquanto ponto de partida, evidenciar o comportamento do marcador de negação *àgora* perante constituintes que também podem ocorrer em posição pré-verbal: sujeitos (cf. (83) e (84)) e advérbios como *nada*, *quase*, *já* ou *amanhã*, (cf. (85) a (88)). O que se verifica relativamente a estes constituintes é que *àgora* não lhes pode ser posposto, mas pode ser-lhes anteposto.

- (83) A: O pássaro assobiou.
B: a. ???*Àgora o pássaro* assobiou.⁴⁵
b. **O pássaro àgora* assobiou.

- (84) A: Ele sabe.
B: a. ???*Àgora ele* sabe.⁴⁶
b. **Ele àgora* sabe.

- (85) A: Nada te satisfaz.
B: a. *Àgora nada* me satisfaz.
b. **Nada àgora* me satisfaz.

- (86) A: Quase ganhámos.
B: a. *Àgora quase* ganhámos.
b. **Quase àgora* ganhámos.

- (87) A: Já descobriste.
B: a. *Àgora já* descobri.
b. **Já àgora* descobri.

- (88) A: Amanhã viajo.
B: a. *Àgora amanhã* viajas.
b. **Amanhã àgora* viajas.

⁴⁴ Carrilho (2005) apresenta fundamentação empírica e testes sintácticos que comprovam que o expletivo *ele*, em português, é um constituinte periférico à esquerda.

⁴⁵ Em 2.5.2 mencionaremos alguns aspectos relevantes sobre o comportamento de *àgora* com sujeitos.

⁴⁶ Cf. nota anterior.

Testemos, seguidamente, o comportamento de *àgora* com constituintes topicalizados. Note-se, antes de mais, que a aceitabilidade de *àgora* com tópicos não é uniforme. Nos paradigmas abaixo, verifica-se que a co-ocorrência de tópicos e *àgora* é particularmente pouco aceitável em frases em que se realizam mais que um argumentos do verbo.⁴⁷

- (89) A: O bolo, o João comeu.
 B: a. ???*Àgora o bolo* o João comeu.
 b. **O bolo àgora* o João comeu.

- (90) A: À Rita, dei um livro.
 B: a. ???*Àgora à Rita* deste um livro.
 b. **À Rita àgora* dei um livro.

Contudo, é possível imaginar alguns contextos específicos em que tópicos e *àgora* podem co-ocorrer, desde que, à semelhança do que vimos atrás, *àgora* lhes seja anteposto:

- (91) A: A mim, irrita-me.
 B: a. *Àgora a ti* irrita-te.
 b. **A ti àgora* irrita-te.
- (92) A: A ti, não te dou.
 B: a. *Àgora a mim* não me dás.
 b. **A mim àgora* não me dás.
- (93) A: Desses, preciso.
 B: a. *Àgora desses* precisas. Já tens imensos.
 b. **Desses àgora* precisas. Já tens imensos.
- (94) A: Ao avô, escrevo-lhe, não lhe telefono.
 B: a. *Àgora ao avô* escreves-lhe. Escreves é à tia. / Ao avô telefonas.
 b. **Ao avô àgora* escreves-lhe. Escreves é à tia. / Ao avô telefonas.

⁴⁷ A explicação para o facto de se considerarem agramaticais as frases em que se realizam mais que um argumento poderá estar nos dados apresentados em 2.5.2 sobre elipse, concretamente sobre a necessidade de, na negação metalinguística com *àgora*, se elidir tudo o que pode ser elidido.

Os dados apresentados até aqui mostram que o marcador *àgora* deve ocorrer, sempre, à esquerda relativamente a outros constituintes, mesmo quando esses constituintes ocupam a periferia esquerda da frase.

Para continuar a testar o comportamento de *àgora* com constituintes que ocupam a periferia esquerda da frase, vale a pena inserir na análise o expletivo *ele*:⁴⁸ em Carrilho (2005) apresenta-se fundamentação empírica e testes sintáticos que comprovam que o expletivo *ele*, em português, é um constituinte periférico à esquerda.⁴⁹ Um dos tipos de expletivo *ele* estudados pela autora é o pré-verbal do tipo de (95) e (96), que ocupa a posição mais à esquerda da frase:

(95) *Ele* o tear do pardo era muito largo.

(96) *Ele* é assim.

Vejamos, pois, qual o comportamento de *àgora* quando co-ocorre com o expletivo *ele* pré-verbal:

(97) A: *Ele* o tear do pardo era muito largo.

B: a. ??**Àgora ele* o tear do pardo era muito largo.

b. **Ele àgora* o tear do pardo era muito largo

(98) A: *Ele* é assim.

B: a. ??*Àgora ele* é assim.

b. **Ele àgora* é assim.

(99) A: *Ele* chove!

B: a. ?*Àgora ele* chove.

b. **Ele àgora* chove.

⁴⁸ Sobre o expletivo *ele* em português ver Carrilho (2005, 2008).

⁴⁹ Carrilho (2005) dá conta da existência de três tipos de expletivo *ele*: (i) expletivo *ele* pré-verbal periférico (“*Ele* o tear do pardo era muito largo.”); (ii) expletivo *ele* pré-verbal impessoal (“*Ele* é assim.”); (iii) expletivo *ele* pós-verbal (“aqui debaixo tenho *ele* assim umas pias para os pequeninos...”). Os três tipos posicionam-se na periferia esquerda da frase, sendo que o expletivo *ele* pré-verbal (do tipo (i) e (ii)) ocupa uma posição mais à esquerda, concretamente a categoria Force proposta por Rizzi (1982, 1997), e o pós-verbal (do tipo (iii)) associa-se a uma posição estrutural mais baixa: na categoria EvalP de Ambar (1997, 1999).

- (100) A: *Ele* o dia está feio.
 B: a. ???**Àgora ele* o dia está feio.
 b. **Ele àgora* o dia está feio.

Importa notar que apesar de a co-ocorrência de *àgora* com tópicos e expletivos não ser, de uma forma geral, muito natural,⁵⁰ o que é primordial perceber é que existe, de facto, um contraste: as opções em que o marcador de negação metalinguística ocorre à direita são, claramente, menos aceitáveis.

De resto, conclui-se, pelos exemplos observados, que, ocorrendo com outros constituintes periféricos, a posição mais à esquerda da frase é reservada ao marcador *agora*. Estamos, então, na posse de dados que permitem, por um lado, confirmar que o marcador de negação metalinguística *àgora* é um marcador periférico. Mas os dados permitem ainda, por outro lado, confirmar a obrigatoriedade de este marcador ocorrer em posição inicial, já que ele ocorre, sempre, numa posição mais à esquerda relativamente a outros constituintes periféricos. Ao ocupar a posição mais à esquerda na frase, o *àgora* do dialecto minhoto contrasta com o *agora* centro-meridional e aproxima-se dos marcadores tipicamente periféricos, como *uma ova* – embora noutros pontos divirja deles, como na impossibilidade de ocorrer na periferia direita e na impossibilidade de co-ocorrer com “é que” (cf. 101). Estas questões, aqui importantes num nível descritivo, irão revelar-se pertinentes mais à frente nesta dissertação (cf. capítulo 3), quando discutirmos a posição estrutural específica deste marcador.

- (101) A: Está frio.
 B: a. **Àgora é que* está frio. / *Uma ova é que* está frio.
 b. **Está frio àgora*. / *Está frio uma ova*.

2.5.2 Elipse, polaridade, foco contrastivo e proeminência discursiva

O exemplo (102) ilustra uma das ocorrências mais produtivas de negação com *àgora*: a ocorrência isolada, em que toda a frase é elidida.

- (102) A: O livro é grande.
 B: *Àgora!*

⁵⁰ A pouca aceitabilidade/agramaticalidade de *àgora* com o expletivo *ele* levanta, desde já, uma questão relevante que exploraremos no capítulo 3: o facto de *àgora* e o expletivo *ele* ocuparem a mesma posição sintáctica e, em consequência, não poderem co-ocorrer.

No entanto, além da ocorrência isolada, o marcador *agora* pode, também, co-ocorrer com outros constituintes, sendo o verbo o elemento a que, preferencialmente, se associa:

(103) A: O livro é grande.

B: *Àgora* é!

Tentaremos, nesta secção: (i) explicar o que justifica o carácter menos marcado de frases como (102-B) e (103-B) relativamente àquelas em que outros constituintes são recuperados; (ii) apresentar as outras possibilidades de ocorrência do marcador *àgora* (mostrando que tipo de constituintes podem surgir à sua direita, já que à esquerda nenhum constituinte pode ocorrer, como mostrámos em 2.5.1); e (iii) caracterizar as situações em que determinados constituintes são obrigatoriamente elididos.

Grande parte da justificação para as questões que acabámos de apontar passa pela apresentação de um conceito essencial, que serve de base à descrição que pretendemos expor – trata-se do conceito de “resposta”.

À semelhança do que é proposto e implementado em Jones (1999) e Farkas e Bruce (2010), vamos usar, aqui, o conceito de “resposta” num sentido mais lato do que aquele em que tradicionalmente se aplica, mostrando que é um conceito aplicável, não só, às típicas respostas a frases interrogativas mas, também, a réplicas/reacções a asserções. Nesse sentido, vamos defender que as frases que expressam negação metalinguística – e, portanto, aquelas que incluem o marcador *àgora* – são *respostas*, ou, nos termos de Farkas e Bruce (2010), *asserções responsivas*.

Farkas e Bruce (2010) estabelecem um paralelo entre interrogativas totais e asserções na medida em que ambas provocam *reacções*, justificando-se, assim, a ampliação do conceito de resposta: “[we] define default assertions and default polar questions in a way that allows us two characterize two types of responses to these speech acts, *confirming* and *reversing*⁵¹ reactions. The common characteristics of assertions and polar questions are responsible for the fact that both allow these reactions” (cf. Farkas e Bruce 2010:1). Os dois tipos de reacções (ou, se quisermos, respostas) e de contexto prévio que as os autores referem são os que se apresentam em (104) e (105), exemplos extraídos do texto de Farkas e Bruce (2010:2).

(104) Anne: Sam is home.

Ben: Yes/Yeah, he’s home./No, he isn’t home.

⁵¹ Em itálico no original.

- (105) Anne: Is Sam home?
Ben: Yes/Yeah, he's home./No, he isn't home.

Jones (1999), num trabalho sobre os padrões de resposta do escocês (*The Welsh answering system*), apresenta um raciocínio semelhante. Segundo o autor, aquilo que ele define como respostas (*responsives*) aplica-se num sentido amplo, abrangendo não apenas respostas a interrogativas (cf. (106)) mas, também, comentários relativamente a uma asserção prévia (cf. (107)): “The discourse acts that *responsives* denote can be of two general types: elicited ones (such as an answer to a question) or unelicited ones (such as an agreement to a previous statement” (cf. Jones 1999:130).⁵² Os exemplos (106) e (107), adaptados de Jones (1999), ilustram, pois, cada uma dessas situações.

- (106) A: Is it raining?
B: It is raining./It is.
- (107) A: You must do like this.
B: Yes, like that.

Ora, esta nova abordagem do conceito de resposta – sustentada pelos trabalhos dos autores acima citados – é crucial para a nossa análise. Se repararmos, sendo a negação metalinguística, caracteristicamente, a contestação de uma asserção prévia, faz todo o sentido considerar as frases que expressam negação metalinguística como respostas, na medida em que constituem uma reacção/um comentário a essa asserção prévia e são, nesse sentido, respostas.

Além disso, a exposição que faremos em seguida vai tornar claro que há, ainda, um outro forte argumento a favor de que a negação metalinguística com *àgora* equivale sempre a uma resposta: o comportamento sintáctico do marcador *àgora* estabelece estritas relações com os padrões de resposta a interrogativas *sim/não* do português e, ainda, com os padrões de resposta do escocês.

⁵² Jones define *responsive* por oposição a *answers*. De acordo com o autor, o termo *answer* aplica-se às típicas respostas a interrogativas – “answers respond to questions” (cf. Jones 1999:130). O termo *responsive*, por outro lado, inclui não só respostas a interrogativas mas estende-se, tal como estamos a referir, a contextos mais amplos.

2.5.2.1 Elipse

Para responder à primeira questão que colocámos na abertura desta secção (explicar o que justifica o carácter menos marcado de frases como (102-B) e (103-B)) é preciso retomar o trabalho de Jones (1999) e expor o que o autor refere a propósito de elipses nas respostas do escocês (e nos sistemas de respostas das línguas em geral). De seguida, mostrar-se-á a existência de um nítido paralelismo entre *àgora* e aquilo que Jones define como *responsives* (respostas) para o escocês.

Referimos acima que, segundo o autor, o termo *responsive* equivale a um conceito abrangente de resposta, incluindo, além de respostas a interrogativas, comentários a asserções. Independentemente dessa acepção mais lata, no trabalho de Jones os *responsives* designam, genericamente, os padrões de resposta existentes no escocês: “The term responsive is adopted as a general label for both *yes-no* words and their equivalents” (cf. Jones 1999:1).⁵³

O que aqui nos interessa notar é que as observações que Jones faz para os *responsives* (i.e. para os padrões de resposta do escocês) encontram um paralelismo exacto com *àgora*.

De acordo com Jones, uma das características dos *responsives* é a necessidade de elipse de todo o material que pode ser elidido. “In the case of a responsive, the domain of ellipsis must be [...] strictly defined [...]” (cf. Jones 1999:190). Consequentemente, os padrões de resposta existentes no escocês podem consistir, simplesmente, (i) nas partículas afirmativa *ie* ou negativa *nage*; (ii) na repetição da forma finita do verbo; ou, nalguns casos, (iii) na repetição de alguns nomes e adjetivos. (cf. Jones 1999:43ff). Se considerarmos, particularmente, as opções que de acordo com Jones são as mais produtivas (as estruturas do tipo (i) e (ii))⁵⁴ teremos as seguintes possibilidades para respostas negativas em escocês:

(108) *nage* [partícula negativa]

(109) *na* [partícula negativa]+verbo;

Se, por outro lado, lembrarmos o que foi dito logo no início desta secção, constatamos que as respostas com *àgora* que se mostram menos marcadas são aquelas em que há elipse de toda a frase e *àgora* surge isolado (cf. (110)) ou, alternativamente, aquelas em que há elipse de VP e ocorrem, apenas, *àgora* e o verbo (cf. (111)):

⁵³ Em escocês, esses elementos são *ie* (partícula afirmativa) e *nage* (partícula negativa). Cf. Jones 1999:43.

⁵⁴ Cf. Jones 1999:43.

(110) A: O livro é grande.

B: *Àgora!*

(111) A: O livro é grande.

B: *Àgora é!*

Verificam-se, pois, duas situações: (i) a ideia de se elidir todo o material que pode ser elidido aplica-se, tal como nos *responsives*, às respostas com *àgora*; e (ii) nota-se, acima de tudo, que há um paralelismo estrutural perfeito entre as respostas negativas do escocês e as respostas com *àgora* (cf. (108)-(109) e (110)-(111)).⁵⁵

Na realidade, e como o texto de Jones faz notar, a elipse é um fenómeno comum nos padrões de resposta de várias línguas. O exemplo abaixo, dado pelo autor, mostra como as respostas elípticas são perfeitamente possíveis, e até preferenciais, em línguas que, como o inglês (e o português)⁵⁶, permitem elipse do VP.

(112) A: Is it raining?

B: a. It is raining.

b. It is.

Vale agora a pena observar mais atentamente o caso do português, em que também se verifica essa situação. Repare-se, com o exemplo abaixo, como, efectivamente, as respostas mais aceitáveis a interrogativas totais são a opção em que há elipse.

(113) A: Está a chover?

B: a. #Está a chover.

b. Está.

(114) A: O João foi trabalhar?

B: a. Foi.

b. Sim(, foi).

⁵⁵ Há ainda outro aspecto que pode ser curioso comparar, que diz respeito ao facto de tanto os *responsives* do escocês como as respostas com *àgora* serem pouco naturais co-ocorrendo com sujeitos. Sobre esta questão vale a pena ver os pontos 2.5.2.3.1 e 2.5.2.3.2., onde exploramos alguns contrastes relativamente à co-ocorrência de *àgora* com sujeitos pré-verbais e pós-verbais.

⁵⁶ “A construção de elipse do SV é uma propriedade que diferencia o português das restantes línguas românicas e o aproxima do inglês” (cf. Matos, 2003:889).

De facto, o que de uma forma geral se passa é que, em português, a resposta mais natural a uma interrogativa *sim-não* é a opção do tipo de (115) e (116): respostas com frases elípticas, sendo a opção que recupera toda a frase bastante pouco natural.

- (115) A: O João foi à praia?
 B: a. #O João foi à praia.
 b. Foi.
 c. Sim(, foi).
- (116) A: Gostas de morangos?
 B: a. #Gosto de morangos.
 b. Gosto.
 c. Sim(, gosto).

O que importa, de novo, salientar é que a mesma situação se observa relativamente às construções com *àgora*. Apesar de o contexto antecedente da negação com *àgora* ser, tipicamente, uma frase declarativa e não uma interrogativa, a forma mais natural de produzir a frase que expressa negação metalinguística é, tal como nas respostas a interrogativas *sim/não*, aquela em que há elipse de toda a frase ou elipse do VP, e não a que recupera toda a frase:

- (117) A: O João foi à praia.
 B: a. *Àgora*.
 b. *Àgora* foi.
 c. ??? *Àgora* o João foi à praia.
- (118) A: Gosto de morangos.
 B: a. *Àgora*.
 b. *Àgora* gostas.
 c. # *Àgora* gostas de morangos.⁵⁷

Os dados que acabámos de apresentar servem para mostrar, em primeiro lugar, que a elipse é um fenómeno comum também nas respostas a interrogativas *sim/não* do

⁵⁷ O facto de termos marcado esta frase como desadequada tem a ver com uma outra interpretação que fica disponível pela recuperação de toda a frase (como veremos adiante nesta secção). O facto de permitir outra leitura não a torna agramatical, mas corrobora a ideia apresentada de que a forma mais natural de expressar a negação metalinguística com *àgora* é através de frases elípticas (elipse de VP ou elipse de toda a frase).

português europeu: num contexto neutro, em que nenhum constituinte é colocado em proeminência, todo o material que pode ser elidido é, preferencialmente, elidido (cf. (113) a (116)). Mostra-se, em segundo lugar, que a elipse não só é produtiva nas respostas a interrogativas *sim/não* como também é produtiva nas respostas com *àgora* (cf. (117) e (118)). Temos, então, um paralelismo entre as construções com *àgora* e o que tipicamente acontece no sistema de respostas a interrogativas totais do português.

De forma a poder falar-se, com segurança, de um verdadeiro paralelismo entre os dois tipos de estruturas, vale a pena observar os exemplos abaixo, onde expomos as primeiras evidências claras dessa semelhança que defendemos existir.

Assumimos como respostas possíveis a interrogativas totais as opções exemplificadas em (119):

- (119) A: O João comprou um carro?
 B: a. Sim.
 b. Comprou.
 c. *O João comprou.
 d. *Ele comprou.
 e. *Comprou um carro.
 f. #O João comprou um carro.
 g. Sim, comprou.
 h. *Sim, o João/ele comprou.
 i. Sim, comprou um carro.
 j. ?Sim, o João comprou um carro.

É importante, antes de mais, referir dois aspectos. A frase marcada com # não pode ser considerada agramatical, mas será considerada, pela generalidade dos falantes, desajustada ao contexto discursivo. Por outro lado, note-se que os exemplos (119) c., d. e h. seriam gramaticais num outro contexto. Concretamente, se existir uma continuação que torne possível interpretar o constituinte não elidido ou como tópico contrastivo (cf. (120)) ou como foco marcado (cf. (121)), onde o sublinhado assinala proeminência prosódica), a ausência de elipse do sujeito ou do OD deixa de causar agramaticalidade.

- (120) A: O João comprou um carro?
 B: (Sim,) O João/ele comprou, mas a Maria está a pagá-lo.

- (121) A: O João comprou um carro?
 B: Comprou um carro, e que carro!

Compare-se, agora, o paradigma em (119) com as opções de resposta com *àgora*:

- (122) A: O João comprou um carro.
 B: a. #*Àgora* sim.
 b. *Àgora* comprou.
 c. **Àgora* o João comprou.
 d. **Àgora* ele comprou.
 e. **Àgora* comprou um carro.⁵⁸
 f. #?*Àgora* o João comprou um carro.

A comparação torna evidente que os padrões de resposta são os mesmos. A única diferença a apontar é o facto de a resposta com *sim* gerar, nas estruturas com *àgora*, uma resposta agramatical, apesar de, em contextos específicos, ser marginalmente possível uma resposta em que os dois elementos co-ocorrem:

- (123) A: O Pedro vai-se casar.
 B: Vai?
 A: Sim.
 B: Sim?
 A: Sim.
 B: ?*Àgora* sim!

Parece-nos que um dos aspectos que ditam a pouca aceitabilidade de (122-B-a) tem a ver com o facto de *sim* não estar presente na asserção anterior e de as construções com *àgora* preferirem retomar o material já realizado no contexto prévio.⁵⁹ Por essa razão, (123), onde *sim* está presente no antecedente, já é mais aceitável.⁶⁰

⁵⁸ Marcámos esta frase como agramatical porque a retoma do constituinte “um carro” torna necessária uma continuação rectificativa, que justifique a repetição desse elemento. Só com essa rectificação a frase se torna gramatical.

⁵⁹ Se repararmos, todos os exemplos apresentados de construções com *àgora* em que o marcador não ocorre isolado retomam algum ou alguns dos constituintes da asserção anterior.

⁶⁰ Contudo, há outros aspectos que justificam a pouca aceitabilidade das respostas em que *àgora* co-ocorre com *sim*. Por exemplo, embora *sim* e o verbo constituam ambos possíveis respostas mínimas afirmativas, a opção não marcada em português é a resposta verbal. Deve ainda ver-se, por outro lado,

Veja-se agora que o mesmo tipo de paralelismo observado entre (119) e (122) é encontrado em frases negativas:

- (124) A: O João comprou um carro?
 B: a. Não.
 b. ?Não comprou.
 c. *Não comprou um carro.
 d. *O João/ ele não comprou.
 e. *O João não comprou um carro.

- (125) A: O João não comprou um carro.
 B: a. *Àgora* não.
 b. *Àgora* não comprou.⁶¹
 c. **Àgora* não comprou um carro.⁶²
 d. **Àgora* o João/ele não comprou.
 e. #?*Àgora* o João não comprou um carro.

Note-se, aliás, que há ainda uma outra situação de paralelismo entre as duas estruturas: quando, numa frase interrogativa, ocorre o advérbio *nunca*, a resposta pode ser dada retomando o mesmo advérbio ou recorrendo ao marcador de negação predicativa *não* (será esta, possivelmente, a opção preferencial):⁶³

- (126) A: Nunca foste ao jardim zoológico?
 B: Não. / Nunca.

O mesmo acontece na negação metalingüística com *àgora*:

a secção relativa à polaridade (cf. 2.5.2.2), em que voltaremos a abordar esta questão e a explicaremos evidenciando outros dados.

⁶¹ Ao contrário de (124-B-b), este exemplo é perfeitamente aceitável. Note-se que em (124-B-b) parece estar associada ao verbo uma proeminência discursiva, sendo natural seguir-se uma frase rectificativa do tipo: “Não comprou, alugou”. Contudo, no exemplo com *àgora* em (125-B-b) não recai sobre o verbo nenhuma focalização/proeminência desse tipo. Uma possível justificação para esse contraste tem a ver com o facto de nas respostas negativas o foco informacional ser “não”, mas, em co-ocorrência com o verbo, a proeminência prosódica recai necessariamente sobre este constituinte (cf. Zubizarreta 1999). Ora, isso não se passa nas construções com *àgora*, já que este elemento pode adquirir o tipo de proeminência contrastiva de outros constituintes deslocados à esquerda (foco marcado por oposição a foco neutro, nos termos de Zubizarreta 1999).

⁶² Tal como em (122-B-e), esta frase precisa de uma continuação rectificativa para se tornar gramatical.

⁶³ Sobre o estatuto de *não* e *nunca* em português, pode ver-se Gonçalves (1994).

- (127) A: Nunca fui ao jardim zoológico.
B: *Àgora* não. / *Àgora* nunca.

Veja-se, ainda, que se considerarmos, por exemplo, um contexto prévio com presença de verbos auxiliares, verifica-se que, tanto nas respostas a interrogativas como na negação com *àgora*, se prefere a opção que repete apenas o verbo finito:

- (128) A: Vais correr?
B: Vou.

- (129) A: Vou correr.
B: *Àgora* vais.

Temos já, neste ponto, condições de responder à primeira questão que nos propusemos responder: (i) explicar o que justifica a maior aceitabilidade de frases como (102-B) e (103-B). Analisando a negação com *àgora* à luz do paralelismo com as estruturas de resposta a interrogativas totais – os exemplos de (119) a (129) sustentam esse paralelismo – percebe-se que as respostas mais naturalmente aceites ou, dito de outro modo, as respostas que representam o padrão menos marcado, são aquelas em que há elipse de todo o material que pode ser elidido. Justifica-se, assim, que a resposta preferencial seja [*àgora*+V], como em (103-B.).

Quanto à ocorrência isolada, é legítimo assumir que a grande produtividade desta opção também é sustentada por um paralelismo com as interrogativas *sim/não*. Vejamos os exemplos abaixo:

- (130) A: O João foi à praia?
B: *Não*.

- (131) A: O João foi à praia.
B: *Àgora*.

À semelhança do que acontecia nos paradigmas de (119) e (122) e de (124) e (125), é curioso reparar que, mesmo que não se trate do mesmo tipo de negação (os exemplos com *não* veiculam negação regular e os com *àgora* veiculam negação metalinguística), os padrões de resposta mínima são idênticos. O exemplo acima é mais um dado a reforçar o paralelismo entre ambos os tipos de estruturas: mostra que tanto na

negação regular (cf. (130)) como na metalinguística (cf. (131)) a resposta mais natural é com o simples marcador de negação (*não; àgora*).

De resto, note-se que além do paralelismo encontrado com os padrões de resposta a interrogativas totais do PE, também evidenciámos o forte paralelismo entre as respostas com *àgora* e os *responsives* do escocês. Isto prova, pois, que as construções com *àgora* estabelecem uma estrita relação com o conceito de resposta (como mostra a comparação com dados do PE e do escocês). E mostra que as estruturas com *àgora*, enquanto respostas, estabelecem uma relação necessária com a elipse. Fica assim claro que as frases do tipo (i) *àgora* isolado e (ii) [*àgora*+V] sejam as respostas menos marcadas.

2.5.2.2 Polaridade

Mostrámos, no ponto anterior, que as ocorrências mais naturais e produtivas de *àgora* são (i) *àgora* isolado e (ii) [*àgora*+V]. O objectivo desta secção é explorar um outro tipo de ocorrências de *àgora*, ainda que menos produtivas e naturais: queremos mostrar com que tipo de palavras *àgora* pode co-ocorrer quando não ocorre com o verbo.

Uma vez que nesta fase não nos interessam as ocorrências com o verbo, vamos observar o que acontece em frases elípticas (nas quais todo o VP é elidido) mas se recuperam alguns constituintes. Veja-se em (132) e (133) o tipo de frase e o tipo de elipse a que nos referimos:

(132) A: Não *está a chover*.

B: *Àgora* não.

(133) A: O pai já *chegou*.

B: *Àgora* já.

Há um primeiro aspecto evidente: no dialecto do NO, ao contrário do que se passa nos centro-meridionais, as frases em que o marcador *àgora* ocorre com expressões nominais (cf. (134)-(136)) e adjectivos (cf. (137)-(139)) são agramaticais:

(134) A: Está *frio*.

B: a. *Agora frio*.

b. **Àgora frio*.

- (135) A: Vamos ver um filme.
 B: a. *Agora um filme.*
 b. **Àgora um filme.*
- (136) A: Ela está com medo.
 B: a. *Agora medo.*
 b. **Àgora medo.*
- (137) A: A situação está feia.
 B: a. *Agora feia.*
 b. **Àgora feia.*
- (138) A: Ficou triste.
 B: a. *Agora triste.*
 b. **Àgora triste.*
- (139) A: Eles estão cansados.
 B: a. *Agora cansados.*
 b. **Àgora cansados.*

Os nítidos contrastes de gramaticalidade entre os exemplos a. e b. indicam, pois, que *agora* nos dialectos centro-meridionais se associa com bastante naturalidade a expressões nominais e a adjetivos, ao passo que as mesmas frases são totalmente agramaticais quando integram o marcador do dialecto do NO de Portugal.

Nas respostas com *àgora* que integram advérbios verifica-se, em geral, o mesmo tipo de agramaticalidade:

- (140) A: A viagem correu bem.
 B: a. *Agora bem.*
 b. **Àgora bem.*
- (141) A: A casa fica longe.
 B: a. *Agora longe.*
 b. **Àgora longe.*

- (142) A: Chegaste depressa!
 B: a. *Agora depressa*.
 b. **Àgora depressa*.

Perante estes resultados – que parecem, à partida, indicar que *àgora* é mais restritivo relativamente aos elementos com que co-ocorre, em frases elípticas – fica claro que não são, efectivamente, todos os tipos de elementos que podem associar-se a *àgora*. Vejamos, então, as frases abaixo:

- (143) A: Não estou bonita.
 B: *Àgora* não. Estás linda!
- (144) A: Nunca telefonaste.
 B: *Àgora* nunca/*àgora* não. Telefonei todos os dias!

As frases (143) e (144) são, ao contrário do que verificamos de (134) a (142), frases perfeitamente gramaticais. Perante estes dados, podemos começar a esboçar uma justificação para as diferenças de gramaticalidade observadas: se repararmos, o que há em comum entre os elementos não-verbais que até agora mostrámos ser possível ocorrerem com *àgora* (*não* e *nunca*), e que os distingue das outras palavras testadas anteriormente, é o facto de *não* e *nunca* serem palavras que expressam polaridade, e que, por isso, constituem padrões de resposta mínima a interrogativas *sim/não*.⁶⁴

De acordo com o descrito em Martins (2009) relativamente ao sistema de respostas mínimas do português europeu, além de respostas com o verbo e com *sim* existe ainda a opção, em PE, de a resposta ser dada através de advérbios: “Besides verbal answers and *sim*-answers, Portuguese also displays adverbial answers, which repeat certain adverbs occurring in the question (cf. Martins 2009:6); “Core adverbs defining the relevant pattern are *também*, *só*, *já*, *ainda*, *quase*, *talvez*, *sempre*”. (cf. Martins 2009:16).

Testemos, então, o comportamento de *àgora*, em frases elípticas, junto dos advérbios que também constituem respostas mínimas a interrogativas *sim/não* (*também*, *só*, *já*, *ainda*, *quase*, *talvez*, *sempre*), de forma a comprovar ou invalidar esta possível relação.

⁶⁴ Cf., sobre este assunto, Martins (2009).

- (145) A: Também fui.
B: ??*Àgora também!*
- (146) A: Só há um chocolate.
B: ?*Àgora só!*
- (147) A: O pai já chegou.
B: *Àgora já!*
- (148) A: Ainda me lembro.
B: ?*Àgora ainda.*
- (149) A: O jantar quase chegou.
B: ?*Àgora quase.* Ficámos todos com fome.
- (150) A: Talvez venha.
B: ??*Àgora talvez.*
- (151) A: Sempre pratiquei karaté.
B: *Àgora sempre!*

Se testarmos com outro tipo de advérbios (como, por exemplo, advérbios em *–mente* ou advérbios temporais), verificamos que os resultados são inequivocamente agramaticais (cf. (152)-(154)), o que significa que é a propriedade que une os advérbios anteriores (serem padrões de resposta mínima a interrogativas *sim/não*) que explica as diferenças de gramaticalidade.

- (152) A: O Pedro falou inteligentemente.
B: **Àgora inteligentemente.*
- (153) A: Eles vieram ontem.
B: **Àgora ontem.*
- (154) A: Ele está pior.
B: **Àgora pior.*

Na realidade, os dados expostos mostram que *àgora* se associa, em frases elípticas, às palavras que expressam polaridade e que podem ocorrer como respostas mínimas a interrogativas totais. Além do verbo, esses elementos são o marcador de negação predicativa *não*, o advérbio negativo *nunca* e os advérbios que permitem gerar respostas adverbiais (*já, também, só, ainda, quase, talvez, sempre*).⁶⁵

Note-se que se os elementos com que *àgora* co-ocorre expressarem polaridade mas não constituírem um padrão de resposta mínima não marcada o resultado é agramatical:

- (155) A: Nada funciona.
B: **Àgora nada!*
- (156) A: O João nada fez.
B: **Àgora nada.*
- (157) A: Ninguém telefonou.
B: **Àgora ninguém!*
- (158) A: Nenhum perguntou por ti.
B: **Àgora nenhum!*

Nada, nenhum e ninguém, apesar de serem itens de polaridade negativa (IPNs), não ocorrem como resposta mínima, não marcada, a interrogativas *sim/não*. Ao ocorrerem, marginalmente, como resposta, ocorrem como constituintes argumentais e, nesse caso, produzem resultados agramaticais com *àgora*:

- (159) A: Nada aconteceu? / Nada aconteceu.
B: a. ?Nada. / **Àgora nada.*
b. Não. / *Àgora não.*
- (160) A: Ninguém telefonou? / Ninguém telefonou.
B: a. ?Ninguém. / **Àgora ninguém.*
b. Não. / *Àgora não.*

⁶⁵ Cf. Martins (2009).

Está, pois, encontrada a resposta à segunda questão que apontámos no início da secção: identificar as palavras que numa sequência mínima do tipo *Àgora*-[X] podem co-ocorrer com o marcador *àgora*, além do verbo, e determinar, além disso, qual o traço unificador do conjunto relevante. Verifica-se que, além do verbo, *àgora* pode ocorrer com elementos que constituem respostas mínimas, não marcadas, a interrogativas *sim/não*.

Há uma aparente excepção para *sim*, que também constitui uma resposta mínima a interrogativas *sim/não* mas, como vimos em (122) e (123), gera resultados pouco naturais com *àgora*. No entanto, essa marginalidade justifica-se por factores independentes. A justificação mais óbvia é atribuir a marginalidade ao facto de *sim* não estar, normalmente, presente na asserção anterior e por isso não poder ser retomado.⁶⁶ Se repararmos, embora *nunca* possa co-ocorrer com *àgora*, essa possibilidade também só existe se *nunca* estiver presente no antecedente:

(161) A: O João não/jamais faria isso.

B: **Àgora nunca*.

(162) A: Tenho a certeza de que o João não mentiu, o João nunca mente.

B: *Àgora nunca*.

Por outro lado, embora *sim* e o verbo constituam ambos possíveis respostas mínimas afirmativas, a opção não marcada em português é a resposta verbal. A principal justificação para a marginalidade com *sim* reside, pois, no facto de não ser verdadeiramente possível estabelecer um paralelismo entre *sim* e *não* enquanto respostas mínimas. Os contrastes detectados nas co-ocorrências de *àgora* com esses dois elementos justificam-se, acima de tudo, porque *àgora* co-ocorre, além do verbo, com elementos que expressam polaridade, e *não* é a única palavra que em frases declarativas neutras expressa visivelmente o valor de polaridade da frase. A afirmação, ao contrário da negação, não tem expressão visível em contextos neutros (ou seja, não há um núcleo afirmativo paralelo ao núcleo negativo “não”).⁶⁷ O facto de *não* poder co-

⁶⁶ Conforme já foi referido, as respostas com *àgora* retomam, sempre que *àgora* não ocorre isolado, constituintes que já foram introduzidos na asserção anterior.

⁶⁷ Martins (2006) mostra, nomeadamente, que *sim* em português (ao contrário de *sí* no espanhol, por exemplo) não pode ocupar o núcleo funcional Sigma/Pol, diferentemente de *não*.

-ocorrer com *àgora* mesmo quando não está presente no antecedente (ao contrário de *sim*) evidencia, pois, que *sim* e *não* não são equivalentes:⁶⁸

- (163) A: Nunca me telefonaste.
B: *Àgora não*. Telefonei-te todos os dias!
- (164) A: Nunca fui ao jardim zoológico.
B: *Àgora não*. Foste no ano passado!

Estas restrições não se observam nos dialectos centro-meridionais, já que neste caso o marcador parece poder ocorrer com qualquer constituinte que ocorra tipicamente à direita do verbo.

2.5.2.3 Foco contrastivo e proeminência discursiva

Vimos, até agora, que há três construções possíveis com *àgora*: (i) *àgora* isolado; (ii) [*àgora*+V]; (iii) [*àgora*+elementos que expressam polaridade]. A última possibilidade de ocorrência de *àgora* é aquela em que o marcador ocorre, simultaneamente, com o verbo e outros constituintes. Teremos também, então, uma hipótese (iv), que compreende estruturas do tipo [*àgora*+V+X] ou [*àgora*+X+V]. São essas as construções que agora vamos analisar.

Refira-se que uma possível ocorrência deste tipo de estrutura é, no sentido do que foi exposto imediatamente acima, a construção [*àgora*+elemento polar+verbo]:

- (165) *Àgora não* foi.
(166) *Àgora já* tem.

Contudo, há a possibilidade de o terceiro elemento a que *àgora* e o verbo se associam não expressar polaridade. Nestes casos, o que acontece é que *àgora* e o verbo co-ocorrem com constituintes que revelam proeminência discursiva. Nas subsecções que se seguem discutiremos estes casos, analisando os dois tipos de construções que lhe estão associados: [*àgora*+V+constituinte discursivamente proeminente] (em 2.5.2.3.1); [*àgora*+constituinte discursivamente proeminente+V] (em 2.5.2.3.2).

⁶⁸ Se assumirmos, como tipicamente se assume, que *não* está presente em todas as frases negativas, mesmo que não seja fonologicamente realizado, faz todo o sentido que as frases (163) e (164) sejam gramaticais.

2.5.2.3.1 As estruturas do tipo [*àgora*+V+X]

Em todos os casos identificados anteriormente ((i) *àgora* isolado; (ii) [*àgora*+V]; (iii) [*àgora*+elemento que expressa polaridade]) as respostas com *àgora* são neutras, na medida em que não há nenhum constituinte que seja focalizado ou colocado em proeminência discursiva. As ocorrências de *àgora* com verbos e outros constituintes, em análise nesta secção, divergem das apresentadas anteriormente num aspecto essencial: neste caso, como referimos acima, as respostas não são neutras; há, sempre, um constituinte que é objecto de proeminência discursiva.

Na observação das estruturas pertinentes para este ponto temos o intuito de desvendar dois aspectos: (i) que constituintes são obrigatoriamente elididos e (ii) que constituintes podem co-ocorrer, simultaneamente, com *àgora* e com o verbo.

Retomando o que foi exposto acima sobre elipse, é consensualmente aceite que, numa resposta, todos os constituintes que podem ser elididos deverão ser elididos. Observando as seguintes frases, notamos que a opção mais natural em (167) é a a., apesar de não se poder considerar a b. agramatical:

- (167) A: Comeram o bolo.
 B: a. *Àgora* comeram.
 b. *Àgora* comeram o bolo.

Na verdade, ainda que b. não seja agramatical, na negação metalinguística com *àgora*, não só é preferencial como necessário que a elipse aconteça. A preferência por frases do tipo (167-B-a) acontece porque, nas frases em que os argumentos são realizados, torna-se obrigatória uma leitura de foco, que incide nos constituintes realizados. Assim, seria natural haver uma continuação rectificativa do tipo:

- (168) *Àgora* comeram o bolo. Comeram foi os chocolates.

Relativamente a este conceito – o foco – convém lembrar que ele é frequentemente utilizado em dois sentidos diferentes. Na linha de Chomsky (1971, 1976) e Jackendoff (1972), podemos definir “foco” como o constituinte da frase que representa informação nova. Nestes casos, o foco é “a parte não-suposta da

oração”⁶⁹ (cf. Zubizarreta 1999:4224), contrapondo-se à parte “pressuposta”, que é a informação já conhecida, “partilhada pelo falante e o ouvinte”⁷⁰ (cf. *idem, ibidem*).

Para este primeiro tipo de foco, a que chamaremos foco informacional, é comum utilizar-se o teste do par pergunta/resposta de forma a identificar o constituinte da oração que corresponde ao foco. Se considerarmos as frases abaixo, veremos que o constituinte considerado foco é o que substitui o pronome interrogativo correspondente na pergunta:

- (169) A: Que aconteceu?
B: *O pai chegou.*
- (170) A: Quem chegou?
B: *Chegou o pai.*
- (171) A: O que oferecete à Ana?
B: *À Ana ofereci um livro.*

Não é, no entanto, este o conceito que importa à nossa análise. O foco a que nos referimos, nas frases em que os constituintes que ocorrem com *agora* não são elididos, é não um foco informacional mas um foco contrastivo.

De acordo com Zubizarreta (1999),⁷¹ o foco contrastivo é uma opção marcada e contrapõe-se ao foco informacional, que a autora considera neutro. Ao contrário deste, a primeira característica do foco contrastivo é ter “como contexto, em vez de uma pergunta, uma asserção” (cf. Zubizarreta 1999:4228). Vejam-se os exemplos abaixo, adaptados de Zubizarreta:

- (172) A: O gato comeu um canário.
B: O gato comeu [_Fum rato] (não um canário).
- (173) A: O cão comeu um rato.
[_FO gato] comeu um rato (não o cão).

⁶⁹ Tradução minha.

⁷⁰ Tradução minha.

⁷¹ Sobre focalização contrastiva, ver também Zimmermann (2008).

Assim, segundo a autora, o foco contrastivo caracteriza-se por negar o valor atribuído pela asserção prévia a uma determinada variável e por atribuir um novo valor a essa variável: “por un lado niega una parte de la presuposición introducida por el contexto asertivo, más precisamente niega el valor atribuído por la presuposición a una cierta variable [...]; por otro lado, asigna un valor alternativo a esta variable” (cf. Zubizarreta 1999:4228).

A caracterização de foco contrastivo de Zubizarreta (1999) permite-nos descrever o que acontece nas estruturas com *àgora*. Há, sempre, uma frase declarativa prévia relativamente à qual vai haver uma contestação. No caso de na negação com *àgora* os argumentos não serem elididos, indica-se qual é a parte da pressuposição que vai ser contestada. Ao serem objecto de proeminência discursiva os constituintes não elididos são identificados como o valor negado para uma dada variável. O foco contrastivo propriamente dito (nos termos de Zubizarreta) aparecerá na frase subsequente mas foi, por assim dizer, pré-anunciado pelo seu correspondente estrutural na frase com *àgora*.

- (174) A: A tia comprou uma bicicleta.
B: *Àgora* comprou *uma bicicleta*. Comprou foi *uma mota*!
- (175) A: A Ana comprou um carro.
B: *Àgora* comprou *um carro*. Comprou *um camião*!
- (176) A: A avó telefonou à Rita.
B: *Àgora* telefonou *à Rita*. Telefonou *à Sara*!
- (177) A: Pedimos dois livros ao tio.
B: a. *Àgora* pedimos *dois livros* (ao tio).⁷² Pedimos *quatro*!
b. *Àgora* pedimos (dois livros) *ao tio*. Pedimos *ao pai*!
c. *Àgora* pedimos *dois livros ao tio*. Pedimos *um à tia*!
- (178) A: a. O Rui foi para Londres.
B: b. *Àgora* foi *para Londres*. Foi *para Paris*!

⁷² A retoma integral da frase deixa em aberto a possibilidade de algum tipo de continuação rectificativa, já que se sugere, com essa retoma dos constituintes, que há algum tipo de contestação a ser feita relativamente ao antecedente. Mesmo que só um dos constituintes seja contestado, é possível a retoma integral do antecedente, desde que haja, depois, a rectificação. Aliás, só se aceita como gramatical a frase em que *àgora* retoma todo o antecedente na presença de uma frase rectificativa.

Repare-se que outro tipo de constituintes que podem ocorrer no tipo de estrutura em análise ([*àgora*+V+X]) são os sujeitos pós-verbais. Testemos, para isso, situações com alguns verbos que permitem, facilmente, a ocorrência de sujeitos pós-verbais, como os inacusativos *chegar*, *cair* e *morrer* e os inergativos *nadar* e *correr*:

- (179) A: Chegou o João.
B: *Àgora* chegou o João. Chegou foi o pai!
- (180) A: Caiu o copo.
B: *Àgora* caiu o copo. Caiu foi a garrafa!
- (181) A: Morreram as crias.
B: *Àgora* morreram as crias. Só uma é que morreu!
- (182) A: Nadou a Maria.
B: *Àgora* nadou a Maria. Quem nadou foi o Rui.
- (183) A: Correram os atletas.
B: *Àgora* correram os atletas. Quem correu foi o treinador.

Paralelamente às situações anteriores, também nestes casos se pode observar que os constituintes que ocorrem com *àgora* além do verbo são alvo de proeminência discursiva.

Repare-se que a questão da proeminência discursiva se aplica, também, a complexos verbais. Nestes casos, a opção não marcada consiste em manter o verbo finito; de outra forma, haverá necessariamente proeminência discursiva sobre o verbo não-finito, e subsequente ocorrência de um foco contrastivo.

- (184) A: Vou correr.
B: *Àgora* vais.
- (185) A: Vou correr.
B: *Àgora* vais correr. Vais é trabalhar.

No exemplo exposto, o facto de ter sido introduzido o verbo *ser* na segunda frase (*Vais é trabalhar*) indica que se trata de uma construção clivada. Ora, sabendo-se que nas estruturas clivadas se colocam em destaque determinados constituintes da frase,⁷³ a escolha desta construção evidencia que há um constituinte em destaque na asserção anterior (*correr*), com o qual o constituinte em destaque na clivada (*trabalhar*) vai contrastar. A possível paráfrase “não é correr que vou, vou é trabalhar” torna evidente, portanto, a leitura de foco subjacente ao tipo de construção com o marcador *àgora* que estamos a discutir (ou seja, a construção em que certos constituintes escapam ao processo de elipse).

Como seria de esperar, as construções clivadas são aplicáveis à generalidade das estruturas com *àgora* em que há lugar à realização de um constituinte pós-verbal, i.e., [*Àgora+V+X*]:

- (186) A: A Ana comprou um carro.
B: *Àgora* comprou um carro. Comprou *foi* um camião!
- (187) A: A avó telefonou à Rita.
B: *Àgora* telefonou à Rita. Telefonou *foi* à Sara!
- (188) A: Pedimos dois livros ao tio.
B: a. *Àgora* pedimos dois livros (ao tio). Pedimos *foi* 4!
b. *Àgora* pedimos (dois livros) ao tio. Pedimos *foi* ao pai!
c. *Àgora* pedimos dois livros ao tio. Pedimos *foi* um à tia!
- (189) A: O Rui foi para Londres.
B: *Àgora* foi para Londres. Foi *foi* para Paris!
- (190) A: Estás triste.
B: *Àgora* estou triste. Estou *é* preocupada!

Defendemos, pois, que nas construções com *àgora* os constituintes que não são elididos serão alvo de proeminência discursiva. Aliás, à exposição feita anteriormente podemos acrescentar um argumento adicional a favor dessa ideia. Se repararmos, nas

⁷³ Ver, por exemplo, Duarte (2003) e Lobo (2006).

construções em que *àgora* co-ocorre apenas com o verbo, se houver algum pronome clítico associado ao verbo ele será apagado.

- (191) A: Deu-lhe uma flor.
 B: a. *Àgora* deu.
 b. *???*Àgora* deu-lhe.

Como se sabe, os clíticos não podem ser focalizados, daí que sejam obrigatoriamente redobrados em contextos de focalização contrastiva:

- (192) Dá-me *a mim*, não *ao Pedro*.
 *Dá-me, não *ao Pedro*.

Ora, o facto de os pronomes clíticos não poderem ocorrer nas estruturas do tipo [*àgora*+V] é mais um dado a apoiar a nossa observação de que *àgora* só ocorre com constituintes focalizados ou, de alguma forma, discursivamente proeminentes.

Cabe esclarecer, por fim, que nos casos em que toda a asserção é integralmente retomada mas nenhum constituinte é contestado, como em (193), pode ficar disponível uma leitura que não é de focalização contrastiva, pois envolve proeminência discursiva sobre toda a frase e não sobre um constituinte particular. Nestes casos, a retoma integral do antecedente sugere, genericamente, uma descrença do falante relativamente à asserção prévia, sendo que a interpretação imediata é a de que surgirá, em seguida, uma continuação que explicita os motivos pelos quais há reservas quanto ao antecedente, sem que haja, necessariamente, um constituinte em particular a ser contestado:

- (193) A: Comprei uma mota.
 B: *Àgora* compraste uma mota. Nem sequer gostas de motas / Não tens dinheiro nem para uma bicicleta

2.5.2.3.2 As estruturas do tipo [*àgora*+X+V]

Debrucemo-nos sobre um outro ponto: que elementos podem interpor-se entre *àgora* e o verbo? Veremos que também a este nível há particularidades do marcador do NO que devem ser analisadas.

Verificámos, até aqui, que há dois conceitos importantes associados às palavras com que *àgora* pode ocorrer: são eles o conceito de padrão de resposta mínima (que justifica o tipo de palavras que ocorrem em frases elípticas: verbo, advérbios responsivos e marcadores de negação predicativa) e o conceito de foco contrastivo (que justifica os constituintes, pós-verbais, que ocorrem, em simultâneo, com *àgora* e com o verbo).

Para perceber que palavras vão poder interpor-se entre *àgora* e o verbo, desde já se levantam, então, duas hipóteses: palavras com polaridade (respostas mínimas) ou palavras que podem ser interpretadas como foco contrastivo.

Os exemplos que se seguem mostram que as palavras que expressam polaridade e que podem ocorrer como respostas mínimas continuam, de facto, a gerar resultados gramaticais se ocorrerem interpostas entre *àgora* e o verbo:

- (194) A: Não estou bonita.
B: *Àgora não* estás. Estás linda!
- (195) A: Nunca telefonaste.
B: *Àgora nunca/àgora não* telefonei. Telefonei todos os dias!
- (196) A: O jantar quase chegou.
B: *Àgora quase* chegou. Ficámos todos com fome.
- (197) A: Só há um chocolate.
B: *Àgora só* há um. Há vários.
- (198) A: Sempre pratiquei karaté.
B: *Àgora sempre* praticaste! Nem sequer experimentaste.
- (199) A: Também fui.
B: *Àgora também* foste. Ficaste em casa.

Os resultados são gramaticais e, em muitos casos, são até melhores do que na ocorrência sem verbo. Porém, como adiante se verá, seria totalmente precipitado

concluir-se que é, de novo, exclusivamente o conceito de polaridade que permite caracterizar as palavras que podem co-ocorrer entre *àgora* e o verbo.

De forma a perceber que tipo de palavras são estas é necessário, antes de mais, testar a gramaticalidade com palavras que tipicamente ocorrem, de forma não marcada, em posição pré-verbal: são elas o marcador de negação predicativa *não*, a palavra negativa *nunca*, quantificadores, certos advérbios e sintagmas nominais focalizados por um advérbio focalizador. Os exemplos de frases para cada um desses casos encontram-se em (200)-(209).

- (200) A: Todos vieram.
B: *Àgora todos* vieram. Não veio ninguém!
- (201) A: Muitos telefonaram.
B: *Àgora muitos* telefonaram. Só telefonou a Ana!
- (202) A: Poucos quiseram.
B: *Àgora poucos* quiseram. Quiseram todos os que cá estavam!
- (203) A: Ninguém te viu.
B: *Àgora ninguém* me viu. Viu-me o Paulo!
- (204) A: O jantar era pouco, mas quase chegou.
B: *Àgora quase* chegou! Ficámos todos com fome!
- (205) A: Ela já chegou.
B: *Àgora já* chegou. Ainda está em casa!
- (206) A: Só vi o Pedro.
B: *Àgora só* viste o Pedro. Viste os amigos todos.
- (207) A: Hoje não vou.
B: *Àgora hoje* não vais! Vais e é já!
- (208) A: Até o Pedro veio.
B: *Àgora até o Pedro* veio. O Pedro nem telefonou.

- (209) A: Só ele ajudou.
 B: *Àgora só ele* ajudou. Ele desapareceu logo.

O facto de entre estas frases, consideradas gramaticais, estarem palavras que não expressam polaridade (os quantificadores *muitos*, *poucos*, *ninguém*; o advérbio *hoje*; os sintagmas nominais *O Pedro* e *ele*) facilmente demonstra que não, é, portanto, a polaridade que define, globalmente, o tipo de palavras que podem ocorrer entre *àgora* e o verbo.

O que, na verdade, há em comum em todos estes casos é o facto de existir, mais uma vez, uma leitura contrastiva (seja ou não de foco contrastivo *stricto sensu*): surge, em qualquer dos casos, muito naturalmente, a seguir à frase negativa, uma asserção rectificativa que põe em contraste dois constituintes estruturalmente paralelos. Há, contudo, uma intersecção entre as duas questões relevantes – polaridade e foco contrastivo, ou proeminência contrastiva – porque, em geral, as palavras que expressam polaridade e podem ocorrer como respostas mínimas são facilmente focalizáveis contrastivamente, ou objecto de algum tipo de proeminência contrastiva:

- (210) A: Ela já chegou.
 B: *Àgora já* chegou. *Ainda* está em casa!
- (211) A: Nunca me telefonaste.
 B: *Àgora nunca*. Telefonei-te *sempre*!
- (212) A: Talvez vá.
 B: *Àgora talvez*. *De certeza* que fica em casa.
- (213) A: Não vou.
 B: *Àgora não*. Vais *sim*.

Notemos, ainda, uma questão relevante. É possível encontrar, relativamente à ocorrência de advérbios, alguns contrastes. Se nos centrarmos, para começar, nos advérbios em *-mente*, verificamos que alguns geram resultados agramaticais, ou, pelo menos, muito marginais (cf. 214), ao passo que outros não (cf. 215).

- (214) A: Infelizmente, o cão fugiu.
 B: ???*Àgora infelizmente* fugiu. Não fugiu nada! / Felizmente fugiu!

A: Inesperadamente, gostaram.

B: ???*Àgora inesperadamente* gostaram. Não gostaram nada! /Eu sabia que iam gostar.

(215) A: Normalmente corremos.

B: *Àgora normalmente* corremos. Nunca fazemos exercício!

A: Raramente vens.

B: *Àgora raramente* venho. Venho todos os dias!

Esta situação explica-se se considerarmos uma tipologia semântica dos advérbios. Segundo Costa e Costa (2001), sob o ponto de vista semântico, podemos considerar a existência de um tipo de advérbios a que os autores chamam “orientados para o falante”, de que (216) a (218) são exemplo:⁷⁴

(216) *Felizmente*, o Pedro fechou a porta.

(217) *Infelizmente*, o Pedro fez um bolo.

(218) *Surpreendentemente*, o Pedro entornou o café.

De acordo com os autores, estes advérbios denotam “um acto avaliativo por parte do falante” (cf. Costa e Costa 2001:25), pelo que há, neles, uma função avaliativa. Segundo os mesmos autores, estas formas são diferentes dos advérbios de modo, que descrevem “o modo como a acção foi feita”, e daí a impossibilidade de existir, para os primeiros advérbios, “a paráfrase que é adequada para os advérbios de modo” (Costa e Costa 2001:25).

(219) O Pedro fechou a porta de um modo feliz. (diferente de: Felizmente, o Pedro fechou a porta).

(220) O Pedro fez um bolo de modo infeliz (diferente de: Infelizmente, o Pedro fez um bolo).

(221) O Pedro entornou o café de um modo surpreendente (diferente de: Surpreendentemente, o Pedro entornou o café).

⁷⁴ Exemplos de Costa e Costa (2001).

Ora, se repararmos, todos os advérbios que podem ser considerados sob esta designação, i.e., “orientados para o falante”, revelam-se agramaticais ocorrendo com *àgora*:

- (222) **Àgora felizmente*, o Pedro fechou a porta. (Não fechou a porta./Não a devia ter fechado.)
- (223) **Àgora infelizmente*, o Pedro fez um bolo. (Não fez bolo nenhum./Ainda bem que não fez.)
- (224) **Àgora surpreendentemente*, o Pedro entornou o café. (Não entornou café nenhum./Toda a gente esperava.)

Consideremos, agora, as restantes classificações propostas pelos autores. Segundo os mesmos, frases com advérbios do tipo de (225) são considerados “orientados para o sujeito”,⁷⁵ pelo facto de a paráfrase que melhor os traduz ser “aquela em que o advérbio de certa forma predica sobre o sujeito”, como em (226) (cf. Costa e Costa 2001:24).

- (225) O Pedro cuidadosamente fechou a porta.
- (226) Foi cuidadoso da parte do Pedro ter fechado a porta.

O facto de estas formas não excluírem a ocorrência de advérbios de modo prova, segundo os autores, que estes não são advérbios de modo:

- (227) O Pedro cuidadosamente fechou a porta silenciosamente.

Este tipo de advérbios revela-se, à semelhança dos primeiros, pouco aceitável com *àgora*:

- (228) *?*Àgora cuidadosamente* fechou a porta.

O facto interessante a observar é que se o advérbio que ocorresse fosse o de modo a construção já seria gramatical:

⁷⁵ Os autores alertam para o facto de estes advérbios não poderem co-ocorrer com qualquer sujeito: “em frases passivas ou com sujeitos não agentivos, o advérbio não recebe a leitura relevante” (cf. Costa e Costa 2001:24). Por esse facto preferem a designação “advérbios orientados para o agente”.

(229) *Àgora* fechou a porta *silenciosamente*. (Fez um barulho imenso!)

Mas os autores postulam, ainda, a existência de duas outras classes semânticas: (i) advérbios de foco, cuja função é “focalizar um determinado constituinte [e] tem como consequência uma interpretação de exaustividade, [...] semelhante ao que acontece em construções de focalização contrastiva” (cf. Costa e Costa:25,26); e (ii) advérbios de realce, cuja “função é a de realçar ou enfatizar um determinado constituinte (cf. Costa e Costa:27). Vejam-se os exemplos para o primeiro caso (cf. (230)) e para o segundo (cf. 231)):

(230) O Pedro só entornou o café.
Unicamente o Pedro fez um bolo.
O Pedro fechou somente a porta.

(231) Até o Pedro leu o livro.
Mesmo o Pedro leu o livro.

Vejam, agora, o seu comportamento quando intercalados entre *àgora* e o verbo⁷⁶:

(232) *Àgora só* entornou o café. Entornou o vinho também.

(233) *Àgora até o Pedro* leu o livro.⁷⁷ O Pedro é que não leu.
Àgora mesmo o Pedro leu o livro. O Pedro é que não leu.

Pelos dados expostos atrás constata-se, portanto, que apenas os advérbios que focalizam ou realçam algum constituinte ou que, por outro lado, são eles próprios passíveis de ser focalizados ou postos em realce, podem interpor-se entre *àgora* e o verbo, ficando, assim, excluídos os advérbios orientados para o falante e para o sujeito. Este facto aponta, pois, no sentido do que vimos defendendo: com *àgora* e o verbo co-

⁷⁶ Por estarmos a testar exclusivamente esta posição, só incluímos na análise os exemplos em que os advérbios estão em posição pré-verbal. No entanto, construções em que se focaliza o sujeito (“*Àgora* unicamente o Pedro fez o bolo”; “*Àgora* fechou unicamente a porta”) seriam igualmente gramaticais.

⁷⁷ Em rigor, neste caso não é apenas o advérbio que ocorre entre *àgora* e o verbo, mas sim um sintagma nominal que integra um advérbio “marcador de foco”.

-ocorrem, apenas, constituintes focalizados contrastivamente, ou, de alguma forma, colocados em proeminência discursiva.

Há, por último, uma situação que merece algumas palavras. Observámos, na subsecção anterior, que um dos constituintes que podem ocorrer numa estrutura do tipo [*àgora*+V+X] são os sujeitos pós-verbais (cf. (179) a (183)). Seria então esperável que em ocorrências do tipo [*àgora*+X+V] pudessem ocorrer, de forma igualmente natural, sujeitos pré-verbais. Mas há, neste ponto, um contraste. Diferentemente do que acontece relativamente aos argumentos internos do verbo e aos sujeitos pós-verbais, a realização dos sujeitos pré-verbais torna as frases com *àgora* marginais, ainda que o sujeito seja objecto de proeminência discursiva.

(234) A: O João comeu o bolo.

B: ??*Àgora o João* comeu o bolo. Quem comeu o bolo foi *a Rita*.

(235) A: O João chegou.

B: ??*Àgora o João* chegou. *O pai* é que chegou!

Refira-se, pois, que há um aspecto que pode explicar os contrastes entre sujeitos pré-verbais e pós-verbais. Tendo em conta que, em português, “à estrutura sintáctica sujeito-predicado corresponde a estrutura temática tópico-comentário” (cf. Duarte 2003:316), em frases como (234) e (235) o sujeito vai ser obrigatoriamente interpretado como tópico.⁷⁸ Por essa razão, dificilmente ele poderá ser interpretado como foco contrastivo, daí a maior marginalidade das frases (234) e (235).⁷⁹

Constituintes deslocados: focos antepostos e tópicos

Temos estado a discutir que situações legitimam a interposição de elementos entre *àgora* e o verbo. Observámos, a esse respeito, que as palavras que podem ocorrer de forma não marcada em posição pré-verbal produzem resultados gramaticais se ocorrerem entre *àgora* e o verbo, desde que estejam focalizadas contrastivamente, ou recebam de alguma forma proeminência discursiva.

⁷⁸ Duarte (2003) esclarece que este tipo de frases são «predicações, i.e., exprimem juízos categóricos, ou seja, juízos que envolvem dois actos separados: “o acto de reconhecimento daquilo que vai ser o sujeito” [Kuroda (1972/3:154)] e “o acto de afirmar ou negar o que é expresso pelo predicado acerca do sujeito”» (cf Duarte 2003:317).

⁷⁹ Recorde-se que, como aponta Jones (1999), também no escocês os *responsives* (respostas) revelam comportamentos marginais com sujeitos: “Nominal subjects can never occur in the responsive [and] the norms are that pronominal subjects are dropped in the responsives” (cf. Jones 1999:172).

Além das palavras que tipicamente ocorrem em posição pré-verbal (como todas as testadas acima), há outros constituintes que, ocasionalmente, podem ocupar essa posição, caso sejam alvo de deslocação à esquerda: é o caso dos tópicos e dos focos contrastivos antepostos.

Começemos pelos focos antepostos.⁸⁰ As frases abaixo, retiradas de Zubizarreta (1999), representam alguns exemplos de focos antepostos, de acordo com a autora.

- (236) MANZANAS compró Pedro (y no peras).
 A JUAN le regalo María un libro (y no a Pedro).
 Sobre la MESA puso María el libro (y no sobre el piano).

Tendo em conta que, até agora, todos os constituintes que ocorrem com *àgora* além do verbo podem ser focalizados contrastivamente, será esperável encontrar resultados gramaticais também nestas estruturas. Para testar o comportamento de *àgora* nas frases de (236), o primeiro passo é elidir tudo o que não é necessário (i.e, sujeitos e constituintes que não estão em proeminência discursiva), para que a agramaticalidade não advenha da presença de elementos que devem ser omitidos.

- (237) A: Maçãs, comprou
 B: ??*Àgora maçãs* comprou. Comprou foi *peras*.
- (238) A: Ao João deu um livro.
 B: ??*Àgora ao João* deu um livro.⁸¹ Deu foi *ao Pedro*.
- (239) A: Na mesa pôs o livro.
 B: ???*Àgora na mesa* pôs o livro. Pôs foi *no piano*.

Os resultados não parecem muito naturais, mas é possível encontrar casos aceitáveis:

- (240) A: Desses já tenho.
 B: *Àgora desses* já tens. Tens é *dos outros*.

⁸⁰ Entenda-se, por focos antepostos, focos contrastivos antepostos.

⁸¹ No caso de o verbo ter dois ou mais argumentos internos, elidir apenas um dos argumentos gera resultados agramaticais.

- (241) A: Comigo fala.
 B: *Àgora contigo* fala. Fala é *comigo*.

Na generalidade, o comportamento de *àgora* com focos antepostos não é muito natural, à semelhança do que dissemos anteriormente para os tópicos (cf. 2.5.1). E, na verdade, passa-se com os focos antepostos o que se passa com os tópicos: não sendo todos, há alguns constituintes que são aceitáveis, havendo indícios de que a ocorrência sob a forma de pronome é preferencial (cf. (240) e (241)).

Mas repare-se, ainda, numa questão relevante. Se observarmos as frases abaixo, verificamos que é também possível que ocorram, entre *àgora* e o verbo, constituintes que exibem um outro tipo de focalização que não a contrastiva:

- (242) A: A ti não te dou.
 B: *Àgora a mim* não me dás. (Logo a mim, que gosto tanto de ti?)
- (243) A: Comigo falou.
 B: *Àgora contigo* falou. (Precisamente contigo é que não falou. Nem sequer gosta de ti...)

Na realidade, se as frases acima apresentassem focos contrastivos seria mais natural termos produzido, como asserção posterior, uma estrutura clivada:

- (244) A: A ti não te dou.
 B: *Àgora a mim* não me dás. *A mim* é que me vais dar!
- (245) A: Comigo falou.
 B: *Àgora contigo* falou. *Contigo* é que ele não quis falar!

O que está em causa em (242) e (243) será, antes, uma focalização enfática, no sentido em que há um constituinte sobre o qual recai o ênfase mas que não está, necessariamente, focalizado contrastivamente. Citando, novamente, Zubizarreta: “these are purely emphatic in nature in that they negate or reassert part of the hearer’s presupposition but, unlike contrastive focused phrases, do not introduce a variable with an associated value. (Zubizarreta 1998:102).

Ora, o que assim se constata é que tanto os constuintes focalizados contrastivamente como os constituintes meramente enfáticos podem produzir resultados gramaticais com *àgora*. Consequentemente, e mais uma vez, concluímos que o que legitima a ocorrência de certos constituintes entre este marcador de negação metalinguística e o verbo, ou seja, estruturas do tipo [*Àgora*+X+V], não é apenas a focalização contrastiva mas, de uma forma geral, a existência de proeminência discursiva que recai sobre esses constituintes.

É ainda possível a ocorrência de alguns⁸² tópicos entre *àgora* e o verbo:

- (246) A: Ao avô, telefonas-lhe, não lhe escreves.⁸³
 B: *Àgora* ao avô telefono-lhe. Ao avô escrevo-lhe cartas!

Verifica-se, portanto, que, à semelhança dos focos antepostos, os tópicos marcados (cf. Duarte 1987) também podem num contexto discursivo-pragmático apropriado, interpor-se entre *àgora* e o verbo, o que se justifica por um tópico marcado ser, tal como um foco marcado, discursivamente proeminente e poder facilmente ser recuperado contrastivamente, como se vê no exemplo (246).

Em jeito de conclusão, refira-se que, na verdade, o que vimos nestes últimos parágrafos não é muito diferente da ideia que vem sendo descrita nesta secção (sobre a focalização contrastiva como legitimação de ocorrência de outros constituintes com *àgora*, além do verbo). Mas para sermos precisos, ainda que a justificação mais frequente para a ocorrência de outros constituintes seja, de facto, a focalização contrastiva, o que na verdade acontece, em todos os casos, é a existência de proeminência discursiva em todos os constituintes que podem co-ocorrer com o marcador de negação metalinguística *àgora*.

2.5.3 Outras propriedades do marcador *àgora*: verbo principal e a cópula *ser* na negação metalinguística com *àgora*

Conforme vimos na secção anterior, as construções com o marcador *àgora* apresentam um forte paralelismo com os padrões de resposta a interrogativas *sim/não*.

⁸² Cf. ponto 2.5.1.

⁸³ A distinção entre focos e tópicos pode, como se sabe, ser difícil, o que poderia levar a pensar que em (246), à semelhança dos exemplos anteriores, teríamos um foco e não um tópico. Contudo, a presença do clítico *-lhe*, a retomar o constituinte “ao avô”, é tradicionalmente considerada uma forma de indicar que se trata, inequivocamente, de um tópico, já que os focos não podem ser retomados por clíticos na mesma frase.

De acordo com Martins (2009),⁸⁴ um outro tipo de respostas mínimas a estas interrogativas, além dos que já referimos (respostas verbais, com *sim* ou com advérbios responsivos), são as respostas com *ser*: “Portuguese allows answers made up of a 3rd person singular form of the copula *ser* ‘be’ that either surfaces with the invariable form *é* ‘is’ or inflects for tense/aspect (allowing a three way distinction between present tense, past perfect and past imperfect)” (cf. Martins 2009:20).

Reproduzem-se aqui os exemplos da autora:

- (247) A: Eles já encontraram as chaves?
 B: a. Encontraram.
 b. Já.
 c. Sim.
 d. Foi.
 e. É.
 f. *Foram.

Apesar de pouco frequentes e algo marginais, as respostas com *ser* constituem, ainda, uma outra possibilidade de ocorrência do marcador *àgora* - que não queremos deixar de registar. Contudo, o carácter pouco natural destas construções levou a que considerássemos aconselhável analisá-las só agora, numa secção independente.

Importa dizer que nem todos os contextos legitimam de igual forma a ocorrência deste tipo de estrutura (i.e., *àgora*+*SER*). Como os exemplos abaixo comprovam, sempre que for possível recuperar o verbo principal será essa a estrutura mais aceitável:

- (248) A: O João chegou.
 B: a. *Àgora* chegou.
 b. ???*Àgora* foi.
- (249) A: Comeram os bolos todos.
 B: a. *Àgora* comeram.
 b. ???*Àgora* foi.

⁸⁴ Na linha de Santos (2002, 2003, 2009), a primeira autora a estudar as respostas com *ser*.

Porém, se considerarmos as configurações de coordenação discutidas em 2.3 (cf. (60)), constatamos que a resposta com *ser* é a única forma⁸⁵ de o marcador de negação metalingüística ter escopo sobre toda a frase:

- (250) A: Eles casaram e tiveram um filho.
 B: a. #*Àgora* casaram. [não nega toda a frase]
 b. #*Àgora* tiveram. [não nega toda a frase]
 c. ?*Àgora* foi.
- (251) A: Ele tem namorada e ela gosta dele.
 B: a. #*Àgora* tem. [não nega toda a frase]
 b. #*Àgora* gosta. [não nega toda a frase]
 c. ?*Àgora* é.

A possibilidade de respostas com *ser* na negação metalingüística com *àgora* revela alguns aspectos importantes. O primeiro desses aspectos já foi referido em 2.3, quando utilizámos este teste para fazer a distinção entre marcadores periféricos e internos (a compatibilidade com *àgora* mostrou que este marcador é periférico).

Por outro lado, verificámos, ao longo deste capítulo, que nas respostas com *àgora* em que este marcador não ocorre isolado retoma-se, sistematicamente, algum ou alguns dos constituintes presentes no antecedente, sem nunca surgirem nas respostas com *àgora* elementos que ainda não tinham sido realizados.⁸⁶ Os dados de (250)-(251) vêm, contudo, deixar claro que em situações em que nem o verbo principal nem outros constituintes podem ser recuperados sem alterar o escopo da negação não há, excluindo a ocorrência isolada de *àgora* (que será a opção preferencial), outra forma de preservar o sentido da frase e produzir a negação senão com o verbo *ser*.

2.6 Conclusão

Cumpriram-se, neste capítulo, os dois primeiros objectivos apresentados na introdução: a aplicação dos testes de Horn confirma o estatuto de marcador de negação metalingüística de *àgora* (cf.2.2) e a aplicação dos testes de Martins (2010a) a *àgora*

⁸⁵ A discussão apresentada prende-se apenas com a possibilidade de ocorrência do verbo principal e do verbo *ser*. Não estamos a considerar a possibilidade de ocorrência do marcador isolado, que permitiria também recuperar toda a frase.

⁸⁶ Neste sentido, é possível dizer-se que as construções com *àgora* são de carácter ecóico. Sobre as noções de respostas-eco/ respostas não-eco veja-se, por exemplo, Jones (1999). Ver, também, Carston (1999), a propósito do carácter ecóico da negação metalingüística.

mostra que este é um marcador de negação metalinguística periférico (cf. 2.3). Além disso, em 2.4 identificámos as propriedades básicas diferenciadores do marcador *àgora* nos dois dialectos em estudo – (i) contexto legitimador; (ii) ordem de palavras; (iii) formação de *clusters*. As outras propriedades específicas que caracterizam o marcador *àgora* no dialecto do NO de Portugal e o distinguem dos dialectos centro-meridionais foram apresentadas em 2.5: aqui explicitámos o paralelismo do *àgora* minhoto com os padrões de resposta a interrogativas *sim/não* e com os *responsives* do escocês, tendo-se mostrado a estrita relação com as construções de elipse e com os padrões de resposta mínima; e apontámos, ainda, a focalização contrastiva e a proeminência discursiva como fenómenos centrais para a caracterização das construções de *àgora* neste dialecto.

3. A Estrutura Sintáctica do Marcador de Negação Metalinguística *Agora*

3.1 Introdução

Tentou-se, no capítulo anterior, evidenciar a variação dialectal associada ao marcador de negação metalinguística *agora*, sendo que um dos objectivos centrais foi dar conta das particularidades desse marcador nos dialectos do NO de Portugal. Em consequência da descrição então efectuada, pretendemos, aqui, encontrar resposta para as seguintes questões:

- (i) Que representação estrutural podemos estabelecer para o marcador *àgora*?
- (ii) Existem diferenças estruturais associadas a *agora*, consoante os dialectos considerados?
- (iii) De que forma essa(s) representação(ões) deriva(m) os contrastes a nível de comportamento identificados no capítulo anterior?

De modo a atingir esses objectivos, iremos, de seguida, apresentar as análises já existentes relativamente à sintaxe de marcadores de negação metalinguística e avançar, posteriormente, uma proposta de análise para o marcador *àgora* nos dialectos do NO de Portugal.

3.2 Análise estrutural de marcadores de negação metalinguística: propostas existentes

Reunimos, nos parágrafos que se seguem, uma síntese dos trabalhos existentes na literatura sobre a sintaxe dos marcadores de negação metalinguística. São eles os estudos de Martins (2010a) e Drozd (2001).

- (256) O João deu agora um carro à Maria. → focalização de VP e topicalização de Σ P (após a extracção do VP, ou seja, topicalização do constituinte *remnant*)

Por outro lado, a conclusão de que os marcadores periféricos (de que *agora* é exemplo) são gerados em Spec, CP e os internos (*lá, cá*) em Spec, TP deriva, segundo Martins (2010a), todos os contrastes verificados entre marcadores periféricos e internos (sobre a diferença entre marcadores periféricos e internos cf. 1.2.2.2 e 2.3).

Um dos contrastes apontados pela autora diz respeito ao facto de *agora*, ao contrário de *cá/lá*, poder ocorrer sozinho ou com fragmentos nominais. Segundo Martins isto acontece porque “os fragmentos nominais estão focalizados, *agora* ocorre na sua posição habitual e os restantes constituintes são nulos ou objecto de elipse legitimada pelo contexto discursivo” (cf. Martins 2010a). Já os marcadores *lá* e *cá* não podem dissociar-se do verbo e geram resultados agramaticais se ocorrerem sozinhos ou com fragmentos nominais porque a derivação de frases com *lá/cá* envolve, além de movimento do verbo para C, “fusão morfológica entre *lá/cá* e o verbo”. A mesma fusão morfológica impede, segundo a autora, a elipse do VP em estruturas com *cá/lá*,⁸⁹ fenómeno perfeitamente possível com *agora*.

Ao ser gerado em CP, *agora* é compatível com a negação proposicional, com advérbios enfáticos e com estruturas de coordenação. O mesmo não acontece com *cá/lá*. “Nas frases negativas, o marcador de negação proposicional em Σ impede o movimento do verbo para C (de acordo com a restrição denominada *Head Movement Constraint*), daí a incompatibilidade entre a negação proposicional e as estruturas com *lá/cá*, que envolvem obrigatoriamente movimento do verbo para C.” (cf. Martins 2010a). Por outro lado, ao movimentar-se para CP, o verbo nas estruturas com *cá/lá* “coloca estes advérbios na posição pós-verbal, anulando a ordem [advérbio enfático+V+*lá/cá*] e a configuração estrutural a ela associada”.

Cá/lá são incompatíveis com estruturas de coordenação porque, ao serem gerados “numa posição interna à frase, i.e. Spec, TP, podem apenas atingir a periferia esquerda do membro da estrutura de coordenação ao qual pertencem” (cf. Martins 2010a).

⁸⁹ Martins cita Matos e Cyrino (2002,2005), referindo que “a legitimação de elipse do VP requer paralelismo lexical e estrutural entre o verbo que legitima localmente a elipse e o verbo do antecedente. Nas frases com os marcadores de negação metalinguística *lá/cá*, esse paralelismo é anulado pelo processo de fusão morfológica que tem lugar no domínio de CP” (cf. Martins 2010a).

ocorrem expressões idiomáticas externas à frase para veicular negação, do tipo de (259)⁹² – que, em rigor, são construções de negação metalinguística realizadas através dessas expressões idiomáticas periféricas:

- (259) No way I love you!
 Like hell Al and Hilary are married.
 Al and Hilary are married, my eye.

É o facto de haver, segundo o autor, um paralelo, estrutural e interpretativo, entre estas últimas construções e os exemplos expostos em (258) que o leva a assumir esses casos como exclamativas negativas para expressar negação metalinguística. Drozd defende que, à semelhança da que ocorre na gramática dos adultos sob a forma de exclamativas negativas do tipo de (259), a negação infantil em posição inicial de frase como em (258) é um exemplo de negação externa: “since (syntactic) external sentence negation also appears in colloquial English in the form of exclamative sentence negation e.g. *No way I love you!*, and internal sentence negation is normally assumed to have, semantically, wide or sentential scope, we might begin with the assumption that children’s presential negatives are modelled on external sentence negation in adult grammar” (cf. Drozd 2001:52).

Note-se, aliás, que esta relação que o autor estabelece entre expressão de negação metalinguística e usos exclamativos é uma ideia constante em todo o trabalho, que pode inclusivamente revelar-se importante para o estudo da negação metalinguística.⁹³

A relação entre as frases do tipo de (258) – que Drozd considera serem negativas exclamativas – e a expressão de negação metalinguística (tal como foi definida por Horn 1989) decorre logicamente de que, segundo Drozd, as frases exclamativas negativas são uma forma marcada de expressar objecção: “exclamative sentence negation is a morphologically and syntactically marked form of negation which is typically, if not always, used to convey objection. As such, it is, perhaps, an inherently metalinguistic type of negation” (cf. Drozd 2001:55).

⁹² Exemplos de Drozd (2001).

⁹³ Sobre este assunto, ver a secção 3.3.4, em que analisamos detalhadamente a relação de *àgora* com a força exclamativa.

Assumindo que a negação externa, da gramática infantil, é distinta da negação interna – i.e., negação proposicional regular – Drozd contraria abordagens anteriores que a analisam como pertencente a IP ou adjunta a VP, e argumenta que o marcador negativo das frases em análise é gerado em CP: “there is no reason to assume that presentential *no* occurs in IP (Deprez and Pierce), or as an adjunct to VP (Radford). If children are indeed using presentential negation to express metalinguistic exclamative sentence negation, than the most likely generative syntactic analysis would be that presentential *no* occurs in CP in child English, which is presumably the position for exclamative paraphrases like *no way* and *like hell*⁹⁴ in adult colloquial English.” (cf. Drozd 2001:72-73).

Reproduzimos a representação proposta por Drozd para a frase *No Mommy doing*:

(260) [CP [SpecCP [C' [C *no*] [IP [SpecIP *Mommy*] [I' [VP [V' [*doing*]]]]]]]]]

Posto isto, e sintetizando o que aqui foi dito sobre a estrutura subjacente a frases que integram marcadores periféricos para expressar negação metalinguística, fica claro que as duas propostas apresentadas são coincidentes: ambas sugerem que a negação metalinguística com esses marcadores é gerada no domínio de CP.

Sendo o objectivo deste trabalho estudar o marcador *àgora* nos dialectos minhotos – para o qual não há, ainda, uma análise – é na busca de uma representação estrutural para esse marcador que nos centramos nos próximos parágrafos. Quanto aos dialectos centro-meridionais, diga-se apenas que se aceita e adopta a proposta de Martins (2010a) atrás descrita (conforme veremos adiante, ela permite derivar adequadamente os contrastes identificados entre os dialectos). É, de resto, essa proposta que serve de ponto de partida à análise que apresentamos para *àgora*. Assumimos, portanto, na linha de Martins, que o marcador *agora* é, em qualquer dos dialectos considerados, directamente gerado em CP. Contudo, defendemos que, nos dialectos minhotos, os requisitos de primeira posição obrigam a uma subida para Spec, ForceP, a posição mais à esquerda da frase, i.e., a posição mais alta do domínio de CP. Comprovaremos que a argumentação apresentada ao longo deste capítulo sustenta esta suposição.

⁹⁴ Em itálico no original.

3.3 A posição estrutural de *àgora*

Centremo-nos, pois, na estrutura do marcador *àgora*. A descrição apresentada no segundo capítulo desta dissertação mostrou já evidências de que *àgora* está indubitavelmente ligado à periferia esquerda da frase: ele é, sistematicamente, anteposto aos típicos constituintes periféricos à esquerda, como tópicos ou focos contrastivos antepostos (cf. secção 2.5.1). Esta nítida relação entre *àgora* e a periferia esquerda – conceito que, aliás, já vem sendo utilizado várias vezes - implica que, antes de avançarmos com a nossa análise, nos detanhamos nalgumas palavras que devem ser ditas precisamente sobre a periferia esquerda.

3.3.1 A periferia esquerda da frase

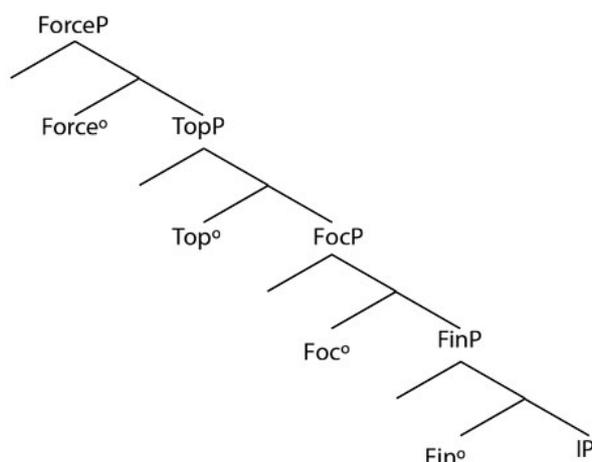
Desde que os trabalhos sobre a periferia esquerda da frase (i.e., CP, o domínio imediatamente acima de IP) começaram a surgir, dentro do quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros, e, mais particularmente, do Programa Minimalista, tem sido consensual considerar este espaço como o local onde, na sintaxe, estão codificadas as propriedades discursivas da frase.

Onde as divergências se têm feito notar é relativamente à organização interna deste domínio. Isto porque, à semelhança do que foi proposto para IP e VP, também o domínio de CP passou a receber, desde a década de 80, uma análise que envolve a sua partição em diferentes categorias (originando um CP repartido/*split CP*), existindo, contudo, diferentes perspectivas sobre a questão.⁹⁵ No entanto, a análise que aqui seguiremos baseia-se sobretudo na proposta inicial de Rizzi (1997), que passamos a descrever.

De acordo com esta perspectiva, uma análise de CP repartido justifica-se pelo facto de poderem ocorrer, neste domínio, mais do que um constituinte, e de eles poderem, inclusivamente, ser de diferentes tipos (podem ocorrer, por exemplo, tanto complementadores como pronomes interrogativos e pronomes relativos, tópicos, focos, etc.). Tendo isso em conta, a estrutura hierárquica que resulta da análise de Rizzi (1997) é a seguinte:

⁹⁵ Ver, por um lado, Uriagereka (1992, 1995), Zubizarreta (1998), Martins (1994) e Duarte (1996, 1997), que defendem que uma mesma projecção pode codificar diferentes valores, e, por outro lado, Rizzi (1997) e Ambar (1997, 1999), que defendem a existência de várias projecções funcionais em CP.

(261)



De uma maneira geral, pode dizer-se que o CP repartido de Rizzi inclui dois sistemas distintos. No primeiro sistema, a que o autor chama “force-finiteness system”, CP é visto como um interface entre o conteúdo proposicional (i.e., IP) e uma estrutura superior de articulação com o discurso. A articulação com o discurso é feita através da informação codificada em CP sobre o tipo de frase (Force ou Clause Type)⁹⁶, sendo o núcleo funcional Force que codifica essa informação. Por outro lado, este primeiro sistema, sendo também responsável por fazer a articulação com IP, codifica, em Finiteness (Fin), informação a esse nível, relacionada, por exemplo, com certas propriedades do sistema verbal. O sistema “force-finiteness” é, pois, uma interface entre CP e as fronteiras inferior (IP) e superior (nível discursivo).

O segundo sistema que Rizzi inclui em CP relaciona-se com informação sobre tópico e foco, tradicionalmente associados à periferia esquerda da frase. Assim, os núcleos funcionais relevantes neste sistema são Top e Foc. No entanto, este segundo sistema só é activado se necessário, ou seja, se houver ocorrência de tópicos e/ou focos na frase, pelo que os núcleos essenciais de CP são Force e Fin. Teríamos, portanto, uma estrutura deste tipo:⁹⁷

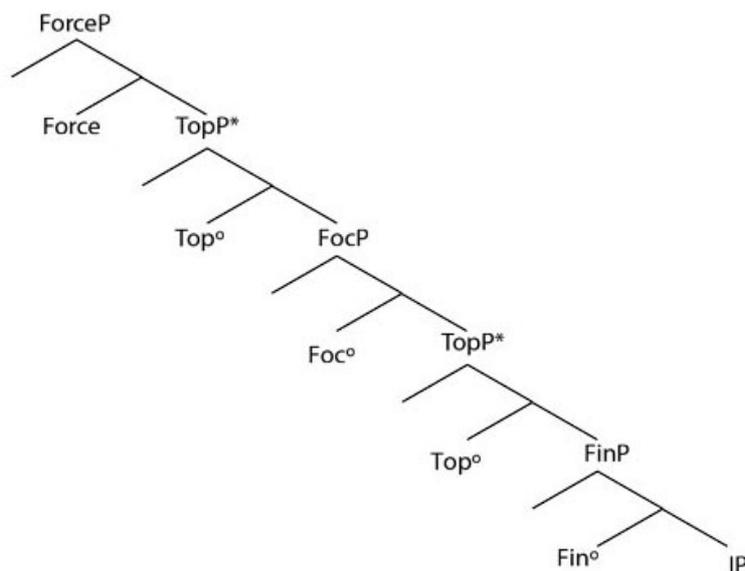
(262) ... Force... (Topic)...(Focus)...Fin IP

⁹⁶ “Clausal Type” segundo Cheng (1991); “Force” segundo Chomsky (1995). Rizzi adopta a terminologia de Chomsky.

⁹⁷ Para uma análise mais detalhada do sistema relativo aos tópicos e focos, ver Benincà e Poletto (2004). Ver também Poletto (2008).

Tendo em conta que, numa frase, pode haver ocorrência de vários tópicos, a representação proposta por Rizzi para dar conta da recursividade da topicalização é a seguinte:

(263)



Apesar de esta ser a análise que nos vai servir de base, convém apresentar, sucintamente, a proposta de Ambar (2000) para a periferia esquerda, já que algumas categorias sugeridas pela autora são referidas em Martins (2010a) como possíveis posições para *agora*. Reproduzimos, então, a estrutura proposta por Ambar para CP, que, à semelhança de Rizzi, defende a existência de um CP repartido, que se divide em várias projecções:

(264) XP [EvaluativeP [Evaluative' [AssertiveP [Assertive' [XP [WhP [Wh' [FocusP [Focus' [XP [IP

Numa estrutura deste tipo, em que FocusP representa os constituintes focalizados e WhP é a posição para onde se deslocam os constituintes wh-, as categorias AssertiveP e EvaluativeP (onde presumivelmente se gera o marcador *agora*) relacionam-se, respectivamente, com a noção de assertividade (i.e, verdade/falsidade da proposição) e com a noção de avaliativo (EvalP relaciona-se com os juízos de avaliação do falante).

Ainda que a análise de Ambar (2000) seja útil para, como dissemos, esclarecer a que posições Martins associa *agora*, a estrutura de Rizzi é suficiente para dar conta dos aspectos que pretendemos discutir relativamente ao marcador *àgora*. É, pois, essa a abordagem de CP que adoptamos para a nossa análise.

Deve ainda referir-se, no âmbito da periferia esquerda, os trabalhos de Carrilho (2001, 2005, 2008) para o PE. O estudo do expletivo *ele* realizado pela autora – também enquadrado na proposta de CP repartido de Rizzi (1997) – evidencia a relação entre esse constituinte e a periferia esquerda da frase. Note-se que a autora argumenta, como se percebe em Carrilho (2005), a favor da existência de três tipos de expletivo *ele*: (i) expletivo *ele* pré-verbal periférico; (ii) expletivo *ele* pré-verbal impessoal; (iii) expletivo *ele* pós-verbal. Os exemplos de Carrilho (2005) para cada um dos casos encontram-se reproduzidos nos exemplos (265), (266) e (267), respectivamente:

(265) “*Ele* o tear do pardo era muito largo.”

(266) “*Ele* é assim.”

(267) “(...) aqui debaixo tenho *ele* assim umas pias para os pequeninos...”

Os três tipos de expletivo *ele* posicionam-se, de acordo com o trabalho que estamos a referir, na periferia esquerda da frase. Enquanto o expletivo *ele* pós-verbal é associado à categoria EvalP de Ambar (1997, 1999), os expletivos pré-verbais pertencem, de acordo com a autora, a uma posição mais alta: a categoria Force de Rizzi.

Importa referir este trabalho porque ele mostra-se relevante em vários sentidos. Por um lado, traz mais luz ao próprio conhecimento sobre a periferia esquerda, já que se aponta, para o PE, um novo elemento associado a esse domínio (além dos tradicionais constituintes *wh-*, focos e tópicos). Por outro lado, sendo um estudo sobre um constituinte que ocupa uma posição alta na periferia esquerda da frase – tal como *àgora* –, torna-se um trabalho indispensável para a nossa própria análise: aliás, conforme veremos no seguimento desta dissertação, há um forte paralelismo estrutural entre *àgora* e o expletivo *ele* pré-verbal, do tipo de (265) e (266).

3.3.2 As codificações discursivas de *àgora*: a relação com Force

A anteposição de *àgora* a constituintes periféricos como tópicos e focos é, como já o dissemos, uma primeira evidência de que *àgora* tem, necessariamente, de ocorrer na periferia esquerda, numa posição acima de TopP e FocP (ou seja, ForceP). Contudo, queremos aproveitar esta secção para evidenciar um outro tipo de argumento que aponta nesse sentido. Os parágrafos seguintes, que destacam alguns traços interpretativos de *àgora*, representam um novo conjunto de argumentos que, como veremos, legitimam uma análise desse marcador como ocorrendo na periferia esquerda, concretamente dentro da categoria ForceP.

De acordo com Rizzi (1997), e segundo o que consensualmente se sugere, a informação relativa a cada tipo de frase é sintacticamente codificada em CP, concretamente em Force: “Complementizers express the fact that a sentence is a question, a declarative, an exclamative, a relative, a comparative (...). This information is sometimes called the clausal Type (Cheng 1991), or the specification of Force (Chomsky 1995)” (cf. Rizzi 1997:283). O que aqui pretendemos mostrar é que *àgora* deve ser considerado um marcador de um tipo particular de frase e, assim sendo, teremos mais um facto compatível com a nossa proposta de que *àgora* ocupa ForceP.

Sendo assim, vejamos. Conforme havia já sido exposto no capítulo anterior, utilizamos, nesta dissertação, um conceito alargado de resposta, que não se restringe apenas a respostas a interrogativas. Nesse sentido, considerámos que as frases com o marcador de negação *agora* representam, elas próprias, uma resposta (cf. secção 2.5.2). Este raciocínio surge, não só, na linha de Jones (1999), mas, também, na linha de um trabalho altamente relevante para o que pretendemos evidenciar nesta secção. Referimo-nos a Farkas e Bruce (2010): “the category of responding assertions extends the notion of answers to questions discussed briefly in Sadock & Zwicky (1985, pp.189-191), so as to cover reactions to assertions as well as reactions to questions.” (cf. Farkas e Bruce 2010:19). Como se depreende pelo excerto, os autores utilizam o conceito “responding assertions” (asserção responsiva) para se referirem a dois tipos normalmente distintos de resposta. Assim, para os autores, tanto as frases de Ben em (268) como em (269) são consideradas respostas (i.e., asserções responsivas):

- (268) Anne: Sam is home.
Ben: Yes/Yeah, he’s home./No, he isn’t home.

- (269) Anne: Is Sam home?
Ben: Yes/Yeah, he's home./No, he isn't home.

Portanto, na categoria “responding assertions” os autores incluem não só as respostas a interrogativas, mas também as reacções a asserções – e este último caso é, na nossa perspectiva, o que acontece com as negações com *àgora*. Ora, Farkas e Bruce (2010) sugerem, acertadamente a nosso ver, que, no caso do inglês, quando os elementos *yes* e *no* ocorrem em primeira posição têm a função de marcar a frase como resposta: “the particles *yes* and *no*,[sic] placed at the left edge of a declarative sentence signal the responding nature of the assertion” (cf. Farkas e Bruce 2010:21).

Parece-nos, pois, que a mesma situação é aplicável a *àgora* (e, de resto, a todos os marcadores de negação metalinguística). Uma vez que este marcador representa, sempre, uma reacção a uma asserção previamente proferida, parece-nos legítimo concluir que ele está intrinsecamente associado ao tipo de frase discutido e analisado em Farkas e Bruce (2010): *agora* introduz, sempre, frases responsivas (no sentido proposto pelos autores, i.e. “responding assertions”). Por essa razão, à semelhança do que os autores dizem acontecer para o inglês com *yes* e *no*, as frases com este marcador são consideradas inapropriadas se ocorrerem numa asserção declarativa que não seja responsiva ou se ocorrerem como respostas a interrogativas *wh*-.⁹⁸

- (270) **Àgora* gosto de gelados. [Sem contexto prévio]
**Sim* gosto de gelados.
- (271) Que roupa vais vestir?
Sim*./Àgora*.

Mas voltemos ao ponto que queremos salientar. Ao considerarmos que *àgora* marca a natureza da frase (introduz, invariavelmente, frases declarativas responsivas), estamos a equiparar este marcador aos elementos que funcionam como marcadores de tipo de frase. Consequentemente, aproximamo-nos da hipótese atrás defendida (que, lembremos, associa *àgora* a ForceP), já que, segundo a proposta de Rizzi (1997), os marcadores de tipo de frase ocorrem nessa posição: “Complementizers express the fact

⁹⁸ Note-se como estes dados são mais um exemplo do paralelismo entre *àgora* e os padrões de resposta do PE, já evidenciado no capítulo 2.

that a sentence is a question, a declarative, an exclamative, a relative, a comparative (...). This information is sometimes called the clausal Type (Cheng 1991), or the specification of Force (Chomsky 1995). (...) Force is expressed sometimes by overt morphological encoding on the head (special C morphology for declaratives, questions, relatives, etc.), sometimes by simply providing the structure to host an operator of the required kind, sometimes by both means [...]” (cf. Rizzi 1997:283). Esta é uma análise consensualmente aceite, que se estende a outros autores: “This element is viewed as residing high in the clausal structure, typically in the CP domain (e.g. Baker 1970, Cheng 1991)” (cf. Rizzi 1997:283).

Por outro lado, o facto de Farkas e Bruce (2010) analisarem os consituíntes *yes/no* como pertencentes a PolP quando ocorrem em posição inicial de frase (i.e. quando marcam a frase como responsiva) é, também, compatível com a análise que propomos. A categoria de PolP é, na estrutura frásica assumida por Farkas e Bruce, a posição mais alta da frase: “*yes* and *no* illustrated above, are items that occur at the leftmost edge of a root sentence, in a node we christen PolP, that houses the absolute and relative polarity features of an responding assertion. The sister node of PolP is a CP” (cf. Farkas e Bruce 2010:21) Se fizermos corresponder essa estrutura à proposta por Rizzi, PolP equivalerá a ForceP. Assim, é legítimo concluir que as propriedades descritas acima associam *àgora* à projecção ForceP.

Quanto a *àgora* nos dialectos centro-meridionais, apesar de Martins (2010a) não referir explicitamente a sua associação a Force, o que é certo é que o valor interpretativo de *àgora* é o mesmo independentemente dos dialectos e também nessas variedades funciona como marcador de tipo de resposta. E sendo *àgora*, de acordo com Martins, um marcador periférico associado a CP (especificamente, CP2, que a autora sugere poder corresponder a uma categoria com propriedades do tipo de EvalP)⁹⁹ ele está, necessariamente, sob o domínio de ForceP, pelo que comporta esses traços responsivos.

Podemos então dizer que *àgora* tem necessariamente o estatuto de operador de tipo de frase e, conseqüentemente, se associa ao conceito semântico de *sentential force* (cf. Chierchia e McConnell-Ginet 2000) – o que o relaciona directamente com Force.

⁹⁹ Esta hipótese não é, no entanto, explorada, ficando em aberto para posterior consideração. A posição CP2 de Martins (2010a) pode ser dominada por TopP (cf. (252) e (257) acima) e será, portanto, assumindo Rizzi (1997), mais baixa do que ForceP.

Detenhamo-nos, agora, noutros aspectos do trabalho de Farkas e Bruce (2010) igualmente relevantes para a nossa análise. Os autores defendem que tanto as reacções a asserções (“reactions to assertions”) como as reacções a perguntas (“reactions to questions”) constituem respostas, sendo que a principal diferença entre as duas estruturas advém do contexto anterior (que será, respectivamente, ou uma asserção ou uma interrogativa). De forma a evidenciar o paralelismo existente entre esses dois tipos de respostas, os autores propõem a existência de traços comuns às duas situações. Sugere-se a existência dos traços [*same*] e [*reverse*], que dizem respeito à posição do falante relativamente à proposição que constitui o contexto prévio (desencadeador de uma reacção). Assim, segundo os autores, há duas possibilidades: “(i) the response is confirming, in which case it bears the relative polarity feature [*same*] or (ii) the response is reversing, in which case it bears the relative polarity feature [*reverse*].” (cf. Farkas e Bruce 2010:20).

Acrescenta-se um segundo tipo de traços de polaridade, já não relativos mas sim absolutos, que não se restringem a respostas a asserções: “we assume that a responding assertion that asserts a positive sentence has the absolute polarity feature [+], while a responding assertion that asserts a negative sentence has the absolute polarity feature [-].” (cf. Farkas e Bruce 2010:20). Apresentamos abaixo os exemplos dados pelos autores para cada uma das situações atrás descritas:

- (272) Anne: Sam is home. /Is Sam home?
 Bem: Yes, he is. ([*same*, +])
 Connie: No, he isn't. ([*reverse*, -])
- (273) Anne: Sam is not home. /Is Sam not home?
 Bem: Yes, he is. ([*reverse*, +])
 Connie: No, he isn't. ([*same*, -])

Chegamos, pois, ao ponto que nos interessa. Além de termos, já, associado a negação metalingüística ao conceito abrangente de resposta defendido pelos autores e de termos, ainda, associado a *àgora* a ideia de marcador de tipo de frase, parece-nos possível apresentar uma nova hipótese inspirada neste trabalho: os traços propostos para as asserções responsivas ([*same*] e [*reverse*]; [+] e [-]) podem ser alargados/adaptados de forma a aplicar-se à negação metalingüística. De acordo com Martins (2010b) os

marcadores de negação metalinguística estão, à semelhança do que acontece nas respostas a asserções de Farkas e Bruce, associados aos traços de polaridade [+] e [-]. Neste caso, porém, os marcadores de negação metalinguística recuperam sempre, e necessariamente, a polaridade da asserção prévia:

(274) Está frio. [+]
Àgora está. [+]

(275) Não está frio. [-]
Àgora não. [-]

Por outro lado, Martins (2010b) sugere que a par dos traços [*same*] e [*reverse*] existe uma terceira possibilidade, o traço [*objecção*], sendo este último que é activado nos contextos de negação metalinguística. Lembremos que, como Horn faz notar, as frases que expressam este tipo de negação comportam, sistematicamente, uma objecção relativamente a alguma parte da proposição: “metalinguistic negation [is] a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever (...), a speaker’s use of negation to signal his or her unwillingness to assert, or accept another’s assertion of, a given proposition in a given way; metalinguistic negation focuses not on the truth or falsity of a proposition, but on the assertability of an utterance.” (Horn, 1989:363). A presença sistemática do traço [*objecção*] na negação metalinguística evidencia-se nos exemplos abaixo:¹⁰⁰

(276) Está frio.
Àgora está frio. [*objecção*] Está um calor desgraçado. [*reverse*]

(277) A noiva está bonita.
Àgora está bonita. [*objecção*] Está linda! [*objecção*]

¹⁰⁰ Os exemplos apresentados são relativos a *àgora*, já que este é o marcador que queremos analisar. Note-se, contudo, que as conclusões são as mesmas para os restantes marcadores de negação metalinguística.

O exemplo acima prova, pois, que o traço constantemente presente na negação metalinguística é o traço [*objecção*]. Apenas nas frases rectificativas aparece, eventualmente, o traço [*reverse*], caso se negue a verdade da proposição. Quando não se nega o valor de verdade e apenas se expressa uma objecção relativamente a algum aspecto, é o traço [*objecção*] que se mantém mesmo na frase rectificativa. O traço [*same*] nunca está, obviamente, associado à negação metalinguística nem à frase de reformulação que se lhe segue, por ser semanticamente incompatível com o traço [*objecção*].

O facto de concluirmos que os marcadores de negação metalinguística (e, conseqüentemente, o marcador *àgora*) estão associados ao traço [*objecção*] traz dados relevantes para a análise estrutural deste marcador. Senão, vejamos. Conforme dissemos no início desta secção, a periferia esquerda da frase é, por excelência, o local onde estão codificadas, na sintaxe, as noções discursivas associadas à frase. Ao defendermos o estatuto de *àgora* enquanto marcador de um tipo de frase (frase declarativa responsiva) associamos este marcador ao conceito de Clause Type ou Force (cf. Cheng 1991 e Chomsky 1995, respectivamente) e reforçamos, por isso, a ideia de que *àgora* ocorre em ForceP. Deste ponto de vista, estabelecemos também uma relação entre *àgora* e o conceito semântico de *sentential force* proposto por Chierchia e McConnell-Ginet 2000:¹⁰¹ “[...] *sentential force* (what the grammar assigns to the sentence to indicate how that content is conventionally presented) [...] in this sense would be the semantic correlate of sentence type (...). Informally, declarative, interrogative, and imperative sentences forces can be identified with stating that, asking whether, and telling to, respectively (...)” (cf. Chierchia e McConnell-Ginet 2000:213).

Parece-nos, pois, que o traço [*objecção*] relaciona o marcador *àgora* (e os restantes marcadores de negação metalinguística) com outra noção semântica que tipicamente surge associada ao conceito *sentential force*: falamos da força ilocutória (*illocutionary force*). Searle (1965), seguindo Austin (1962), desenvolveu este conceito referindo-se a ele como a intenção que o falante coloca na frase que produz (cf. Searle 1965).¹⁰² Isto significa que, por exemplo, uma frase do tipo interrogativo (em que a *sentential force* é interrogativa) como (278) pode assumir uma força ilocutória relacionada com uma ordem, típica das frases imperativas:

¹⁰¹ Ou alternativamente, segundo Reis (1999, 2003), *sentential mood*.

¹⁰² Ver também Searle (1980) e Saeed (2003).

(278) Podes-me segurar na chave?

Assim, tendo em conta que as frases com o marcador de negação metalinguística *àgora* expressam, sempre, uma contestação/objecção, parece-nos evidente que há, em todas essas frases, a presença de uma força ilocutória (i.e., uma intenção do falante) relacionada com essa expressão de objecção. As frases com *àgora* são, sempre, frases declarativas responsivas (e neste ponto relacionam-se com *sentential force*) que expressam objecção (relacionando-se, neste aspecto, com *illocutionary force*). Relativamente à expressão de objecção inerente a *àgora*, considerando-se que este efeito discursivo se relaciona com a força ilocutória, e sabendo-se que estas noções discursivas estão codificadas na periferia esquerda da frase, reforça-se, mais uma vez, a ideia de que *àgora* tem de ser gerado em CP, concretamente na posição alta que articula as propriedades discursivas. De forma a corroborar esta ideia faz sentido referir autores como Haegeman (2002) e Carrilho (2008), que associam a expressão de força ilocutória à posição de ForceP: “(...) the presence of the functional head force (...) directly correlate[s] with what is referred to as 'illocutionary force', the fact that the speaker takes on the proposition as part of a speech act (assertion, prediction, question, etc.).” (cf. Haegeman 2002:159).

Uma vez que esta propriedade (tal como a que referimos atrás, que considerava *àgora* um operador de tipo de frase) é partilhada por outros marcadores de negação metalinguística periféricos (por exemplo, *nada*¹⁰³) e, inclusivamente, pelo marcador *agora* nos dialectos centro-meridionais temos aqui argumentos para mostrar não só a relação de *àgora* com a categoria ForceP, como também para mostrar que todos os marcadores de negação metalinguística periféricos¹⁰⁴ se associam interpretativamente a essa categoria, parecendo ocupar uma posição alta do domínio de CP.

¹⁰³ Cf. Pinto (a publicar).

¹⁰⁴ Na verdade, estas propriedades aplicam-se não só a marcadores de negação metalinguística periféricos mas também a internos (*cá/lá*). Isto pode colocar uma questão interessante, relacionada com o facto de os marcadores de negação metalinguística em geral parecerem estar interpretativamente associados a Force mas apenas *àgora* ocorrer estruturalmente nessa posição. Note-se, porém, que estes dados são compatíveis com a proposta apresentada por Martins (2010a) para *agora*, que o situa numa categoria relacionada com Force. Quanto a *nada*, Pinto (a publicar) mostra que este marcador também está largamente relacionado com Force. Ficarà por explicar o facto de os marcadores internos (*cá/lá*) se associarem interpretativamente a Force mas serem gerados numa posição interna à frase. Contudo, não cabe a este trabalho explicar as particularidades dos vários marcadores, pelo que analisaremos a relevância dos dados apenas relativamente a *àgora*.

3.3.3 *Àgora* e Spec, ForceP

A relação entre os traços interpretativos de *àgora* e a categoria ForceP parecem ter ficado clara com a secção anterior. Posto isto, é tempo de avançar um pouco mais na nossa análise e mostrar que este marcador tem requisitos de primeira posição que o associam à posição mais à esquerda da frase: Spec, ForceP.

Conforme dizíamos atrás neste capítulo, os dados apresentados no capítulo 2 (cf. 2.5.1) foram uma primeira evidência de que *àgora* é um constituinte periférico à esquerda, por ocorrer anteposto a constituintes periféricos como tópicos e focos contrastivos antepostos. O facto de *àgora* ocorrer, sempre, antes desses constituintes e ocorrer, invariavelmente, em posição inicial leva-nos imediatamente a concluir que ele ocorre fora do domínio de IP, mas também a considerar a hipótese de que *àgora* ocupa a posição mais alta do domínio de CP, evidenciando requisitos de primeira posição. Postula-se, pois, que ele é directamente gerado em CP e, mais especificamente, que se associa à posição de especificador de ForceP – a posição mais alta em CP.

Vejam os pois como esta predicção é legitimada observando as frases abaixo, em que *àgora* ocorre, sempre, anteposto a tópicos e focos contrastivos antepostos.

Tal como mostrámos no capítulo anterior, *àgora* pode co-ocorrer com constituintes topicalizados desde que lhes seja anteposto:

- (279) A: *Ao avô* telefone-lhe, não lhe escrevo.
 B: a. *Àgora ao avô* telefonas-lhe. Ao avô escreves-lhe.
 b. **Ao avô àgora* telefonas-lhe. Ao avô escreves-lhe.
- (280) A: *Às crianças* entendo-as.
 B: a. *Àgora às crianças* entende-las. Não as suportas!
 b. **Às crianças àgora* entende-las. Não as suportas!

Podemos analisar os fenómenos de topicalização enquanto adjunção a CP ou IP (na linha de Duarte 1987, 1996). Podemos, igualmente, assumir, de acordo com Rizzi (1997) e trabalhos subsequentes (como Poletto 2000), que a topicalização está associada, dentro de CP, a TopP. Qualquer que seja a perspectiva adoptada, é certo que *àgora* terá de ocorrer numa posição alta no domínio de CP. Se observarmos, particularmente, a proposta de Rizzi (aquela que estamos a seguir), verificamos que a

única categoria disponível para *agora* que permite derivar a ordem de palavras ilustrada em (279) é, efectivamente, ForceP, o que resultaria numa representação como a seguinte:

(281) [ForceP [Àgora] [TopP [ao avô] [IP telefonas-lhe.]]]

Paralelamente, *àgora* deve ocorrer anteposto a focos contrastivos.¹⁰⁵ Veja-se como *àgora* é obrigatoriamente anteposto ao advérbio *sempre* quando este ocorre em posição pré-verbal e, conseqüentemente, é focalizado:

(282) A: Ninguém o convida para nada.
 B: *Sempre* o convidei para as minhas festas!
 A: a. *Àgora sempre* o convidaste.
 b. **Sempre àgora* o convidaste.

Veja-se, por outro lado, que *àgora* também ocorre nessa posição em frases onde se verifica focalização de outros constituintes, como quantificadores, por exemplo:

(283) A: Nada me disse.
 B: a. *Àgora nada* te disse. Disse-te tudo!
 b. **Nada àgora* te disse. Disse-te tudo!

(284) A: A ninguém importa isso.
 B: a. *Àgora a ninguém* importa. Importa a todos.
 b. **A ninguém àgora* importa. Importa a todos.

Se testatmos, igualmente, construções focalizadas como as estudadas por Raposo (1995), do tipo de (285), verificamos, mais uma vez, que *àgora* deve ser anteposto ao constituinte focalizado:

¹⁰⁵ Pelo facto de as construções de topicalização e focalização serem frequentemente confundidas, apresentamos aqui exemplos inequívocos de focalização contrastiva: construções com advérbios focalizados (como o caso de *sempre*, que só assume uma interpretação de advérbio temporal focalizado se se encontrar em posição pré-verbal), construções com quantificadores negativos, que só podem ser focalizados e nunca topicalizados (cf. Duarte 1987) e construções de focalização do tipo de “Muito vinho beberam os capitães!”, estudadas por Raposo (1995).

- (285) A: Muito comeram os pastores!
 B: a. *Àgora muito* comeram os pastores. Não comeram quase nada.
 b. **Muito àgora* comeram os pastores. Não comeram quase nada.

- (286) A: Muita água bebeu ele...
 B: a. *Àgora muita água* bebeu ele. Não bebeu água nenhuma.
 b. **Muita água àgora* bebeu ele. Não bebeu água nenhuma.

À luz destes dados, que provam a obrigatoriedade de *àgora* se antepor também a focos contrastivos, parece-nos legítimo sugerir a seguinte representação para estruturas focalizadas com *àgora* (do tipo de (283)).

- (287) [ForceP [*Àgora*] [FocP [nada] [IP te disse.]]]

Estes exemplos servem assim para mostrar que, estruturalmente, *àgora* se associa, de acordo com a proposta de Rizzi, à projecção ForceP – relação já evidenciada na secção anterior pelas propriedades discursivas de *àgora*. Mas consideremos, agora, as seguintes frases, em que o marcador de negação metalinguística co-ocorre com o expletivo *ele* pré-verbal analisado por Carrilho (2005, 2008):

- (288) A: *Ele* o tear do pardo era muito largo.
 B: a. ???**Àgora ele* o tear do pardo era muito largo.
 b. **Ele àgora* o tear do pardo era muito largo

- (289) A: *Ele* é assim.
 B: a. ??*Àgora ele* é assim.
 b. **Ele àgora* é assim.

Se considerarmos juízos de falantes para quem as construções com expletivos são naturais, ainda que seja possível considerar as opções b. piores que as a., importa notar que a co-ocorrência de *àgora* com o expletivo *ele* não é, na generalidade, bem aceite. Ora, parece-nos haver uma justificação para esse facto. Acredita-se que o expletivo presente nas frases (288) e (289) ocupa a posição de especificador de Force (cf. Carrilho 2005:236-250). Assumindo que a nossa predicção está correcta e *àgora* se

posiciona, também, em Spec, ForceP, uma possível explicação para a agramaticalidade de (288) e (289) será o facto de *àgora* e o expletivo *ele* concorrerem pela mesma posição e produzirem, conseqüentemente, resultados agramaticais.

Uma situação semelhante acontece com os exemplos que apresentamos a seguir (cf. (290)-(292)). Estes novos dados poderão consolidar a hipótese de que *àgora* ocorre em Spec, ForceP, uma vez que se mostra que o marcador de negação, ao ocorrer com outros constituintes que ocupam essa posição (como é o caso dos constituintes exclamativos *wh-*, segundo alguns autores) gera resultados agramaticais:

- (290) Que lindo está!
 **Àgora que* lindo está! / **Que àgora* lindo está!
- (291) Como cresceu!
 **Àgora como* cresceu! / **Como àgora* cresceu!
- (292) Quantos pessoas vieram!
 **Àgora quantas* pessoas vieram! / **Quantas àgora* pessoas vieram!

Estudos sobre as orações exclamativas¹⁰⁶ indicam que os constituintes *wh-* ocorrem na posição mais alta de CP. Zanuttini e Portner (2003), adoptando a visão de Rizzi (1997) de CP repartido, argumentam que os constituintes *wh-* ocupam a posição mais alta do domínio de CP, uma posição que os autores identificam como CP3 ou CP2 (cf. Zanuttini e Portner 2003:35ff). Villalba (2003), na senda desses autores, apresenta a mesma proposta. Outras abordagens (cf. Rizzi 1997, Gutiérrez 2001 e Benincà 1995-2006) referem, explicitamente, que os constituintes *wh-* exclamativos se posicionam na posição de especificador de ForceP.

Independentemente da terminologia adoptada pelos diferentes autores para se referirem às categorias onde ocorrem esses constituintes, o que é importante referir é que parece consensual que os constituintes *wh-* exclamativos se posicionam, de facto,

¹⁰⁶ Sobre esta matéria ver, entre outros, Benincà (1995, 1996), Gutiérrez-Rexach (2001), Portner e Zanuttini (2000, 2005), Villalba (2001, 2003), Zanuttini e Portner (2000, 2003). Ver também, adicionalmente, Castroviejo (2006), Gonzalo-Rivera (2008), Huddleston (2002), Marandin (2008) e Munaro (2006a, 2006b).

na posição mais alta de CP. Também *àgora* parece ocupar essa posição, o que poderá estar na origem da agramaticalidade da co-ocorrência destes constituintes com *àgora*.

O primeiro ponto a salientar é que estes dados são, até *agora*, compatíveis com a nossa previsão de que *àgora* se posiciona na posição mais alta de CP, em Spec, ForceP. Estando *àgora* nessa posição, a agramaticalidade das frases acima pode ser explicada pelo facto de mais que um constituinte concorrerem por Spec, ForceP.

Por outro lado, o facto de se evidenciarem contrastes relativamente ao mesmo marcador nos restantes dialectos é, também, coincidente com a análise que propomos (i.e., *agora* está numa posição mais baixa do domínio de CP, relativamente a *àgora*). Efectivamente, nos dialectos não-minhotos *agora* parece produzir resultados bastante mais aceitáveis quer com expletivos quer com *wh-* exclamativos.^{107,108} Esse facto é perfeitamente esperável, pois, assumindo-se que nos dialectos centro-meridionais *agora* se situa numa posição do domínio de CP abaixo de Spec, ForceP, deverá ser compatível com constituintes que ocupam essa posição. Vejam-se os exemplos (293)-(294), relativamente ao expletivo *ele*, e (295), relativamente aos constituintes *wh-* exclamativos.¹⁰⁹

(293) Pressão? Que pressão? Ele há *agora* pressão!¹¹⁰

(294) Pronto, mas eu estava educada no outro tear.¹¹¹

INQ Mas o tear era igual ou era mais largo?

INF Não. *Ele* era lá *agora*! Ele o tear do pardo era muito largo.

¹⁰⁷ Ainda que alguns falantes tenham dificuldades em aceitar essas frases, a identificação de ocorrências em *corpora* e o testemunho de falantes para quem as construções são naturais mostram contrastes relativamente a *àgora*: nos dialectos do Minho a agramaticalidade das frases apresentadas é muito mais consensual.

¹⁰⁸ Admitimos a possibilidade de o marcador de negação metalinguística *agora* produtivo nos dialectos centro-meridionais existir, ainda que marginalmente, nos dialectos minhotos, com a mesma realização fonética e ocorrendo em estruturas iguais às do sul, em posição pós-verbal. Assim sendo, as frases (293)-(295) serão possíveis no Minho, mas apenas se considerarmos a variante *agora* (e não *àgora*). Quanto à opção característica do Minho (i.e., *àgora*), objecto de estudo deste trabalho, é impossível a sua co-ocorrência com os constituintes em questão.

¹⁰⁹ Mesmo que se considere que os constituintes *wh-* exclamativos não estão em Spec, ForceP (ao contrário do que assumimos) e tivermos em conta, por exemplo, a proposta de Ambar, que os coloca abaixo de AssP, o raciocínio mantém-se: *agora* nos dialectos não-minhotos não disputa a mesma posição que os constituintes *wh-* (*agora* está acima destes, em AssP) e, por isso, pode co-ocorrer com eles. Numa estrutura deste tipo, já seria esperável a gramaticalidade da co-ocorrência de *àgora* com *wh-* exclamativos, mas, conforme veremos mais à frente (cf. 3.3.4.), a impossibilidade de ocorrência destes dois constituintes poderá ser justificada por outros factores.

¹¹⁰ Exemplo retirado de: <http://socraquistao.wordpress.com/2010/02/03/por-que-carga-de-agua-tera-jose-leite/>.

¹¹¹ Exemplo encontrado no *corpus* CORDIAL-SIN, produzido por um falante de Outeiro.

- (295) A: Que dia bonito!
 B: *Que* dia bonito *agora*! Chove imenso!

Seguindo a mesma linha de raciocínio que vínhamos a percorrer, constata-se que há novas situações de agramaticalidade quando *àgora* co-ocorre com outros constituintes que presumivelmente ocupam Spec, ForceP. Observem-se as frases exclamativas abaixo:

- (296) A: Os disparates que ele faz!
 B: a. **Àgora* os disparates *que* ele faz!
 b. *Os disparates *àgora que* ele faz!

Vejamos a proposta de análise de Zanuttini e Portner (2003) para as frases exclamativas nominais do tipo das apresentadas acima. Os autores defendem que todas as frases exclamativas incluem um elemento que codifica a factividade e um operador *wh-* (que ocupa a posição mais alta de CP), sendo que em frases como a de (296) é, segundo os autores, o pronome relativo que assume o papel de operador *wh-*: “A remaining issue concerns the status of nominal exclamatives (...) we argued that they also have the two syntactic components which mark an exclamative, namely the WH and factive operators. As for the WH operator, the relative pronoun can fulfill this role. The factive operator is in the extra [Spec,CP] provided by an additional CP layer, as with clausal exclamatives.” (cf. Zanuttini e Portner 2003:41).

A agramaticalidade de *àgora* com constituintes que ocupam Spec, ForceP (o expletivo *ele*; *wh*-exclamativos, de acordo com algumas abordagens; pronomes relativos como em (296)), pode constituir, de facto, argumento no sentido de mostrar que *àgora* se associa a essa posição. Nesse caso, *àgora* e esses constituintes concorreriam pela mesma posição, pelo que a sua co-ocorrência num mesmo domínio frásico geraria, naturalmente, frases agramaticais.

Em síntese, os dados empíricos mostram, amplamente, que *àgora* é sempre anteposto a todos os constituintes periféricos com os quais pode ocorrer na frase (nomeadamente, tópicos e focos contrastivos antepostos). Descritivamente, pode pois dizer-se que obedece a um requisito de primeira posição. Por outro lado, é incompatível com constituintes periféricos como o expletivo *ele* e os *wh-* exclamativos. Estes factos podem ser, no seu conjunto, derivados pela análise que propusemos, e a favor da qual

argumentámos, ao longo desta secção: a posição estrutural de *àgora* é Spec, ForceP. Isto coloca-o à esquerda dos tópicos e focos marcados, de acordo com a estrutura da frase que aqui assumimos (i.e., Rizzi (1997)), e torna-o incompatível com o expletivo *ele* e com os *wh*-exclamativos, na medida em que *àgora* e estes constituintes disputam a posição mais alta do domínio de CP.

Relativamente aos *wh*-exclamativos, no entanto, há um ponto a sublinhar, que levará à proposta a desenvolver na secção seguinte: acredita-se que a impossibilidade de *àgora* co-ocorrer com esses constituintes terá muito que ver com o facto de *àgora* poder ser considerado, ele próprio, um constituinte exclamativo (nesse caso, a agramaticalidade não advém exclusivamente do facto de concorrerem pela mesma posição estrutural mas do facto de *àgora* não poder co-ocorrer, na mesma frase, com outros constituintes da mesma natureza). Veja-se, então, a secção que se segue.

3.3.4 O traço [+exclamativo] de *àgora*

Defendemos, atrás, que o marcador *àgora* ocorre, dentro de CP, em ForceP (mais concretamente na posição de especificador). Evidenciámos também que *àgora*, ao marcar uma frase como resposta, está associado, simultaneamente, ao traço [+responsivo] e ao traço [+declarativo] – uma propriedade comum aos restantes marcadores de negação metalingüística. Queremos, agora, mostrar uma outra propriedade inerente a este marcador (esta talvez distintiva relativamente a outros marcadores de negação metalingüística): a presença do traço [+exclamativo].

A primeira evidência nítida de uma relação entre a modalidade exclamativa e as frases com *àgora* chega-nos através da prosódia, particularmente da entoação. Tomando como referência Prieto (2002), a propósito da entoação na língua catalã, deve referir-se que a entoação exclamativa, que representa “actos de fala de tipo expressivo”, pode estar presente na frase “declarativa (cf. *Canta uma canção!*), interrogativa (cf. *Canta uma canção?!*) e imperativa (*Canta uma canção!*)”.¹¹² Conforme mostraremos a seguir, há indícios claros de que as frases que integram o marcador *àgora* devem ser

¹¹² Tradução minha.

consideradas declarativas exclamativas,¹¹³ por terem muito em comum com as declarativas exclamativas descritas por Prieto (2002).

Vejamos então porquê. Antes de mais, facilmente se percebe que a negação com *àgora* representa, de facto, um acto de fala de tipo expressivo: ela expressa, sistematicamente, uma objecção, traduzindo o envolvimento do falante relativamente a determinada asserção que contesta.

Por outro lado, a entoação associada às frases com *àgora* revela um padrão descendente: o contorno entoacional exibe um pico mais agudo, logo na primeira sílaba (*àgora* realiza-se sem elevação da vogal átona inicial: [a'gɔrɐ]), e vai-se tornando progressivamente mais grave até ao final da frase. É relevante notar que é precisamente este tipo de padrão que vem descrito em Prieto (2002) como uma das entoações possíveis nas frases declarativas exclamativas: “una altra entonació usada habitualment és l'anomenada *exclamació descendent*,¹¹⁴ (...). El contorn comença en un nivell agut de la tessitura del parlant – més agut com més emfàtica és l'oració – que va davallant de forma escalonada al llarg de l'enunciat” (cf. Prieto 2002:419).

Relembremos então os exemplos que mostram que *àgora* não pode ocorrer com constituintes *wh*- exclamativos:

- (297) A: Que lindo está!
B: **Àgora que* lindo está!
- (298) A: Como cresceu!
B: **Àgora como* cresceu!
- (299) A: Quantas pessoas vieram!
B: **Àgora quantas* pessoas vieram!

Acreditamos que *àgora* é, à semelhança destes constituintes *wh*-, um operador de tipo exclamativo, que marca a frase enquanto detentora de força exclamativa. Na linha de Alonso-Cortés (1999), sugerimos que se trata de uma “palavra exclamativa”:

¹¹³ Recorde-se que dissemos, acima, que as construções com *àgora* são sempre frases declarativas. Referimos concretamente que são asserções responsivas, i.e. são sempre frases declarativas que funcionam como resposta. A relação com a exclamação explica-se nesta secção.

¹¹⁴ Em itálico no original.

“la realización de la fuerza ilocutiva del acto de habla expresivo o fuerza exclamatoria (...), marcada gramaticalmente por una clase de palabras exclamativas o palabras-*cu* (*qué, cuál, cómo, cuánto*), palabras que ponderan o intensifican algo que afecta al hablante” (cf. Alonso-Cortés 1999:3995).

O facto de considerarmos *àgora* um marcador deste tipo – relacionando-o, mais uma vez, com o conceito de força ilocutória (e, conseqüentemente, com Force) é perfeitamente compatível com a nossa análise, que associa *àgora* às propriedades discursivas codificadas em Force e que defende que os requisitos de primeira posição que lhe estão associados são o efeito da sua colocação na posição mais alta no domínio de CP – Spec, ForceP. Podemos inclusivamente concluir que a força exclamatória específica veiculada por *àgora* é, precisamente, a objecção.

Mas devem ainda considerar-se outros dados que evidenciam, igualmente, o traço exclamativo de *àgora*. Se observarmos particularmente frases com constituintes *wh*-interrogativos que funcionam, interpretativamente, como interrogativas/exclamativas¹¹⁵, verificamos que a sua co-ocorrência com *àgora* gera resultados agramaticais, apesar de ser possível com o *agora* dos dialectos centro-meridionais:

(300) a. *Quem é que quer lá agora saber disso? Já passámos nos exames e o resto é irrelevante.*¹¹⁶

b. **Àgora quem é que quer lá saber disso? (...)*

(301) a. ... dos lados de Matosinhos, que deu o salto até aos Algarves!! Só pode ! *Quem é que ia agora lembrar-se do eixo?*

b. (...) **Àgora quem é que ia lembrar-se do eixo?*

Este contraste faz sentido. Os constituintes interrogativos são tradicionalmente associados, dentro de CP, a um nó mais baixo que os exclamativos (em CP1 segundo Zanuttini e Portner 2003:25; ver também Ambar 2000), ocupando, pois, uma posição diferente de *agora*, pelo que os dois constituintes poderão co-ocorrer.

¹¹⁵ Frases interrogativas como “Quem é que quer saber disso?” devem ser consideradas também exclamativas, na medida em que são interrogativas retóricas que implicam a resposta “Ninguém”.

¹¹⁶ Exemplo encontrado em <http://sol.sapo.pt/search/SearchResults.aspx?u=48434&o>.

Por outro lado, as mesmas frases mostram-se agramaticais com *àgora*, não por uma questão de disputarem a mesma posição estrutural (ao posicionar-se em Spec, ForceP *àgora* está acima desses constituintes) mas, talvez, por duas outras razões. Por um lado, *àgora* é mais assertivo que *agora*, de modo que é difícil associar-se, interpretativamente, a valores interrogativos¹¹⁷. Por outro lado, conforme dissemos, a estas interrogativas está associado um valor exclamativo, visível pelo facto de estarmos perante exclamativas retóricas que exigem uma resposta do tipo “Ninguém”:

(302) A: Quem é que quer saber disso?! Ninguém...

Então, a agramaticalidade de (300)-(301) poderá também ser justificada pelo traço exclamativo de *àgora*: esse traço bloqueia a co-ocorrência do marcador de negação metalingüística *àgora* com outros consituientes que também comportam o valor exclamativo.

Note-se, aliás, que a relação entre exclamação e negação metalingüística foi já, de certa forma, evidenciada por Drozd 2001 (sobre Drozd 2001, ver 1.2.3 e a secção 3.1 deste capítulo). Num trabalho sobre um tipo particular de negação produzida por crianças falantes de inglês (cf. (303)), o autor chama a atenção para a força exclamativa das frases em questão, defendendo que são “negative exclamatives used to express metalinguistic negation” (cf. Drozd 2001:49).

(303) No the Sun shinning.
No Mommy doing.
No Mommy cut it.

É interessante notar que se observarmos a descrição que o autor faz relativamente à entoação deste tipo de construções, verificamos que há um claro paralelismo com o padrão que descrevemos para *àgora* (e que acontece nas declarativas exclamativas descritas por Prieto (2002): “Metalinguistic exclamative negation does not involve the use of the contrastive fall-rise intonation contour characteristic of metalinguistic internal sentence negation, although it typically occurs with stress on the initial negative phrase” (cf. Drozd 2001:56). Tanto nas estruturas estudadas por Drozd

¹¹⁷ Recorde-se o que foi dito nas notas 3 e 108. Assim sendo, também as frases (300) e (301) serão possíveis no Minho, mas apenas se considerarmos a variante *agora* e não *àgora*.

como nas construções com *àgora*, a acentuação recai, portanto, sobre o constituinte negativo do início da frase. Isto aproxima as duas estruturas e coloca-as, quanto à entoação, no nível das declarativas exclamativas descritas por Prieto (2002).

Assumindo esta natureza exclamativa de *àgora*, explicar-se-ão os casos de agramaticalidade apontados atrás (cf. (297)-(299) e (300)-(301)) e, ainda, a agramaticalidade do exemplo abaixo:

- (304) A: Claro que te conto!
 B: a. ???**Àgora claro* que me contas!
 b. **Claro àgora* que me contas!

Note-se que, de acordo com Gutiérrez (2001), o AdvP “claro” introduz uma frase exclamativa, associando-se a Force: “the reading described above is clearly propositional and generated by merger with the head of ForceP [...]” (cf. Gutiérrez 2001:184). Sendo assim, *claro* será uma palavra exclamativa,¹¹⁸ à semelhança do que propomos para *àgora*, pelo que não poderão co-ocorrer.¹¹⁹

Se assumirmos que todos os marcadores de negação metalinguística expressam uma objecção (no sentido de Horn 1985, 1989), será fácil perceber, nestas construções, um carácter exclamativo. Contudo, a exposição feita nesta subsecção pretende evidenciar que *àgora*, diferentemente dos outros marcadores de negação metalinguística do português, estabelece uma relação particularmente nítida com a força exclamativa, associando-se, inclusivamente, ao traço [+exclamativo] característico dos constituintes *wh*- exclamativos – facto que nos permite considerar *àgora* um constituinte exclamativo.

¹¹⁸ Na verdade, pode ainda haver uma explicação adicional que contribua para a agramaticalidade da frase em questão. Note-se que, conforme vimos no capítulo 2 sobre a natureza semântica dos advérbios que se associam ao marcador de negação *àgora*, este marcador não pode co-ocorrer com os advérbios “orientados para o falante” (cf. Costa e Costa 2001), de que “claro” pode ser considerado um exemplo.

¹¹⁹ De resto, se nos questionarmos, ainda, sobre a agramaticalidade de *àgora* com um último tipo de frases exclamativas (exclamativas não-verbais do tipo de “Bonita, a rapariga”), facilmente se percebe que, neste caso, não poderia haveria juízos gramaticais (cf.: **Àgora bonita*, a rapariga) se considerarmos o que já dissemos no capítulo 2: *àgora* deve ocorrer, sempre, com um elemento polar, o que aqui não se verifica. Note-se ainda que de acordo com Munaro (2006a), em frases deste tipo pode assumir-se que o constituinte *wh*- não está realizado lexicalmente. “In Italian, if the predicate is an adjective, the introductory *wh*-element *che* can be dropped; the (exclamative) illocutionary force of (51b) can be expressed without resorting to the overt realization of a *wh*-feature” (cf. Munaro 2006a:203). Assumindo essa perspectiva, a agramaticalidade, já por si justificada pela ausência de polaridade, seria reforçada pela impossibilidade de co-ocorrência de *àgora* com constituintes *wh*-, conforme explicado acima nesta secção.

3.4 *Àgora/agora*: a diferenciação estrutural e a derivação dos contrastes existentes

O objectivo central deste capítulo era encontrar uma representação estrutural para *àgora*. Considerando o que atrás foi exposto, concluímos que o marcador *agora* é, nos dialectos do NO de Portugal, directamente gerado na periferia esquerda da frase (possivelmente na mesma posição apontada por Martins para *agora* nos outros dialectos, i.e., CP2/EvalP). Associa-se interpretativamente a Force e desloca-se para Spec, ForceP, pelo que exhibe o comportamento típico de um elemento de primeira posição. É, pois, um constituinte periférico à esquerda que ocupa a posição mais alta de CP. Quanto aos dialectos não-minhotos, assumimos como possível a análise efectuada por Martins (2010a), que indica que *agora* também é directamente gerado no domínio de CP, embora se mantenha numa posição estruturalmente dominada por Force.

Estas propostas de representação estrutural permitem-nos com facilidade derivar a diferença básica relativamente à variação do marcador *agora*: a ordem de palavras. O posicionamento de *àgora* em Spec, ForceP, explica que esse marcador surja, sempre, em posição inicial de frase, anteposto a todos os constituintes periféricos com os quais pode co-ocorrer. Quanto a *agora*, a ocorrência pós-verbal ou, marginalmente, em final de frase é perfeitamente explicada pela análise de Martins (2010a): ele é directamente gerado na periferia esquerda, mas envolve topicalização de ΣP para uma posição TopP à sua esquerda (cf. secção 3.2.1).

Por outro lado, a análise estrutural que adoptamos para *agora* consoante os diferentes dialectos aqui estudados é perfeitamente compatível com os outros contrastes identificados relativamente ao marcador *agora* a partir de dados empíricos. Note-se, conforme foi descrito no capítulo anterior, que outras diferenças de comportamento dizem respeito à possibilidade de *agora* se associar a outros marcadores de negação metalinguística, fenómeno impossível com *àgora*. Essa situação acontece, no entanto, devido ao facto de *àgora* se associar, unicamente, a elementos que expressam polaridade (cf. 2.5.2). É este mesmo requisito que impede que *àgora* ocorra com fragmentos nominais (que não expressam polaridade), ao passo que, nos dialectos centro-meridionais, isso já pode ocorrer: “nas frases com *agora*, os fragmentos nominais estão focalizados, *agora* ocorre na sua posição habitual e os restantes constituintes são nulos ou objecto de elipse legitimada pelo contexto discursivo” (cf. Martins 2010a).

Sublinhe-se que a argumentação que foi sendo exposta neste capítulo aponta para uma análise sintáctica dos dois tipos de *agora* do PE apenas parcialmente

diferente. Em qualquer dos dialectos estudados *agora* se relaciona interpretativamente com os traços de Force (a exposição que apresentamos em 3.3.2 é extensível ao mesmo marcador nos outros dialectos), e é também possível que o marcador seja directamente gerado na mesma posição independentemente do dialecto. Algumas diferenças dialectais relativamente a *agora* consistem nas particularidades da variante minhota já apontadas no segundo capítulo (cf. 2.4 e 2.5). Mas a diferente representação estrutural que aqui mostramos existir para *agora*, nos dois dialectos estudados, será, sobretudo, uma consequência do traço [+exclamativo] presente em *àgora*: será, pois, esse traço que faz *àgora* subir para Spec, ForceP.

3.5 Conclusão

Os dados apresentados neste capítulo responderam, espera-se, às questões inicialmente colocadas na introdução. Começámos por evidenciar as propriedades discursivas que associam *àgora* à categoria Force, tendo-se posteriormente argumentado que, contrariamente às variantes centro-meridionais, *àgora* surge associado à posição mais alta de CP: Spec, ForceP (considerando a análise de CP proposta por Rizzi 1997). Concluiu-se, então, que as diferentes posições estruturais associadas a *agora/àgora* serão, maioritariamente, um reflexo do traço [+exclamativo] presente em *àgora*, que faz o marcador subir, na variante minhota, para Spec, ForceP. A análise defendida – que associa, pois, *àgora* a Spec, ForceP – é compatível com a análise proposta por Martins para *agora* nas variantes centro-meridionais e deriva adequadamente, conforme se viu em 3.4., os contrastes apontados no capítulo anterior.

Repare-se que este capítulo, além de propor uma representação estrutural para uma construção até aqui não estudada (i.e. construções de negação metalinguística com o marcador *àgora*), trouxe ainda contributos positivos para uma análise uniforme dos marcadores de negação metalinguística. A análise que foi sugerida, junto com a proposta de Martins (2010), Drozd (2001) e com as conclusões de Pinto (a publicar), são todas convergentes e apontam para que, efectivamente, o domínio de CP seja o local onde os marcadores de negação metalinguística periféricos são directamente gerados. De resto, ao considerarmos que *àgora*, à semelhança dos restantes marcadores de negação metalinguística, deve ser analisado à luz de um conceito amplo de resposta (na senda de Jones 1999; Farkas e Bruce 2010), tornamos claro outro traço unificador das

construções de negação metalinguística: o facto de estas construções constituírem uma resposta.

No que a *agora* diz respeito, ficou assim claro, com este capítulo, que além das diferenças comportamentais que descrevemos no segundo capítulo há uma parcial diferença sintáctica: *àgora* é um elemento de primeira posição que ocorre em Spec, ForceP, muito provavelmente pela presença, neste marcador, do traço [+exclamativo], que o fará subir a essa posição.

4. Conclusão

Nesta dissertação estudou-se o marcador de negação metalingüística *agora*, pondo em evidência a variação dialectal que lhe está associada. Os dados mostraram, pois, que no dialecto do NO de Portugal o marcador *agora* exhibe características que nitidamente o afastam dos dialectos centro-meridionais.

Começámos, no capítulo 1, por fazer uma apresentação teórica do assunto desta dissertação, introduzindo o conceito de negação metalingüística (tal como definida por Horn 1985, 1989) e argumentando, na linha desse autor, que este tipo de negação se distingue da negação regular. Ao apresentar uma síntese dos trabalhos mais relevantes realizados dentro deste tema referimos, desde logo, Martins (2010a, no prelo), tornando clara a contribuição da autora para o estudo da negação metalingüística ao mostrar a existência, em PE, de marcadores de negação metalingüística não ambíguos e ao estabelecer a distinção entre marcadores internos à frase, como *cá/lá*, e marcadores periféricos, como *uma ova*, por exemplo.

No capítulo 2, após mostrarmos, com a aplicação dos testes identificados por Horn (1985, 1989), que *agora* é um marcador de negação metalingüística, provámos, seguindo Martins (2010a, no prelo), que *agora* deve ser considerado um marcador do tipo periférico, por oposição aos internos como *cá/lá*. Neste capítulo, central na nossa investigação, esforçámo-nos por evidenciar a variação dialectal existente em relação ao marcador *agora*. As propriedades que apontámos como diferenciadoras foram várias, devendo destacar-se a existência de (i) uma dicotomia pré-verbal/pós-verbal, (ii) contrastes relativamente ao contexto legitimador e (iii) diferenças quanto à possibilidade de associação com outros marcadores da mesma natureza. Porém, evidenciar claramente a existência de propriedades diferenciadores entre os dois dialectos considerados passou, sobretudo, por apresentar uma descrição detalhada de

àgora no dialecto minhoto. Nesta parte ficaram claros vários aspectos, nomeadamente a importância do conceito de polaridade para a compreensão das estruturas com *àgora* (fenómeno menos saliente nos dialectos centro-meridionais), bem como a relação necessária que se estabelece entre as estruturas com *àgora* e as noções de focalização/proeminência discursiva.

O objectivo final foi encontrar uma proposta de análise sintáctica para o marcador *agora*, capaz de derivar de forma eficaz os contrastes apontados anteriormente – foi isso que tentámos fazer no capítulo 3. Tendo assumindo, para as variantes centro-meridionais, a análise proposta por Martins (2010a, no prelo), defendeu-se, relativamente a *àgora*, que este constituinte é um elemento de primeira posição que ocorre em Spec, ForceP (de acordo com a terminologia de Rizzi 1997). Simultaneamente, demos conta da presença em *àgora* de um traço distintivo comparativamente ao mesmo marcador nos dialectos centro-meridionais (e, provavelmente, também distintivo relativamente aos restantes marcadores de negação metalinguística): o traço [+exclamativo]. Postulou-se, aliás, que será esse traço que motiva a ocorrência de *àgora* em Spec, ForceP, contrastando com a posição mais baixa em que *agora* ocorre nos dialectos centro-meridionais.

Um aspecto amplamente discutido ao longo desta dissertação foi a necessidade de considerarmos as construções com marcadores de negação metalinguística como respostas, considerando o termo “resposta” no sentido proposto por autores como Jones (1999) e Farkas e Bruce (2010). Neste trabalho mostrámos que essa relação é particularmente nítida nas construções com *àgora* (tornou-se especialmente evidente quando apontámos, no segundo capítulo, o paralelismo estrutural entre as estruturas com esse marcador e os padrões de resposta a interrogativas *sim/não* disponíveis em PE), mas sugerimos que essa relação se estabelece com qualquer marcador de negação metalinguística. Assim, a análise apresentada para *àgora* pode revelar-se importante para o estudo mais geral do tema da negação metalinguística.

Mas repare-se ainda noutro ponto. Conforme notámos no último capítulo, Martins (2010b) defende, adoptando o trabalho de Farkas e Bruce (2010), a existência de um traço comum a todos os marcadores de negação metalinguística – o traço [objecção]. O facto de no capítulo 3 termos tornado evidente que essa observação da

autora é válida também para *àgora* legítima a análise de Martins e contribui, mais uma vez, para os avanços do estudo da negação metalingüística.

Além desses contributos gerais para o estudo da negação metalingüística, esta investigação revelou ainda dados importantes concretamente para a compreensão da sintaxe dos marcadores de negação metalingüística periféricos. Lembremos que a análise aqui apresentada, que associa *àgora* ao domínio de CP, vai de encontro às outras análises existentes para os marcadores de negação metalingüística periféricos: os trabalhos de Drozd (2001), Martins (2010a, no prelo) e Pinto (a publicar) relacionam, também eles, os marcadores periféricos com o domínio de CP. De resto, os próprios conhecimentos sobre a periferia esquerda da frase estarão mais enriquecidos com este trabalho, já que ficou amplamente provado que *àgora* é um constituinte periférico à esquerda.

Temos consciência de que nem todos os aspectos merecedores de atenção relativamente ao tema do nosso estudo foram igualmente investigados. Contudo, uma investigação exaustiva a esse ponto ultrapassaria os limites deste trabalho. Poderá fazer sentido, numa investigação futura: (i) aprofundar a análise e determinar em que posição exacta *àgora* é gerado dentro da periferia esquerda, de forma a perceber exactamente que movimento lhe está associado; (ii) de um ponto de vista descritivo, alargar a investigação sobre o comportamento de *àgora* comparativamente a outros marcadores de negação metalingüística, de modo a identificar, eventualmente, novos contrastes ou traços unificadores; (iii) de um ponto de vista dialectal, estabelecer com precisão as fronteiras associadas ao uso do marcador *àgora*.

Seja como for, esta investigação serviu, acima de tudo, para tornar claro que *agora* deve ser considerado um marcador de negação metalingüística (na linha de Horn 1985,1987) e para evidenciar os contrastes dialectais que existem relativamente a esse marcador. Diga-se, adicionalmente, que esperamos que este trabalho possa ser não só mais um contributo para o conhecimento dos marcadores de negação metalingüística, concretamente em PE, como também para o conhecimento da variação sintáctica do português. E esperamos, ainda, que a sua utilidade possa vir a revelar-se extensível a outros estudos, não só os realizados para o português, como os realizados para outras línguas, contribuindo, assim, para os avanços da Linguística em geral.

5. Referências Bibliográficas

ALONSO-CORTÉS, Ángel (1999). “Las Construcciones Exclamativas. La Interjección y las Expresiones Vocativas”. In Bosque & Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Vol. 3. 3993-4050.

AMBAR, Manuela (1997). “Towards a Definition of CP – Evidence from TopicFocusP and EvaluativeP”. Comunicação apresentada em *Going Romance*. Groningen, Dezembro, 1997.

AMBAR, Manuela (1999). “Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese”. In Georges Rebuschi e Laurice Tuller (eds.), *The Grammar of Focus*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company. 23-53.

AMBAR, Manuela (2000). “Wh-Questions vs. Wh-Exclamatives – Unifying Mirror Effects”. *Hand-out* de comunicação apresentada em *Going Romance 2000*. Utrecht, Dezembro, 2000.

ANSCOMBRE, J. –C. e Oswald Ducrot (1977). “Deux *Mais* en Français?”. In *Lingua*, 43:23-40.

AUSTIN, J. L. (1962). *How to do Things with Words*. Oxford, Oxford University Press.

BAKER, C. L. (1970). “Double Negatives”. In *Linguistic Inquiry*, 1:169-186.

BENINCÀ, Paola (1995). “Tipi di Frase: Il Tipo Esclamativo”. In Lorenzo Renzi, Giampaolo Salvi e Anna Cardinaletti (eds.), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. 127-164.

BENINCÀ, Paola (1996). “La Struttura della Frase Esclamativa alla Luce del Dialecto Padovano”. In P. Benincà, G. Cinque, T. De Mauro e N. Vincent (eds.), *Italiano e Dialecti nel Ttempo. Saggi di Grammatica per Giulio C. Lepschy*. Rome, Bulzoni. 23-43.

BENINCÀ, Paola (2001). “The Position of Topic and Focus in the Left Periphery”. In Guglielmo Cinque e Giampaolo Salvi (eds.), *Current Studies in Italian Syntax. Essays Offered to Lorenzo Renzi*. North Holland, Amsterdam. 39-64.

BENINCÀ, Paola (2006). “A Detailed Map of the Left Periphery of Medieval Romance”. In Raffaella Zanuttini, Héctor Campos, Elena Herburger e Paul Portner (eds.), *Crosslinguistic Research in Syntax and Semantics. Negation, Tense and Clausal Architecture*. Georgetown University Press, Washington. 53-86.

BENINCÀ, Paola e Cecilia Poletto (2004). “Topic, Focus and V2: Defining the CP Sublayers”. In L. Rizzi (ed.), *The structure of CP and IP*. Oxford, Ed. Oxford University Press. 52-75.

BOSQUE, Ignacio (1980). *Sobre la Negación*. Madrid, Cátedra.

CARRILHO, Ernestina (2001). “Expletivos do Português Europeu em Foco: a Evidência dos Dados Dialectais”. In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Setembro 2000. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística. 131-145.

CARRILHO, Ernestina (2005). *Expletive “ele” in European Portuguese Dialects*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CARRILHO, Ernestina (2008). “Beyond Doubling: Overt Expletives in European Portuguese Dialects”. In Sjeff Barbiers, Olaf Koenen, Marika Lekakou e Margreet van der Ham (eds.), *Syntax and Semantics*, Vol. 36: *Microvariation and Syntactic Doubling*. Bingley, Emerald. 301-323.

CARSTON, Robyn (1998). “Negation, ‘Presupposition’ and the Semantic/Pragmatics Distinction”. In *Journal of Linguistics*, 34.2:309-350.

CARSTON, Robyn (1999). “Metalinguistic Negation and Echoic Use”. In *Journal of Pragmatics*, 25.3:309-330.

CASTROVIEJO, Elena (2006). *Wh-exclamatives in Catalan*. Tese de Doutoramento. Universitat de Barcelona.

CHENG, Lisa (1991). *On the Typology of Wh- Questions*. Tese de Doutoramento. MIT.

CHIERCHIA, Gennaro e Sally McConnell-Ginet (2000). *Meaning and Grammar: an Introduction to Semantics* (2.^a edição). Cambridge, EUA, MIT Press.

CHOMSKY, Noam (1971). “Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation”. In D. Steinberg e L. Jakobovits (eds.), *Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. Cambridge, Cambridge University Press. 183-216.

CHOMSKY, Noam (1976). “Conditions on Rules of Grammar”. In *Linguistic Analysis*, 2:303-352.

CHOMSKY, Noam (1995). *The Minimalist Program*. MIT Press, Cambridge, EUA.

CINTRA, Luís Filipe Lindley (1971). “Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses”. In *Boletim de Filologia*, 22. Republicado em: *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa. 1983. 117-164.

COSTA, Ana e João Costa (2001). *O que é um Advérbio*. Lisboa, Edições Colibri.

CYRINO, Sónia e Gabriela Matos (2002). “VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese: a Comparative Analysis.” In *Journal of Portuguese Linguistics*, 1.2:177-214.

CYRINO, Sónia e Gabriela Matos (2005). “Local Licensers and Recovering in VP Ellipsis Construction: Variations Across Languages and Languages Varieties”. In *Journal of Portuguese Linguistics*, 4.2:79-112.

DEMONTE, Violeta e Olga Fernández Soriano (2007). “La Periferia Izquierda Oracional y los Complementantes del Español”. In Juan Cuartero e Martine Emsel (eds.), *Vernetzungen: Kognition, Bedeutung, (kontrastive) Pragmatik*. Frankfurt, Peter Lang.

DROZD, Kenneth F. (2001). “Metalinguistic Sentence Negation in Child English”. In Jack Hoeksema, Hotze Rullmann, Víctor Sanchez-Valencia e Ton van der Wouden (eds.), *Perspectives on Negation and Polarity Items*. 49-78.

DUARTE, Inês (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DUARTE, Inês (1996). “A Topicalização em Português Europeu: uma Análise Comparativa”. In Inês Duarte e Isabel Leiria (eds.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol. 1. Lisboa, APL e Colibri. 327-358.

DUARTE, Inês (1997). “Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva”. In Ana M. Brito, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima e Rosa Maria Martelo (eds.), *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto, Campo das Letras.

DUARTE, Inês (2003). “Construções de Clivagem”. In Maria Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa* (7.^a edição). Lisboa, Caminho. 685-694.

DUARTE, Inês (2003). “Relações Gramaticais, Esquemas Relacionais e Ordem de Palavras”. In Maria Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa* (7.^a edição). Lisboa, Caminho. 275-321.

DUCROT, Oswald (1972). *Dire et ne pas Dire*. Paris, Hermann.

DUCROT, Oswald (1973). *Le Preuve et le Dire*. Paris, Maison Mame.

DUMMETT, M. (1973). *Frege: Philosophy of Language*. London, Duckworth.

FARKAS, Donka e Kim B. Bruce (2010). “On Reacting to Assertions and Polar Questions”. In *Journal of Semantics*, 27.1:81-118. Versão consultada online, primeira publicação a 15 de Setembro de 2009, em http://people.ucsc.edu/~farkas/papers/assertion_question.pdf. 1-26.

GONÇALVES, Fernanda (1994). *Negação Frásica em Português – Caracterização Sintáctica com Referência ao Processo de Aquisição*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GONZÁLEZ-RIVERA, Melvin (2008). “Frases Nominales Exclamativas y Adverbios de Cuantificación”. In *Cuadernos de Lingüística/U.P.R. Working Papers*, 1.21-37.

GRICE, H. P. (1967). “Logic and Conversation”. In *William James Lectures*, Ma., Harvard University.

GROSS, M. (1997). “Une Analyse non Présuppositionnelle de l’Effet Contrastif”. In *Linguisticae Investigationes*, 1:39-62.

GUTIÉRREZ-REXACH, Javier (2001). “Spanish Exclamatives and the Semantics of Left Periphery”. In Y. D’Hulst, J. Rooryck e J. Schroten (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins. 167-194.

HAEGEMAN, Liliane (2002). “Anchoring to Speaker, Adverbial Clauses and the Structure of CP”. In Simon Mauck e Jenny Mittelstaedt (eds.), *Georgetown University Working Papers in Theoretical Linguistics*, 2:117-180.

HORN, Laurence R. (1985). “Metalinguistic Negation and Pragmatic Ambiguity”. In *Language*, 61:121-174.

HORN, Laurence R. (1989). *A Natural History of Negation*. CSLI Publications. 2001.

HUDDLESTON, Rodney (2002). “Exclamative Content Clauses”. In Rodney Huddleston e Geoffrey K. Pullum (eds.), *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge, Cambridge University Press. 991-993.

JACKENDOFF, Ray S. (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Ma., MIT Press.

JONES, Bob Morris (1999). *The Welsh Answering System*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter.

KARTTUNEN, Lauri e Stanley Peters (1979). “Conventional Implicature”. In Choon-Kyu Oh e David A. Dinneen (eds.), *Syntax and Semantics 11: Presupposition*. New York, Academic Press. 1-56.

KATO, Yasuhiko (1985). *Negative Sentences in Japanese*. Sophia University, Tokyo.

KURODA, S. –Yasujiro (1972-1973). “The Categorical and the Thetic Judgement”. In *Foundations of Language*, 9(2):153-185.

LOBO, Maria (2006). “Assimetrias em Construções de Clivagem do Português: Movimento vs. Geração na Base”. In *XXI Encontro Nacional da APL, Textos Seleccionados*, APL, Lisboa. 457-473.

MARANDIN, Jean-Marie (2008). “The Exclamative Clause Type in French”. In Stefan Müller (ed.), *Proceedings of the HPSG08 Conference NICT, Keihanna, Japan*. CSLI Publications (disponível em <http://csli-publications.stanford.edu>).

MARTINS, Ana Maria (1994). *Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MARTINS, Ana Maria (2006). “Emphatic Affirmation and Polarity: Contrasting European Portuguese with Brazilian Portuguese, Spanish, Catalan and Galician”. In Jenny Doetjes e Paz Gonzalez (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2004*. Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins. 197-223.

MARTINS, Ana Maria (2009). “The Portuguese Answering System”. Comunicação apresentada na Universidade de Zurique, 16 de Outubro, 2009.

MARTINS, Ana Maria (2010a). “Negação Metalinguística (*lá, cá e agora*)”. In *Actas do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa.

MARTINS, Ana Maria (2010b). Relatório do Seminário de *Linguística Comparada: Tópicos de Gramática do Português numa Perspectiva Comparativa*. Relatório apresentado a provas públicas para obtenção do título académico de agregado no ramo de Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MARTINS, Ana Maria (no prelo). “Deictic Locatives, Emphasis and Metalinguistic Negation”. In Charlotte Galves *et al.*, *Diachronic Syntax: Parameter Theory and Dynamics of Change*. Oxford University Press.

MATOS, Gabriela (2003). “Aspectos Sintáticos da Negação.” In Maria Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa* (7.^a edição). Lisboa, Caminho. 767-793.

MATOS, Gabriela (2003). “Construções Elípticas”. In Maria Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa* (7.^a edição). Lisboa, Caminho. 869-913.

MUNARO, Nicola (2006a). “Verbless Exclamatives Across Romance: Standard Expectations and Tentative Evaluations”. In *Working Paper in Linguistics*, 16:185-209.

MUNARO, Nicola (2006b). “Wh-Exclamatives and Criterial Freezing: Parametrizing the Wh-Criterion”. Comunicação apresentada em *1st Cambridge Italian Dialect Syntax Meeting*, Universidade de Cambridge, 21-22 de Abril, 2006.

PINTO, Clara (a publicar). *Negação Metalinguística e Estruturas com “Nada” no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

POLETTI, Cecilia (2000). *The Higher Functional Field. Evidence from Northern Italian Dialects*. Oxford, Oxford University Press.

POLETTI, Cecilia (2008). "The Syntax of Focus Negation". In *Working Papers in Linguistics*, Vol. 18, University of Venice. 179-202.

PORTNER, Paul e Raffaella Zanuttini (2000). "The Force of Negation in *Wh* Exclamatives and Interrogatives". In L. Horn e Y. Kato (eds.), *Studies in Negation and Polarity: Syntactic and Semantic Perspectives*. New York e Oxford: Oxford University Press. 201-39.

PORTNER, Paul e Raffaella Zanuttini (2005). "The Semantics of Nominal Exclamatives". In Reinaldo Elugardo e Robert J. Stainton (eds.), *Ellipsis and Nonsentential Speech*. Springer. 57-67.

PRIETO, Pilar (2002). "Entonació". In Joan Solà, Maria-Rosa Lloret, Joan Mascaró e Manuel Pérez Saldanya (eds.), *Gramàtica del Català Contemporani*. Vol. 1. Barcelona: Empúries. 393-462.

RAPOSO, Eduardo Paiva (1995). "Próclise, Ênclise e a Posição do Verbo em Português Europeu". In João Camilo dos Santos e Frederick G. Williams (eds.), *O Amor das Letras e das Gentes. In Honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes*. Santa Barbara, Center for Portuguese Studies. University of California at Santa Barbara.

REIS, M. (1999). "On Sentence Types in German: An Enquiry into the Relationship Between Grammar and Pragmatics". In *Interdisciplinary Journal of Germanic Linguistics and Semiotic Analysis*, 4(2):195-236.

REIS, M. (2003). "On the Form and Interpretation of German *Wh*-Infinitives". In *Journal of Germanic Linguistics*, 15:155-201.

RIZZI, Luigi (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht, Foris.

RIZZI, Luigi (1997). "The Fine Structure of the Left Periphery". In Liliane Haegeman (ed.), *Elements of Grammar. Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht, Kluwer. 281-337.

SADOCK, J. M. e A. M. Zwicky (1985). "Speech Act Distinctions in Syntax". In T. Shopen (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge, Cambridge University Press. 155-196.

SAEED, John I. (2003). "Functions of Language: Speech as Action". In John I. Saeed, *Semantics* (2.^a edição). 219-242.

SANTOS, Ana Lúcia (2002). "Answers to *yes/no* Questions and Clitic Placement: the Question of Adverbs". In A. Gonçalves e C. Nunes Correia (eds.), *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística. 445- 455.

SANTOS, Ana Lúcia (2003). “The Acquisition of Answers to *yes/no* Questions in Portuguese: Syntactic, Discourse and Pragmatic Factors”. In *Journal of Portuguese Linguistics*, 2.1:61-91.

SANTOS, Ana Lúcia (2009). *Minimal Answers: Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*. Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins.

SEARLE, John (1965). “What is a Speech Act?” In Max Black (ed.), *Philosophy in America*. Ithaca, Cornell University Press. 221-239.

SEARLE, John, Ferenc Kiefer e Manfred Bierwisch (1980). *Speech Act Theory and Pragmatics*. Synthese Language Library. Dordrecht, D. Reidel Publishing Company.

SPERBER, D. e D. Wilson (1986). *Relevance: Communication and Cognition*. Oxford, Blackwell.

URIAGEREKA, Juan (1992). “A Focus Position in Western Romance”. Comunicação apresentada em GLOW 15. Lisboa, 1992.

URIAGEREKA, Juan (1995). “An F Position in Western Romance”. In K. É. Kiss (ed.), *Discourse Configurational Languages*. Oxford, Oxford University Press. 153-175.

VILLALBA, Xavier (2001). “The Right Edge of Exclamative Sentences in Catalan”. In *Catalan Working Papers in Linguistics*, 9:119-135.

VILLALBA, Xavier (2003). “An Exceptional Exclamative Sentence Type in Romance”. In *Lingua*, 113:713-745.

WILSON, D. e D. Sperber (1988). “Representation and Relevance”. In R. Kempson (ed.), *Mental Representations: The Interface Between Language and Reality*. Cambridge University Press. 133-153.

WILSON, D. e D. Sperber (1992). “On Verbal Irony”. In *Lingua*, 87. 53-76.

ZANUTTINI, Raffaella e Paul Portner (2000). “The Characterization of Exclamative Clauses in Paduan”. In *Language*, 76.1:123-32.

ZANUTTINI, Raffaella e Paul Portner (2003). “Exclamative Clauses: At the Syntax-Semantics Interface”. In *Language*, 79.3:39-81. Acedido a 28 de Junho de 2010, em: <http://www9.georgetown.edu/faculty/zanuttir/publications/nominal-exclamatives.pdf>. 1-48.

ZIMMERMANN, M. (2008). “Contrastive Focus and Emphasis”. In *Acta Linguistica Hungarica*, 55:347-360.

ZUBIZARRETA, María Luisa (1998). *Prosody, Focus and Word Order*. Massachusetts Institute of Technology.

ZUBIZARRETA, María Luisa (1999). “Las Funciones Informativas: Tema y Foco”. In Bosque & Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. 3. Madrid. 4215-4244.

Dados de Corpora

CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*, acedido em http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/cordialsin/projecto_cordialsin_corpus.php.

CORP-ORAL – *Corpus de Fala Espontânea em Português Europeu*, acedido em <http://www.iltec.pt/spock/>.

Corpus do Português de Mark Davies e Michael J. Ferreira, acedido em <http://www.corpusdoportugues.org/>.